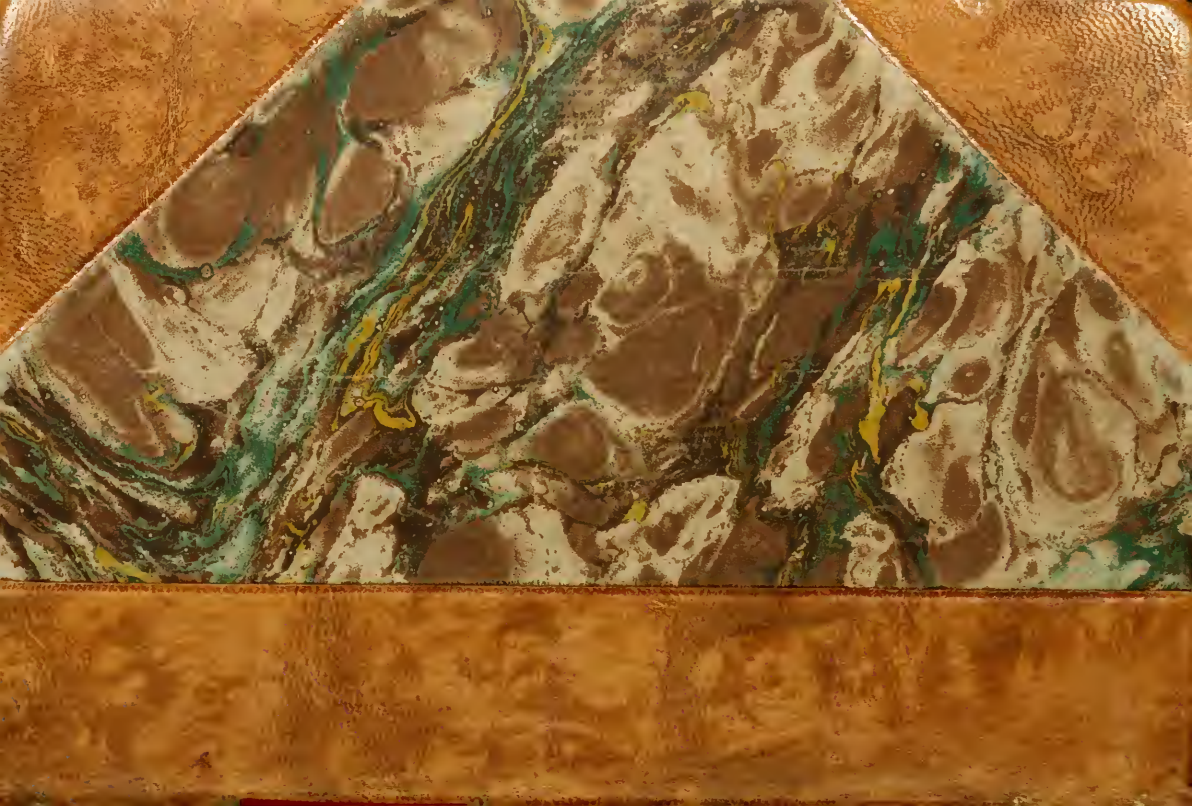

NB 177 73

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/conquistaantigui00gasc

CONQUISTA,
ANTIGUIDADE, E NOBREZA
DA
MUI INSIGNE, E INCLITA
CIDADE DE COIMBRA,
ESCRIPTAS
POR
ANTONIO COELHO GASCO,
E
OBRAS INEDITAS
DE
ANTONIO DE ABREU;
Amigo, e Companheiro de Luiz de Camões
no Estado da India,
OFFERECIDAS
AO MUITO ALTO E PODEROSO SENHOR
D. JOÃO
PRINCIPE REGENTE.
POR
ANTONIO LOURENÇO CAMINHA;
Professor Regio de Rhetorica e Poetica.
SEGUNDA EDIÇÃO NOVAMENTE CORRIGIDA.

LISBOA
NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1807.
Com Licença de Sua Alteza Real.

Este he o estudo mais digno dos maiores homens, e mais noticiosos das letras humanas.

D. Rodrigo da Cunha na sua Hist. Eccl. da Igrej. de Lisboa.

SENHOR.

OS immortaes Escritos (eternos monumentos mais perennes que o bronze, e que o marmore) que a sábia Antiguidade nos deixou, em todos os tempos, forão considerados pelos Sabios, digna, e preciosa Offerta dos Soberanos, os quaes sempre as reputárão de mór valia, que não são as perolas, e especiarias do Ganges.

O bem notorio zelo, com que VOSSA ALTEZA REAL promove o adiantamento de todas as Artes, e Sciencias, me assegura por huma vez, que VOSSA ALTEZA REAL receberá com jubilo a presente Obra que este sabio Genio Lusitano soube tirar das densas tré-

 vas

vas da Antiguidade, e desenterrada hoje restaurada apparece á luz do dia. VOSSA ALTEZA REAL desculpará a minha limitada Offerta. Deos guarde a VOSSA ALTEZA REAL o dilatado tempo do meu desejo.

De VOSSA ALTEZA REAL

O mais humilde, e reverente Vassallo

Antonio Lourenço Caminha.

DISCURSO PRELIMINAR.

O Precioso Monumento (que a pezar da verocidade do tempo, que tudo consome, e aniquila, hoje damos ao Público do insigne Jurisconsulto Antonio Coelho Gasco) os Sábios da Nação por quem foi visto, e admirado, reputão por hum daquelles nobres escritos, que a idade aurea da nossa litteratura produzio, e por esta causa nos não podemos dispensar de o fazer communicavel ao Público instruido pelo beneficio do Prélo.

Precisariamos de hum longo e prolixo Discurso Preliminar, se entrassemos no projecto de analysar o improbo tra-

trabalho, e canceira desta laboriosa composição, producto feliz deste grande Genio Lusitano; porque são tantos os exames de pedras sepulchraes, de apagados pergaminhos, e de outras muitas Antiguidades de Portugal, e Hespanha, que o Leitor comprehende de huma vez, que Gasco em nada fica inferior aos Aldretes, Gloriveus del Campo, Moralles, e dos nossos, Estaços, Marinhos, Resendes, Oliveiras, e Ruys de Pina (1), famosos Escavadores de mil Antiguidades, com que tanto se nos augmentárão os Monumentos litterarios.

Cuidámos, quanto em nós esteve, de conservar em tudo a sua antiga, e primitiva pureza de estylo, pensamentos, e frase nobre, e genuina. A Orthografia he a mesma, excepto em algumas letras duplicadas, de que os nossos bons antigos fizerão vulgar uso, cuja falta em nada empobrece o Original. Es-

(1) Quando podermos, daremos ao Público as Antiguidades d'entre Doiro e Minho, escritas por este Chronista, como tambem as da Cidade de Vizeu.

Escolhemos tambem a Regia Officina Typografica, não só por melhor, como por estar fornecida de habilissimos Correctores, e de sábios Magistrados que a regulão.

Por esta causa esperamos que o Público illustrado receba gostoso o presente Monumento, e que nos anime para a publicação de outras muitas Antiguidades ineditas, com que pertendemos enriquecer o Patrio Idioma, e a Republica das Letras.

Ficão a licenciar-se as Ordenações da India do Senhor Rei D. Manoel de immortal memoria. Algumas Cartas do grande Luminar da Igreja de Silves, o sabio Cicero Lusitano D. Hieronymo Osorio em linguagem Portugueza, cuja raridade as fará dignas de estima em toda a Europa illuminada (1), e huma Descripção Geografica de Malaca chama-

(1) São rarissimos os Escritos em linguagem Portugueza deste grande Bispo; a pezar de tudo faremos apparecer as mencionadas Cartas, cuja posse devemos á bem notoria liberalidade do Illustrissimo e Excellentissimo Sr. Marquez de Angeja D.

mada dos Antigos Aurea Chersoneso do grande Cosmografo Indiano Manoel Godinho de Eeredia, de que Diogo Barbosa Machado na sua Bibliotheca Lusitana faz especial menção, o que tudo fará dous volumes de oitavo Francez.

José etc. e oito livros da Iliada do divino Homero igualmente em linguagem, que tivemos a fortuna de achar na Cidade Silves no Reino do Algarve, quando alli residimos.

CA-

CAPITULO I.

De quem era filho El-Rei D. Fernando o Magno, e de como os Monges de Lorvão o persuadem a vir sobre Coimbra.

A Mui famosa, e sempre leal Cidade de Coimbra, célebre entre as de Europa, jaz em huma insigne Costa de agradavel sitio em extremo, airosa, e fortalecida por natureza, lavada de favoraveis ventos, e estrellas, plantada em Clima benigno de ares, com a fronte ao Ocidente sobre as frescas, e humbrosas Ribeiras do Mondego, Rio tão conhecido por suas claras, e amorosas aguas, como na verdade ellas o são, para quem em lembrança traz o espirito cançado. Foi conquistada por hum nobre Imperador, homem de heroicas virtudes, e de grandes feitos em armas, chamado por excellencia D. Fernando o Magno, que foi o primeiro Rei que felizmente rei-

reinou em Castella (1), filho do Conde D. Sancho, o qual estendeo grandemente seus Reinos, e Estados, com as continuas victorias, e novas conquistas, que em seus dias alcançou dos Infieis, com que ficou sendo o mais glorioso Principe, que conheceo sua idade.

E este depois que venceo, e matou em batalha no valle de Thamara a seu Cunhado D. Bermundo, (2) vierão ter com elle em Carion dois Religiosos do antigo Mosteiro de Lorvão, que fica duas leguas, e meia além de Coimbra. (3) Em segredo lhe disserão o estado em que esta Cidade estava, e assim dos largos trabalhos que no caminho padecêrão. Porque como hião lá, vião bem a pouca vigilancia, e presidio que tinha: persuadindo aos Maiores, antes de sua ida, (que monteavão aos veados, e descião a seu Convento, a os comer com elles) de como se partião a Ouviedo

(1) Fr. Bernardo de Brito Chronic. de Cister. liv. 6. Gam. 6. liv. 2. e 1.

(2) Ambr. de Mor. liv. 17. c. vlxx.

(3) Duarte Nunes in Chronic.

viedo em romaria a S. Salvador em penitencia de seus peccados. (1) Por certo em muito estimou o bom Rei de ouvir cousa, que sua alma tanto desejava, por onde os recebeo em conselho na primeira casa de seu aposento, tratando-os com igual cortezia, mostrando-lhes todo o amor, e agazalho do que ser podia. Promettendo-lhes que, sendo Deos servido, a iria cercar com seu Exercito, no que mostrou em exemplo, que as materias arduas, costuma com dilação de as desviar com algum máo successo, não sendo logo executadas.

E com razão se alegrava o virtuoso Rei, de commetter semelhante empreza, pois Coimbra era coração, ramalhete, e flor da Lusitania, em que havia de ser realçada, com ser Coroa, e Corte dos Serenissimos Reis de Portugal, e illustrada com huma insigne Academia, das mais famosas do Mundo, com que ficou sendo vivo retrato da eloquente Athenas, altamente ennobrecida com muitos claros Varões, que produ-

(1) Ambr. de Moral liv. 10.

duzio criados com o leite, e ambrozia de suas divinas, e humanas sciencias. Em louvor da qual aqui se póde trazer aquelles amorosos cantares latinos, com que o Poeta Tibullo falla com a Imperial Roma na Elegia terceira.

. . . . . *Roma tuum nomen fatale regendis*
Qua sua de Coelo prospicit arva Ceres:
Quaque patent artus, et qua fluitantibus undis
Solis anhelantes abluit amnis equos.

CAPITULO II.

Como El-Rei D. Fernando ganhou Coimbra, e o que mais nella lhe succedeo.

TAnto que El-Rei D. Fernando o Magno juntou seu Exercito, veio sobre Coimbra no anno do Senhor 1064, (1) e por espaço de sete mezes a teve mui apertada com continuos assaltos, e combates. Defendendo-se sempre os Mouros animosamente com seu Rei Cide Arabum Arabe, guerreiro Africano; porque he natural de corações esforçados quererem antes morrer com liberdade, que viver em captiveiro, assim pelo inexpugnavel sitio da Cidade, como pela boa cavallaria que dentro tinhão. Faltando neste tempo mantimentos, mandou El-Rei lançar pregão, que dahi a quatro dias presentes, levantava seu

(1) Fr. Bernardo in Chr. Cist. lib. 6. cap. sq. Idem act. em 2. part. Monarch. Lus: liv. 7. cap. 28.

seu arraial, e marchava com elle a Leão. O que sabendo o Abbade de Lorvão fez huma avisada partida a seus Monges, em que summariamente lhes relatou o muito que importava ao bem da Christandade de Hespanha ser conquistada Coimbra. Com a qual vierão todos em claustro pleno, que lhe levassem os mantimentos, que então tinhão, e com elles mais alegres chegárão felices ao campo de El-Rei D. Fernando; em que bem se mostrárão ser grandes servos de Deos, como na verdade o erão, aquelles bons Religiosos, com que se continuou outra vez o cerco; e antes que acabasse a semana, em que se querião partir, entrárão os nossos victoriosos pela porta, que hoje se chama da traição, que era a vinte e oito de Junho, dia mui assignalado, por ser vespera dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo.

Alvorárão as Bandeiras, Estendartes, e Pendões sobre os altos muros, invocando nelles com grandes vivas, e vozes o nome de Fernando, tão sentido dos tristes moradores, pelo miseravel estado em que a vária fortuna os ti-

nha

nha postos, pois todos caminhavão ao fio da cruel espada, bem digno açoite de suas culpas.

Aquelles honrados, e virtuosos Senhores, depois da entrada, se lembrárão do que devião nesta empreza aos Religiosos de S. Bento, aos quaes Monges de Lorvão El-Rei disse diante de todos, e fallando com elles: Meus amigos, tudo se espera, e tudo se póde crer de vossas virtudes e bondades, nem eu tenho a razão tão fraca, que me não venha á memoria o muito que vos devo nesta victoria, a qual me deo Deos por vossas orações e merecimento, já antigamente mui conhecido dos Senhores Reis de Leão, meus antecessores. Pelo que eu vos offereço esta Cidade, e como cousa vossa podeis dispôr della: a cuja resposta lhe beijarão a mão aquelles Santos Varões, dizendo a El-Rei, que assás tinhão em ter a sua Alteza por seu Rei, e supremo Principe, por onde a não aceitavão, mas antes lhe offerecêrão huma requissima Coroa de finissimo ouro, lavrada de muita pedraria de grande valor e estima, que fora de Gonçalo

Mu-

Moniz, Genro de El-Rei D. Bermudo.

Ainda até ao dia seguinte se defenderão alguns Cavalleiros Mouros no Castello, em companhia e guarda de seu Rei Cide Arabum Arabe, mas o Principe Mouro lho entregou logo, com concerto, que sahissem todos com vida. Está este Castello situado no mais alto da Cidade, sobre pedra viva mui fortalecido de altas torres, e altas muralhas, inda que hoje algum tanto arruinadas. Tem em seu circuito huma antiquissima torre, fabricada de cinco cantos, que foi edificada por Hercules, a quem deixou seu nome, não sómente a estes fertiles prados do Mondego, por ella chamados Herculeos, mas á mesma Cidade, e bem declara em sua velhice as centenas dos muitos annos, que tem de sua fundação. Junto della se levanta huma fermosissima, e sumptuosa torre, não tão antiga, mas mais nobre por seu edificio; da qual se descobrem alegres montes e campos: he inexpugnavel, por lhe nascer dentro agua em muita quantidade. Disserão os nossos antigos, que

ti-

tinha em si muitas riquezas, e haveres; e tanto foi isso verdade, que o felicissimo Rei D. Manoel a mandou d'esgotar, e não achou dentro nada. Na torre de Hercules está hum epitafio latino mui gastado do tempo, por onde lhe faltão algumas palavras, e letras: o numero de mil só apparece, os mais annos estão extinctos; mas bem declara como este Castello, e Cidade fora ganhada dos Sarracenos por El-Rei D. Fernando, governando-a então o Bispo D. Pedro, como eu li com muito trabalho neste antiquissimo letreiro, que, a meu ver, he daquelle tempo, que diz:

. . . . *hæc turris* . . . .
per Regem Ferradum . . . .
ex Serracenis era M . . . .
præsidente tunc in ea Civitate, Episcopo domino Petro.

CAPITULO III.

Arma El-Rei a muitos Cavalleiros depois da victoria: declara-se a verdadeira etymologia de Coimbra.

DEzoito annos era do reinado de El-Rei D. Fernando, (1) quando ganhou Coimbra aos Mouros: em cuja Mesquita maior, depois de consagrada, e intitulada Santa Maria, tomando a espada do Altar com muita alegria, (2) e contentamento, armou com ella a novecentos Cavalleiros, e hum delles foi aquelle raio da guerra, e famosissimo Castelhano Ruy Dias, o nobre Conquistador do Reino de Valença, (3) filho de Diogo Laynes, Juiz de Castella, e de Dona Teresa Nunes, filha de D. Nuno Alvares,

(1) Chron. Esp. 4. part.
(2) Episc. D. Clod. in comp. hist. lib. 11. cap. 11.
(3) Diogo Val. in Chron. Cid. Ruy D. C. t.

res, Conde da Maya (1), do qual as proezas, indaque moço neste tempo, forão maiores do que a fama conta. O mesmo Rei, para mais o honrar, com grande solemnidade, lhe cingio a espada, e lhe deo com mostras de grande amor, paz na facia. Para que os outros Cavalleiros se igualassem com elle nas obras, e tivessem alta memoria de seus acontecimentos, e para que a idade de suas façanhas para sempre cantasse. Antes desta gloriosa victoria vio huma visão Estiano, Bispo Grego, pela alta noite, estando na Cidade de Compostella, na qual vio o Apostolo Sant-Iago ricamente armado Cavalleiro, em hum formoso cavallo pombo, e lhe disse: *Olha Estiano, para estas douradas chaves, que com ellas, amanhecendo, abrirei as portas de Coimbra aos guerreiros Soldados de Fernando: pelo que, ó Estiano, não duvides pelejar nas batalhas em ajuda dos Castelhanos.* E dizia o Santo Apostolo isto a este Bispo, porque zombava dos que lhe dizião, que

(1) Fr. Decu. Val. in proc. in trat. spirit.

apparecia Sant-Iago nas batalhas, (1) e assim aconteceo, que na mesma manhã foi ganhada Coimbra. Na qual Cidade deixou El-Rei a D. Sisnando por Fronteiro Mór della, por seus grandes serviços, que foi o que nesta batalha mais honra ganhou, que em muita parte fez vantagem a todos os mais.

Logo se partio El-Rei em romaria a Sant-Iago, onde com muita devoção, e lagrimas cumprio a Novena, e no fim da qual lhe offereceo os despojos, e riquezas, que alcançára da presente victoria. A cujo louvor do glorioso Apostolo se levantou huma Igreja, que he antiquissima, nobre no edificio, e no trato, no cabo da Praça desta Cidade, onde de seus moradores todos os annos he celebrado com notaveis festas: tem na Capella mór huma campa com hum escudo partido com huma linha na parte direita, com cinco róchas, e na esquerda hum leão rompente, com este letreiro: *Esta sepultura he de Gil de Castro, e de Dona Aldença das Povoas.*

Fi-

(1) Calix. Pap. de mirac. Diu. Gaial.

Ficou Coimbra libertada, e com Bispo, que já estivera no Reinado de Revisvindo aquelle Christianissimo, e grande Principe Godo, como foi Celidonio, e chamada logo em sua infancia, e principio Colibria, que tomou o nome Latino de *Colis imbrium*, que he o mesmo, que outeiro de chuvas. (1) Por tempo veio corromper seu vocabulo (como fizerão as mais) em Coimbra, em differença de Condeixa a Velha, chamada antigamente *Conimbrigua*, que dista pouco mais, ou menos desta Cidade duas legoas. Cidade em tempo dos Romanos nobilissima, e mui conhecida, de sumptuosas obras, illustre de arcos Romanos, e marmores antiquissimos. Hum delles bem notavel li na Ponte d'Atodoa, entre os muitos, que tem, que está quasi junto de Condeixa, escrito de bellissimas letras, com huns versos, o qual em nosso Portuguez diz:

Me-

(1) Joann. de Barr. in antiq. inter provinc.

Memoria consagrada aos Deoses dos defuntos. Eu Valeria puz esta Estatua a meu filho carissimo, e observantissimo Valerio Avito, filho de Valerio Marinho, que faleceo em idade de trinta annos.

Abaixo deste epigramma se vem cinco versos latinos com hum titulo em cima, que diz:

Mando, e quero nesta ultima vontade, que se escrevão com titulo estes cinco versos na campa de minha sepultura.

Eu Valerio Avito, natural de Condeixa, compuz estes versos, quando a morte subitamente me tirou a vida: vivi nella trinta annos, sem nenhum desconcerto: pelo que vivei os que estais ainda por nascer, porém vos admoesto que a morte he igual a todos.

O Epitafio latino he o seguinte:

D.

D. M. S.

Valerio Avito,
Valerio Mariny
Fil. A. XXX.
Val. Filio carissimo pientis. ob sequent.

P.

Scribi in titulo versiculos volo quing.
Valerius Avitus hoc scripsi
Conimbrigæ natus, Mors subito eripuit:
Vixi terdenos annos, sine crimine vitæ.
Vivite venturi,
Moneo, mors omnibus instat, &c.

CAPITULO IV.

De como os Reis de Leão ganharão Coimbra, antes do Imperador D. Fernando, e de como se sustentou na Fé.

ANtes que o Imperador D. Fernando o Magno libertasse Coimbra, a ganharão aos infieis D. Ramiro, Rei de Leão

lho de El-Rei D. Bermundo o Diacono, (1) e a tirou do poder de Haneh, Rei tyranno della. Depois deste heroico Principe a conquistou outra vez D. Affonso, o Terceiro Rei de Leão, filho de El-Rei D. Ordonho o Primeiro, quando castigou o traidor Vostisa (2). Vindo sobre ella com hum grande exercito no anno do Senhor de 898, a 30 de Dezembro, dia da Trasladação do Apostolo Sant-Iago. Nesta batalha se achou com elle o Conde Hermenegildo seu parente, e seu Capitão General, de Nação Portuguez. Mas logo foi conquistada por El-Rei Almaçor, com que chegou a tal desventura, que sete annos esteve despoyoada, e quasi arruinada, no fim dos quaes os Mouros a reedificárão.

Não forão bastantes os trabalhos, e miserias, que então se vião, em hum tão duro, e cruel captiveiro para dar de mão nunca á nossa Santissima Fé. Em cujo miseravel tempo nenhuma lingoa pó-

(1) Chron. Cist. lib. 6. c. 34.

(2) Ambros. de Morales, liv. 15, Cap. 24. Roder. Sanch. in Compend. hist. D. c. XII.

póde explicar as invenções das crueldades, com que os Mouros pertendião de apartar della. Vendo-se seus nobres moradores deitados de suas casas, despojados dos seus patrimonios; mas de contínuo alegres por terem suas Igrejas, e Mosteiros concedidos de El Rei Alboacem, neto de Tarif, aquelle forte vencedor de Hespanha, que foi Senhor, e Principe della, e de toda a mais terra, que banha os rios Alva, e Mondego (1). Hum delles foi de Clerigos claustraes, que estava em Santa Justa, que o fez hum D. Rodrigo, em cuja sepultura se vê ainda hoje huns versos latinos detraz da porta, que vai da Igreja para os claustros. Os mesmos Religiosos tinhão em S. Bartholomeu, que o dotou o Sacerdote Samuel a Lorvão nestes infelices dias (2), na porta travessa deste antigo Priorado: na banda de fóra para a parte do Evangelho li em huma pedra pequena hum letreito latino, que diz em nossa linguagem: *A oito Calendas de*

(1) Monarch. lusit. 2.p. cap. 7. liv. 7.
(2) Monarch. lusit. cap. 18. liv. 7.

de Abril faleceo Justina serva de Deos, na era de Cesar M. CC. II. Do qual a verba do seu latim he esta.

VIII. K.

Aprilis obijt
Justina, famula
Dei D. M. CC. II.

Em Lorvão tinha tambem esta Cidade Monges de S. Bento, mui estimados, por suas grandes virtudes, dos Reis Mouros, que reinárão nella. Em S. Pedro Priorado della, Igreja que deo benignamente El-Rei D. Fernando aos Frades de Lorvão, quando a tomou, celebravão-se nella os Officios Divinos com muita devoção; em hum alpendre, que tem na porta principal, está hum marmore na parede, escrito de mui antigas letras Gothicas em latim, que diz em Portuguez:

Aqui jaz o grande Eratmundo, fortissimo Soldado, o qual morreo com a dura ferida da morte ao primeiro Idos de Março, na era de Cesar de M.C.LXV.

Do

Do qual seu latim he o seguinte:

Magnus Eratmundus fortissimus miles, qui diro vulnere mortis mortuus est. Idus Martii E. M. C. LXV.

CAPITULO V.

De como Coimbra se governou por Condes em tempo de Mouros, e de como junto della foi laureada com martyrio Santa Comba, Virgem Portugueza.

AQuelle bellicoso Rei Mouro Alboacem, filho de Mahabet Albamar, que reinou prosperamente em Coimbra, inda que barbaro, Principe clementissimo, foi o que benignamente concedeo por nova Lei, que os Catholicos, que estavão debaixo de seu Senhorio, tivessem Condes para com elles serem governados, conforme seus Institutos, e Fóros. E sendo Rei desta Cidade Marvam Ibenzorach, foi Conde della hum generoso varão, chamado Theodoro, descendente dos Serenissimos Reis Godos,

dos, que na nossa Hespanha tiverão Monarquia. E depois de ganhada victoriosamente aos Mouros, a governou D. Sisnando, que foi muito combatido com contínua guerra de Benalfagi guerreiro Rei Mouro de Monte Mór o Velho. Em seu lugar succedeo por seu Governador Martim Moniz, sendo então Bispo della D. Crosconio. E logo immediatamente D. Raymundo Genro de El-Rei D. Affonso. E quasi destes tempos vi no Salvador, Priorado della, hum marmore escrito em linguagem latina, nobre por sua antiguidade; e por fazer menção da era do nascimento, está á porta principal da banda de fóra para a parte da Epistola, e junto delle hum homem a cavallo todo armado, como quem vai correndo, cuja pedra diz:

Estevão Martins fez este portal, e frontespicio delle, por sua vontade, na era de Cesar de M. CC. VII.: Era de Mil de Christo.

Estephanus Martinis sua sponte hanc portam fecit, et frontispicion. E. M. CC. VII. E.M.

Reinando os Mouros nesta Cidade, foi

foi laureada com a grinalda suavissima de martyrio huma fermosissima, e illustre donzella Portugueza, natural de hum lugar chamado Lamas, que por sua rara belleza era nomeada por Comba; mas por sua pobreza guardava hum pequeno rebanho de mansas ovelhas a seu pai, que a tal extremo chegárão: de sorte, que vierão os bons Fidalgos de Hespanha, por seus grandes peccados, neste miseravel tempo, pois quasi todos os que vivião entre Mouros se occupavão na agricultura dos campos, os quaes erão cognominados Mussarabes, por serem estes Catholicos mui favorecidos de Mussa Arabe, o qual invejoso da honra que attribuião a Tarif, lhes concedeo grandes privilegios, e liberdades.

Era esta Santa donzella hum sol mui claro, e resplandecente na virtude, igual nas palavras, pelo que ficava sendo luz, e estrella aos pastores, não se movendo nunca dos bailos pastores, de que então a terra estava povoada, como escreve hum nobre Poeta della.

Não temia a moça das requestas
Vãs dos pastores, que pastava em graça,
Via seus bailos, via suas festas,
Mas nada em seu peito assento faça.

A qual senhora sendo pedida de hum Principe Mouro, que reinava então em Portugal, a seu pobre pai, fugio, levando só comsigo a Leonardo, seu irmão; e se embrenhou em hum inhabitavél monte, entre huns grandes matos, e espessos arvoredos, juntos desta Cidade. O que sabendo o Rei Mouro a andou buscando com muita cavallaria de serra em serra, de monte em monte, até vir dar com ella. Mandando logo o cruel tyranno cortar huma daquellas arvores, e fazendo della huma alta cruz, a mandou crucificar, pela confissão da Santissima Lei Evangelica, e por guardar a angelica castidade, cujo alegre dia forão aos treze de Dezembro (1). Depois que triunfou de seu cruel amante por morrer em huma Cruz, com que glorificou a Deos, foi sepultada em S. João de

(1) Matt. Sant. Lus. fol. 1. ó. Joan. cap. 21.

de Santa Cruz em hum tumulo de pedra, que hoje se vê na parede á parte do Evangelho, com hum letreiro latino, que diz em portuguez:

Aqui descanção os ossos de Santa Comba.

Hic requiescunt ossa Diuæ Combæ.

O lugar, onde foi laureada a nossa martyr portugueza, está hum pouco além do Mosteiro de Cellas, que dista pouco desta Cidade, em cuja memoria no mesmo lugar jaz edificada huma pobre ermida, bem digna de ter hum sumptuoso Templo, qual o de Santa Sophia em Constantinopla, mettida em hum pequeno olival, cercado de vinhas. Junto á pia de agoa benta vi hum velho pergaminho posto em huma taboa com hum epigramma latino, o qual não trasladado aqui por lhe não tirar a graciosidade de sua divina Poesia. Falla com os que vem em romaria a esta santa casa, que está aberta ás sextas feiras em ver no retabulo a nossa martyr portugueza, posta em huma alta cruz, com seus cabellos, e madeixas de fino ouro, ondados quasi até os pés, com os olhos fixos no claro Ceo,

Ceo, menina na idade, segundo mostra sua pintura; e junto della o cruel Rei seu amante, ricamente vestido, em hum formoso ginete, encostado em huma lança, ainda meio irado em companhia de muitos Cavalleiros, cercado de Libreos, e Sabujos, cujo epigramma he o que se segue.

Loquitur epigramma.
Miraris quam mira vides spectanda triumpho,
Virgin..,forma petita Deo.
Hæc est illa Deo placuit quæ sponsa Columba:
Sanguine clara fuit, moribus illa magis.
Dum Xptum coluit, sprevit sponsalia regni,
Sprevit, et eximiis munera muneribus,
Atque virum simulans hostem superavit inermis:
Martyrio constans subditur ecce Crucis.
Ad superos duplici volitans ornata Corona,
Transit, et Angelis ducitur alma choris.

CA-

CAPITULO VI.

Onde estão as Reliquias da Martyr Santa Comba, e de como o glorioso Palayo foi natural da Cidade de Coimbra.

NÃo se sabe de certo em que tempo, e era se celebra seu nobre triunfo: Comba, valerosa Virgem Portugueza, só se solemniza sua festa ao derradeiro de Dezembro, cujas bemaventuradas reliquias estão collocadas no thesouro de Santa Cruz entre as outras, que naquelle Real Convento felizmente descanção (1). Não menos gloria, e lustro dá a Coimbra o bellicoso Palayo, Martyr de Christo, por nascer em ella suavissima frol de Angelicas virtudes, hum dos mais animosos Soldados, que teve a milicia Catholica na nossa Hespanha (2). Não ha que duvidar, que todos os mais depois delle tomárão grandes for-

C ças,

(1) Martyrol. Sanct. Lusit. fol. 16.
(2) Bern. de Brit. p. Mon. Lusit. lib. 7. cap. 2. c.

ças com seu exemplo, e alta cavallaria: o qual sendo dado em refens por seu tio Hermogio (1), Bispo de Tuy, de idade de treze annos, gloriosamente ganhou o sagrado Diadema de martyrio na Cidade de Cordova, por Abderraman, o terceiro do nome, Rei Mouro della, onde com grande constancia, e não menos fortaleza padeceo gravissimos tormentos pela confissão da Lei Evangelica, até morrer por ella degolado hum Domingo pela manhã, a vinte e seis de Junho, era de novecentos e setenta e quatro.

O nosso Palayo, glorioso Soldado de Christo, mereceo ter por Poeta de seu real triunfo a Rasuita, nobillissima Monja Alemã, que delle amorosamente tratou em hum heroico Poema. Inda que de sua Patria escreva o famoso Chronista Cordovez Ambrosio de Morales, (2) que fora a Episcopal Cidade de Tuy, fun-

(1) Ambr. de Moral. Chron.gen.Port. ult. lib. 16. c. 6.
D. Prud. de Sand. in Eccl. Tuy. fol. 6. 2.

(2) Idem Ambr. de Mart. in Chron. Hisp. l. 16. c. 5. ult. p
D.Prud. de Sand.in Eccl. Tuy in princip.

fundada pelo Principe Grego Tydeo. Mas não authoriza bem seu parecer com algum Martyrologio, ou a faz verosimil com escritura, nem menos traz para isso Authores allegados, com que se verificão as Historias, e servem de dar grande luz para se apurar a verdade; sendo elle hum dos mais insignes antiquarios, que floreceo em sua idade, e que vio por cedula real todos os archivos de Galliza, Leão, e Toledo, e os mais antigos livros Gothicos de Hespanha. Nem menos contrario faz o illustre D. Fr. Prudencio de Sandoval (1), tão claro em sangue como nas letras; pois foi o que antes deo motivo ao nosso doutissimo Chronista Fr. Bernardo de Brito em escrever do glorioso Palayo, que era Coimbrão, pois allega para isso o mesmo D. Fr. Prudencio de Sandoval. Pelo qual invencivel Martyr Portuguez não sómente se jactará esta Cidade, mas

(1) Idem. D. Prud. de Sand. in antiquitatib. Tuy, fol. 89. usq. 98.
Fr. Bernard. de Brit. Monarch. Lusit. 2. p. l. 7. cap. 15.

todos os Reinos de Pottugal em o ter por seu Alumno, e com mais razão do que a alta Roma, em ter por filho ao valeroso Mario, sobrinho do bom Imperador Augusto, de quem canta o Poeta Latino.

Nec Rumula quondam
Illo se tantum tellus jactabit alumno.

CA-

CAPITULO VII.

De como os Nobres de Portugal usárão muito deste nome Palayo, e donde estão as reliquias de S. Palayo Martyr Portuguez.

VEmos que este nome Palayo he meramente vocabulo nosso, e muito usado antigamente dos mais Nobres deste Reino, o qual por tempo o vierão corromper em Paio, ou Pai, que he o mesmo. E quem curiosamente for lendo aquella admiravel leitura do Conde D. Pedro, achará que as mais notorias linhagens de Portugal se chamavão assim: como era D. Paio Mogudo na familia dos Sandis; D. Paio Goterres na dos Silvas; D. Paio Amado na dos Almeidas, e de outras muitas. (1)

Notoriamente consta, por muitas antiquissimas escrituras fidedignas, estarem nellas assignados muitos desta alcunha.

(1) Fr. Hern. in Hist. Ord. D. Jac. cap. 3. q.

nha. E daqui nasceo nomear-se assim aquelle invencivel Portuguez D. Paio Pires Correia, decimo sexto Mestre de Sant-Iago, filho de Pedro Paes Correia (1), que succedeo no Mestrado a D. Rodrigo Iniguez, que fez grandes façanhas na santa conquista de Cordova, e Sevilha (2), Fronteiro Mór que foi do Santo Rei D. Fernando, hum dos mais assignalados Cavalleiros na guerra dos Mouros que teve Hespanha, que por sua virtude parou o dia para se acabar de vencer, e degolar a innumeravel cavallaria Mourisca (como a Jesué Capitão do Povo de Israel (3) parou o Sol, para alcançar victoria dos Cananeos) cuja insigne victoria alcançou na Serra Morena, onde está a Ermida de Santa Maria de Tentadia (4). Este nobilissimo, e grande Senhor Portuguez venceo muita parte do Reino do Algarve, e foi seu primeiro conquistador; e estando na Vil-

(1) Alos. Map. oras Hist. Civil. cap. 16. p. 1.
(2) Ambr. de Mor. Chron. Gen. l. 16. cap. 5. in fin.
(3) Lib Jud.
(4) Hist. Ord. Divi Jacobi.

Villa de Veres, cabeça de seu Mestrado, mui virtuosamente recolhido, faleceo; e sendo seu corpo embalsemado, o trouxerão a Tavilla, como elle mandou em seu testamento (1), e jaz sepultado na Igreja de Santa Maria dos Martyres, junto ao Altar Mór, mettido na parede (2).

Paio se nomeava hum principal Fidalgo, que seguia a facção do Principe D. Pedro, quando trazia civil guerra com seu pai, El-Rei D. Affonso VI., que era Paio de Meira (3). E nos claustros da Sé de Coimbra, entre os muitos letreiros antigos, que tem, li este, que está na parede, logo junto á porta, que vem da Igreja, que em Portuguez diz:

Aos oito das Calendas de Julho falleceo Maria Palaia, era de Cezar de mll e duzentos e quatro.

VIII. K. obiit Maria Palaia.
E. M. CC. IIII.

Na famosissima Serra da Estrella ha hu-

(1) Ruy de Pin.
(2) In Chron. Reg. Alf. 3. cap. 36.
(3) Pedr. Mariz. Dial. 5. cap. 1.

huma Villa chamada do nome do nosso Martyr Portuguez, a quem hoje chamamos, corrompendo o vocabulo, S. Paio, cujo lugar deo appellido, por ser seu antigo Solar, á nobilissima geração dos Sampaios, que trazem por armas hum escudo quarteado, em campo d'ouro, huma aguia vermelha, e n'outro lado esquaques de ouro, e negro. Della nasceo aquelle mui esforçado, e virtuoso Fidalgo Lopo Vas de Sampaio, que succedeo no Governo da India a D. Henrique de Menezes, o qual jaz enterrado no Mosteiro da Trindade de Lisboa em huma nobre Capella sua á parte do Evangelho, em entrando logo pela porta principal da Igreja, da invocação da Virgem nossa Senhora da Conceição, no arco da qual tem de letras de ouro este Epitafio entre dous brazões:

Esta Capella he de Lopo Vas de Sampaio, do Conselho de El-Rei nosso Senhor, e Governador que foi da India, e de D. Guiomar Deça sua mulher: faleceo no anno de 1534.

O

O corpo do glorioso Paio foi cruelmente lançado pelos barbaros no rio Gualdaquivir, com que ficárão suas claras aguas consagradas, e mais calificadas: mas sendo achado pelos Christãos, com infinitas lagrimas o sepultárão na Igreja de S. Gens. Depois El-Rei D. Sancho, o Gordo, o alcançou de El-Rei Mouro de Cordova, só a isso enviando o Bispo D. Vasco com huma bem solemne Embaixada, cujo divino thesouro El-Rei recebeo com grande solemnidade, e elevação em Leão, e a Rainha D. Teresa sua mulher, e o depositárão na Igreja de S. João Baptista, que hoje se chama Santo Isidoro, onde esteve, até que o tyranno Almançor destruio, e assolou a Cidade de Leão, daqui o levárão a Oviedo, e o depositárão em huma Igreja de Monjas Bentas, que agora se chama de S. Paulo. Depois o Imperador D. Fernando, o Magno, o trasladou com grande pompa, e magestrde, para huma famosissima arca de mui fina prata, em que agora felizmente descança neste mesmo Mosteiro. Mas muita parte delle trouxerão aquelles bons Religiosos, que

prin-

principiárão o Mosteiro de Lorvão, e á sua alta memoria nobremente o consagrárão com o titulo de S. Palayo. (1)

Aquella excellente Poeta Portugueza D. Bernarda Ferreira de Lacerda, tão illustre nas letras como na Poesia, que nesta nossa idade florece, com maravilhosa fama de seu feliz engenho, conta do nosso magnanimo Martyr em seu nobilissimo Poema de Hespanha libertada, fallando delle. (1)

Este es el nombre de donzel dichoso
De Coimbra natural, su idad treze annos,
El animo pero tan valeroso,
Que los regalos pisa y los enganos.

C A-

(1) Fr. Bern. de Brit. Chron. Cist. cap. 29.
(2) D. Bern. Ferr. Cant. 4. 8. 36.

CAPITULO VIII.

De como Elusinda se livrou de hum adulterio em Coimbra; padeceo nella pela Fé Eugenio, Abbade de Lorvão; e floreceo em muitas virtudes Randulphina.

EM tempo, que a malvada e cruel tempestade dos Mouros (1) senhoreava tyrannamente Coimbra, succedeo nestes infelices dias hum horrendo e espantoso caso, e bem digno de alta lembrança, que foi: que sendo huma nobre Matrona Portugueza accusada de adulterio por seu marido, e trazida por elle diante do Tribunal da Justiça, em que então presidia Theodorico, nascido do real sangue dos Godos, Christianissimo Regedor dos Christãos, posto pelo Principe Mouro, que reinava nella; sendo-lhe posto nas palmas das mãos hum ardentissimo ferro, que era de hum palmo de lar-

(1) Monarch. Lus. liv. 7. cap. 10.

largo, e dous de comprido, segundo o barbaro costume daquelles tempos, que servia de juramento para se verificar a verdade do que se queria; o que se fazia com huma solemne Missa cantada, e o Juiz aquentava por sua propria mão este ferro, mandando com pena de morte que nenhuma pessoa chegasse ao fogo, para que lhe não deitasse alguns feitiços; logo a virtuosa Elusinda, diante de muita gente, assim Christãos, como Mouros, se offereceo ao severo castigo com grande esforço, e varonil coração, pondo diante dos olhos a lealdade, e pura fidelidade, com que servira sempre a seu ingrato esposo, com tão clara verdade: pelo que confiava em Deos que sua honra não se escureceria com huma tão deshonrada nodoa; porque assim como livrára em outro tempo a formosa Susanna, assim tambem a livraria por sua alta, e soberana misericordia. Estando confessada, como mandavão aquellas iniquas leis Gothicas, e sendo vista em todo o corpo para que em si não tivesse alguns feitiços, levantando as mãos diante de todos, pegou no ardente ferro, fa-

fazendo todos os que se achárão presentes neste solemne Acto oração a Deos para se descobrir a verdade, logo o Regedor Theodorico lhe cobrio as mãos com cera, e sobre ellas pôz estopas; atando tudo por hum lenço, e a levou para sua casa; e ao cabo de tres dias, diante de muita gente, achou a mão de Elusinda sem ser queimada, com que todos os circunstantes derão immortaes graças a Deos, louvando-o muito. Mas ella logo alli fez voto de castidade com muitas lagrimas, causadas do aperto, em que vio sua honra, tendo já sua vida nos arrabaldes da morte. Neste instante a absolveo o Regedor Theodoricoe, condemnou a seu marido, que fosse queimado vivo. As que nesta idade se consagravão em guardar pureza por algum voto, se chamavão criadas do Senhor, como fez esta nossa virtuosa Matrona Portugueza, e assim se intitulavão as suas sepulturas. Huma das quaes li no claustro na mesma Sé desta Cidade, que diz:

Ao setimo Idus de Agosto falleceo Munia serva do Senhor, era de Cesar

sar de mil e duzentos e dezeseis, cuja alma descance em paz.

O Latim da qual he o seguinte, fielmente traduzido.

VII. Idus Augusti, obiit Munia, famula Dei: cujus anima requiescat in pace. E. M. CC. XVI.

Mas muito mais ennobrece esta famosa Cidade Eugenio, claro Monge de S. Bento, Abbade de Lorvão, que foi grande servo de Deos, varão illustre daquella antiquissima, e santa Religião, glorioso nas obras de caridade, e amor do proximo, que para o remediar mereceo alcançar a celeste grinalda do martyrio pela confissão da Fé Catholica (1), estando toda huma noite padecendo muitos tormentos por hum barbaro Mouro, até que no seguinte dia o levárão com muito sentimento os Christãos meio morto á Igreja de S. Pedro, onde gloriosamente deo fim á vida para lhe nascer outra

(1) Monarch. Lus. 2. p. liv. 7. cap. 16.

tra eterna, com que recebeo victoriosamente da mão dos Santos Angelos a verde palma, e juntamente com ella a laureola de finissimo ouro.

Tambem se póde gloriar esta Cidade em ter por natural a Randulfina, clarissima Portugueza Coimbrã, cujas obras forão mais admiraveis, do que testemunha hum nobilissimo, e antiquissimo marmore lavrado de bellissimas letras Romanas, com huns versos Latinos, que para viva lembrança sua permanece ainda agora no alpendre de S. Pedro, que diz:

Aqui jaz sepultada neste tumulo Randulfina, cujas virtudes forão maiores do que a fama conta, a qual em quanto viveo de ninguem disse mal: suas largas fazendas gastava com as viuvas, e peregrinos: foi por extremo branda, e agradavel a esta Cidade. Por onde não houve mulher tão prudente, nem menos tão piedosa para todos, que he merecedora de todo o genero de louvor por ser affeiçoada á boudade, larga para com os pobres,

bres e miseraveis , e para comsigo mui escassa. Ella de longe fez o thesouro , e o depositou no Ceo por ser digna de Deos , e mui obediente á sua Divina Lei , pelo que vos pede muito que a ajudeis em vossas orações. A qual faleceo aos 8 do Julho de Novembro. Era de Cesar pouco mais , ou menos de mil e duzentos.

O Latim do tumulo de seus versos he o seguinte :

Carmine , hoc tumulo jacet hic quod fœmina quædam ;
Ut mihi narratur , puto quod maior vocitatur.
Hæc mala , dum vixit , nulli nequaquam dixit.
Munera larga nimis viduis dedit , et peregrinis.
Dulcis , grata , orbis decus , et fuit istius urbis.
Fœmina tam prudens , tam dulcis , tam pia cunctis.
Laude quidem digna , bonitati gratissima.

Pau-

Pauperibus larga, sic instituit sibi parca.
Longe tulit sibi digna in Cœlo thesaurum.
Randulfina jacet, hoc tumulo tumulata.
Digna Deo Cœli, divinæ subdita legi.
Quam mors octavo rapit Idus Novembris.
Hæc precibus pie Domino vestris curat orari.
Bis sex cenptena non inde fuit, et Era.

CAPITULO IX.

De como El-Rei Ataces fez sua Corte em Coimbra, e como lhe deo armas, e insignias.

AQuellas barbaras, e valerosas gentes septentrionaes, que lastimosamente assolárão a miseravel Hespanha (1) com tantas crueldades, roubos, mortes, e tyrannias, como lamentão as nossas boas Historias, vindo com mão armada, por sorte igualmente a repartírão. Os Alamnos, que era gente mais poderosa, e nobre que os Suevos, Vandalos, e Silingos tiverão em Portugal Coroa, sendo seu primeiro Rei Repanciano, que o tirou victoriosamente por armas do poder dos Romanos, em que elle então estava governado por seus Consules, e Pretores. Mas sendo neste tempo cruelmente morto pelos seus foi levantado de seu grande Exercito para Rei Ataces, da mesma

(1) D. Rodr. San. tom. 1. fol. 80.

ma Nação Alanno, Principe mui Cavalleiro, e por extremo esforçado (1). Este magnanimo Rei, depois de ter destruido, e feito huma ruina Troiana á antiga Cidade de Coimbra, que hoje he Condexa a Velha, tão notavel, e illustre por suas antiguidades, fez seu assento, e corte nesta Cidade, a qual renovou com nobilissimos Templos, Senhorios, e Edificios.

Andando Ataces em Coimbra occupado com estas obras, sabendo da tenção com que vinha marchando mui arrogante Hermenerico, Rei dos Suevos, com hum poderoso campo, Ataces com grande animo, e valor (como mancebo esforçado, a quem os gloriosos feitos de seus maiores punhão obrigação de perder a vida em semelhantes occasiões) lhe sahio ao encontro alegremente, e o venceo com toda a sua infinita Cavallaria, e lhe foi dando no alcance até o Rio Douro; e querendo passar da outra banda do rio, como bom Capitão, para mais segurar a victoria, que Deos neste

(1) Aldeb. in tractat. de pract. Eccles.

dia lhe tinhá dado, foi forçado a Hermenerico a lhe pedir pazes, promettendo em concerto de casamento a Infante Cindosuda, sua filha, que era hum raro exemplo de formosura, e belleza.

Com esta promessa se concluio a sanguinosa guerra dos Alamnos com os Suevos, dando principio logo ás bodas, que se celebrárão com grandes pompas, e notaveis festas de todos; e foi dellas tão satisfeito o valeroso Ataces, que em memoria de sua solemnidade mandou pintar em Coimbra hum Leão, e huma Serpente, e a deo por novas armas a esta Cidade, para que fosse notorio que a esposa que tomára fora a principal causa da reconciliação dos Alamnos com os Suevos, sendo d'antes capitáes inimigos. porque o Dragão (1) era insignia de seu sogro Hermenerico, e o Leão de Ataces, e assim as trazia lavradas de finissimo ouro em suas riquissimas bandeiras; mas Ataces depois de ter muitas insignes victorias alcançado, com que alargou os terminos de Portugal, foi morto por Wa-

(1) Episc. Alb. antig. ârm.

Walia Rei Godó (1) nos largos campos de Andaluzia, vindo por mandado do Imperador Constancio, com que se extinguio de todo a real, e altiva casa dos Principes Alamnos de Portugal; e escapando alguns dos seus, vierão ao Reino de Galliza, e se unirão com os Suevos.

Esta divisa até os nossos dias se vê no escudo real desta Cidade, que he em campo de ouro, hum vermelho Leão, no meio huma copa de prata com huma formosissima Donzella nua mettida nella, coroada, e com as mãos levantadas ao Ceo, e da outra parte huma verde Serpente, cuja exposição moralmente declara o doutissimo Pedro de Mariz, seu natural, nos Dialogos dos Reis de Portugal (2); mas a verdadeira etymologia della he a que lhe deo Ataces com o novo esposorio, como já dissemos, e o traz o Bispo Alberto em hum antiquissimo livro, que está no real templo de Alcobaça; mas muito melhor lha deo, declarando-a por si aquelle virtuoso Infan-

(1) Ambr. de Mar. lib. 11. cap. 17.
(2) Pedr. Mar. Dial. 4. cap. 3.

fante D. Pedro, Regente que foi destes Reinos, passando pela porta da ponte, onde ora estão, indo com seu irmão o Infante D. Henrique, que olhando para ellas disse: *Bem se póde, Senhor, comparar por vós esta figura de armas que vêdes, pois tambem de huma parte dais mantimentos ao Leão, que he Castella, e da outra Portugal, que he a Serpe do nosso timbre. He muita verdade*, acudio o Infante D. Pedro; *mas estou vendo que esta donzella está posta sobre hum calice, que denota sangue, com que parece que hão de pagar os trabalhos, serviços, e beneficios, com que tenho servido esta Republica.* E assim foi; porque elle cruelmente foi morto em batalha por El-Rei D. Affonso o V., seu sobrinho, a quem chamárão Africano, junto ao ribeiro de Alfarrobeira, quatro legoas de Lisboa.

Fica o escudo real desta Cidade á porta da ponte, a qual he huma das principaes que ha em Europa, lavrada de mui formosa cantaria: está sustentada sobre vinte e quatro arcos mui sumptuosos, que por muitos delles passão os bar-

barcos com vélas; no fim se remata com dous magnificos templos, que he Santa Clara, e S. Francisco, foi renovada, e accrescentada por El-Rei D. Manoel, de fel z memoria, como declara hum letreiro, que está em cima desta porta, que diz:

O muito alto, e mui poderoso Senhor Rei D. Manoel, o primeiro do nome, mandou reedificar esta ponte até á Cruz de S. Francisco; e das esperas até Santa Clara, edificar, e fazer de novo no anno M. D. XII.

CAPITULO X.

De como D. Rodrigo Forjas desbaratou hum grande Exercito de El-Rei de Castella D. Sancho o Segundo.

POr morte de El-Rei D. Fernando (1) o Magno, forão divididos seus Reinos, e Estados com seus filhos: a D. Sancho, que cognominárão o Valente, ficou Castella e Navarra; a D. Affonso, o Bravo, o Reino de Leão; a D. Gracia, que era o menor, Galliza e Portugal. Pouco depois de seu falecimento disse El-Rei D. Sancho a Rui Dias, aquelle invencivel Castelhano, que por seu alto valor foi chamado o Cid, que as repartições, que El-Rei seu pai fizera, erão nullas em direito, pelo que lhe pedia mui encarecidamente que o aconselhasse bem na resolução deste caso. Rui Dias lhe respondeo, como homem virtuoso que elle era, que lembrava a Sua Alteza o juramento que tomára diante de El-Rei

(1) Torib. lib. cap. 11. in princip.

Rei seu Senhor, e Pai na hora da morte, de não ir nunca mais contra seu testamento; porque melhor era dar de mão aos Imperios do mundo, do que violar nunca o sagrado juramento! Ah valeroso Capitão de Christo, só vós podeis fallar a verdade diante de hum Rei apaixonado, porque eras gloria, e honra de Hespanha!

Ao que El-Rei acudio, que lhe tinha em grande mercê a lembrança que lhe fizera; porém que os juramentos, quando erão contrarios ao bem, e utilidade da dignidade real, não tinhão nenhum vigor. Pelo que tanto que houvesse occasião, iria com seu Exercito sobre El-Rei D. Gracia, seu irmão; pois possuia Galliza e Portugal, Reinos, que por jure hereditario erão seus. Na verdade he muito para notar em hum Principe tão heroico, e hum Rei tão Christianissimo, querer por ambição desfazer a ultima vontade de seu Pai, querendo imitar nisto os Theodes, e Polynices, que por contendas, e crueis odios puzerão fim ás vidas, e a Thebas, donde erão Senhores.

Ha-

Havia nestes dias hum notavel, e poderoso Senhor, que descendia do sangue real dos Godos, e dos Reis antigos de Leão, natural de Portugal, chamado D. Pedro Forjas, filho do Conde Fernão Pires, e da Condessa D. Marinha Gonçalves. Este D. Rodrigo, sendo ainda mui moço, fez assinaladas cavallarias contra os Mouros em tempo do Imperador D. Fernando, de gloriosa memoria; sendo vassallo de El-Rei D. Garcia, lhe matou a punhadas dentro do Paço a hum grande seu privado, que por seu conselho se não guardava justiça; porque toda a honra real tinha usurpado com capa de virtude, e zelo, que lhe tribuia a barbara voz do povo todo; o suor do seu trabalho, era por imitar a arrogancia de Lucifer: finalmente era cruel, e tyranno sobre todos os nascidos, quiz sua negra ventura que acabasse tão miseravelmente, para que na outra vida alcançasse o galardão de semelhantes obras. Pelo que então estava a Coroa de Portugal posta no mais baixo assento da fortuna, por ser administrada deste vil tyranno. E ordinariamente

suc-

succede esta desventura aos Principes governados por seus subditos soberbos; porque o nome real he supremo a todos, e o de todos inferior a elle.

E vendo D Rodrigo Forjas sua grande maldade, o matou, vendo que fazia perder o Reino. (1) Nunca Atilio Regulo, Cavalleiro Romano, fez mais serviços á sua Patria em lhe adquirir duzentas Cidades, do que o nosso valeroso Portuguez, o mui esforçado D. Rodrigo Forjas, fez com a morte deste soberbo tyranno a Portugal, por cuja morte se foi para França o nosso bom Rodrigo, a quem El-Rei mandou com muita pressa vir, por ser já entrado em suas terras com hum grande, e poderoso Exercito o Conde D. Garcia de Cabra, o Conde D. Manço, o Conde D. Rodrigo de Lara, com todo o mais poder de El-Rei D. Sancho.

A bom tempo chegou D. Rodrigo Forjas. El-Rei D. Garcia o recebeo com muita alegria, abraçando-o em sinal de amor fóra das portas de Coimbra, já pos-

(1) Triumph. Afric. lib. 1. cap. 2.

posto em campo, esperando o amigo, a quem fallou desta maneira: *Senhor, eu deixei a terra de Vossa Alteza, agora venho para servir-vos, e desservir a El-Rei D. Sancho, que he vosso capital inimigo; por onde vós, senhor, não haveis entrar em batalha com os Condes, porque não he licito á vossa amplissima dignidade, nem menos convem a Vossa Alteza; mas mandai me, meu bom Rei, e Senhor, que os vá esperar com estes Fidalgos, e Cavalleiros Portuguezes, que muitos delles são meus parentes; eu irei com elles, com a ajuda de Deos os vencerei, ou morrerei com elles.*

Ao que El-Rei disse: *Bem entendo, D. Rodrigo, que tal sois, que sou pouco escusado nesta batalha; com tudo quero acabar comvosco a vida.* Não erão bem ditas estas palavras, quando assomárão os pendões, e bandeiras reaes de El-Rei D. Sancho, a quem D. Rodrigo Forjas arremetteo com os seus, como hum bravo leão. Com que foi a batalha mui cruel entre os Portuguezes, e Castelhanos; e D. Rodrigo entrou pelas alas do

Exer-

Exercito inimigo com seus irmãos o Conde D. Pedro Forjas, e o Conde D. Vermui Forjas, e ahi foi a batalha mui combatida, e grande: com tudo D. Pedro Forjas ficou victorioso, matando quinhentos e quarenta Cavalleiros, em cuja victoria morreo valerosamente o Conde D. Tafes Carasis, que era hum grande Senhor em Castella; mas D. Rodrigo Forjas foi mui mal ferido, e a ponto de morto. Foi esta victoria alcançada junto da Cidade de Coimbra, onde hoje está a ponte que chamão Agua de Maias, no campo da forca, por onde começa o fresquissimo valle de Cozellas.

Deste magnanimo D. Rodrigo Forjas, que foi Conde de Trastamara, descendem os Serenissimos Reis de Portugal, e o illustre Conde da Feira, que principiou D. Digo Pereira, filho de Rui Pereira, Conde da Torre de Moncorvo, que casou com D. Leonor de Barredo, de quem nasceo este D. Diogo Pereira, que casou com D. Joanna de Castro, Senhora do Condado de Monsanto, de quem nasceo o Conde D. Manoel, que casou com D. Isabel de Castro, que foi

fi-

filha de D. João de Menezes, Conde de Tarouca, e teve a D. Diogo Pereira, que succedeo no Condado, que casou com D. Anna de Menezes, filha do Regedor João da Silva, de quem nasceo D. Manoel Pereira, que morreo em vida de seu Pai, e que casou com D. Joanna da Silva, filha de D. João de Menezes, Senhor de Cantanhede, de que nasceo o Conde D. João Pereira, que casou com huma filha do Conde de Villa Franca, que foi mui valeroso Capitão; morreo indo por Vice-Rei para a India, e que teve huma só filha, que succedeo em seu Estado, e Casa, que está esposada com o Conde D. Antonio Pereira, do Conselho e Estado supremo de Madrid, varão de alta prudencia, e doutissimo, em que floreceo neste tempo muita virtude, valor, e letras.

Este D. Rodrigo Forjas, Conde de Trastamara, venceo outras muitas victorias, e se achou naquella gloriosa batalha, que El-Rei Inigo Arista alcançou dos Mouros, o qual tomou por armas a Cruz de Calatrava, que appareceo no Ceo em ajuda, e favor do Exercito Catho-

thalico: por isso pôz em seu escudo huma cruz de prata, que desde então usão seus descendentes, as quaes diz Gonçalo Argote de Molina na Nobreza de Andaluzia (1), no livro primeiro, que as accrescentou o invencivel Cesar Portuguez o santo Condestavel Nuno Alvares Pereira, pela orla com as Quinas reaes, cuja opinião não he verosimil, pois vemos que no sumptuoso, e real Templo do Carmo de Lisboa, que este grande Condestavel nobremente edificou, no tecto de todo cima hum formosissimo escudo, de curiosa laçaria, com as insignias dos Pereiras, sem ter orla, nem as sagradas Quinas, e o mesmo se vê no escudo, que está no illustre tumulo seu, que se vê na Capella Mór, á parte do Evangelho; só estão em campo vermelho com huma Cruz de prata aberta pelo meio de vermelho, com as pontas orladas, que he a verdadeira divisa, que usão os destes nobilissimos appellidos.

No grande, e cavalleiroso Reino de Fran-

(1) Mol. in Nob. lib. 1. cap. XLIII.

França ha tambem Pereiras (1), que tem seu Solar na Cidade Heduense; mas nas armas differençáo-se na Cruz, por a trazerem os de França de ouro, como escreve o clarissimo Jurisconsulto Bartholomeu Cassano, do Parlamento dos Reis Christianissimos.

C A-

(1) Barth. Cassan. in Cat. Gl. Mud. lib. 1. part. 3. ch. 7.

CAPITULO XI.

Do magnanimo, e invencivel Rei D. Affonso Henriques, primeiro em o nome, e na dignidade Real.

A Grande excellencia, e nobreza do bem aventurado Rei D. Affonso Henriques (cujo corpo jaz sepultado em Coimbra para mais a engrandecer, pois foi o fundador da Real, e Serenissima casa de Portugal) merece bem hum engenho digno de tão grande empreza, nem o podia haver que o merecesse, nem as faltas de meu pobre engenho lhe podem tirar seu alto louvor, posto que suas gloriosas obras sejão maiores do que a fama celébra. Claro se póde entender as maravilhas que fez pelas victorias, e conquistas, que alcançou dos Mouros, e huma dellas de mais importancia para a Christandade, que jámais o mundo teve. Quando a animosa Hespanha duvidava de sua Monarchia, vivendo nestes dias com receio de perder aquella parte, que occupavão os Catholicos, e para entregar seu Real Diadema ao barbaro, e

Sarraceno jugo, vencendo sempre este grande Principe com mui pouca gente para alcançar mais immortal nome, e fama, tendo por melhor sorte pôr em perigo a vida, que em risco a honra. Não sendo seus heroicos feitos illustrados com a eloquente penna, e douta escritura do grande Chronista Tito Livio Paduano, ou de Paulo Julio devida excellencia a tão esforçado Principe.

Por onde o tempo foi arruinando, e extinguindo suas raras façanhas, sepultando-as em perpétuo silencio por falta de Historiadores, cujo escolio apenas se livra do esquecimento, por causa de alguns curiosos leaes, e amigos á Republica Portugueza, com que se descobrírão alguns fragmentos, e louvores seus, que os nossos bons, e verdadeiros Chronistas Portuguezes não tratárão em suas breves Chronicas.

Por onde sabereis que a Hespanha vierão ter tres grandes senhores de Real sangue ajudar nas guerras ao Imperador D. Affonso o sexto Rei de Castella (1) com

(1) Petro Amar. Dial. sec. cap. 3.

com muitos Cavalleiros de Alemanha, e França movidos de zelo catholico, o qual Imperador respeitando as notaveis façanhas (que nas grandes guerras, e conquistas, que alcançou dos Mouros, estes senhores fizerão) os casou com suas filhas. D. Teresa, que era a mais moça, cahio em ditosa sorte a D. Henrique, que era hum dos mais valerosos delles, e Principe mui grão Cavalleiro. Com ella lhe dotou desde a Comarca da Beira, até o Castello de Loubera, duas legoas além de Pontevedra, não com certo tributo, como escrevem alguns Chronistas estrangeiros (1), se não liberalmente, com todas as mais terras, que tinhão naquelles dias os Mouros em Portugal, cuja santa, e difficultosa conquista tambem lhe dotou sem nenhuma condição, que foi o mais vantajoso dote, que nenhum dos outros, em que entravão as Cidades de Coimbra, Braga, Porto, Viseu, Lamego, e muitas Villas.

A Infanta D. Teresa (2) era de legi-

(1) Duard. Mon. chr. comm. Henr.
(2) Resend. lib. 4.

timo matrimonio, porque seu pai o Imperador casou com D. Ximina sua mãi, por onde não foi bastarda, como relatão os Historiadores quasi todos, sem apurarem a verdade. Era esta senhora descendente do valeroso Conde D. Nuno Munos, que teve seu Solar em Roa, Villa, seis legoas de Valhadolid, e da real linhagem dos Reis Godos, e Lonezes, que he tronco da illustrissima casa de Gusmão, donde depois veio o glorioso Patriarca S. Domingos.

O magnanimo D. Henrique (1) era mui parente do Imperador D. Affonso seu sogro, da real familia de Lonthoringia (chamada antigamente Austacia, e agora Lorena) nascido que he da real casa de França, filho de Guilherme Conde de Bolonha, e da Condessa Idaim Duqueza de Lorena, e Bullon, que tiverão por filho a Eustachio ao Christianissimo Godofre, que conquistou por armas a Terra Santa, e foi della Rei, e

Damian. Ago. in Cron. reg. Eman. 4. p. cap. 7. lib. 3.

(1) Episc. Roder. Sanc. can. 14. comp. Lusit. hist.

e depois seu irmão Blondoino, que succedeo em seu Reino, como escreve o Arcediago de Verdum (1).

D. Henrique de Lorena era filho mais moço do Conde Guilherme, foi Principe mui bellicoso, e sobre tudo virtuoso, e temente a Deos; fez sinalados feitos contra os Mouros, alcançou delles muitas victorias, e dos Leonezes (2): chegado o tempo, em que Deos o chamava para si, adoeceo em Galliza em Astorga, que era Cidade sua; e conhecendo sua morte, mandou chamar a seu filho D. Affonso, e lhe encommendou muito naquella ultima hora o augmento da sagrada Religião Catholica, e administração da Justiça, e amor a seus vassallos. Depois de sua morte foi sepultado na Santa Sé de Braga, e jaz hoje na Capella mór para a parte do Evangelho em hum sumptuoso tumulo, em que o trasladou o Arcebispo Primaz D. Diogo de Sousa.

Deste grande Principe D. Henrique, e

(1) Gonçal. Arg. de Mol. cap. XLIIII. lib. 1.
(2) Episcop. Rod. Sanc. comp. Lusit. cap. 14. in princip.

e da mui virtuosa Infanta D. Teresa, nasceo o invencivel Rei D. Affonso Henriques no anno do Senhor 1094 (1), na notavel Villa de Guimarães, onde naquelles dias estava a Corte. Andando a Rainha pejada delle, veio ter ao Paço hum grande Fidalgo chamado D. Egas Moniz, o qual pedio ao Conde, de quem era mui privado, que o primeiro filho que tivesse lho désse para o criar; e tanto que nasceo, logo o Infante foi entregue a Egas Moniz. Foi-lhe posto o nome D. Affonso, como seu avô; nasceo com as pernas pegadas por detrás huma á outra, com que era mui triste seu pai.

Tinha já de idade cinco annos o Principe D. Affonso, quando huma noite, estando o seu aio D. Egas dormindo, lhe appareceo em visão a Santissima Virgem nossa Senhora, Rainha dos Anjos, e lhe disse que fosse a Lamego, a hum lugar chamado Carquere, que mandasse ahi cavar, onde acharia humas ruinas de hum Templo, que fora seu antigamente, e que puzesse sobre o Altar o meni-

(1) Garib. lib. 9. cap. 22. comp. Lusit.

nino, que logo seria são. D. Egas se foi como a Virgem Senhora lhe mandára; e achando o Altar, pôz o menino sobre elle, cousa maravilhosa, que logo estendeo as pernas.

Vindo D. Egas para seus paços, não cessava de dar muitas graças a Deos pelo beneficio que lhe fizera. O mesmo fazia sua mulher D. Teresa, que edificou o Mosteiro de Salzeda, onde jaz enterrada. O Infante se criava em companhia de seus filhos, a quem ella certamente com tanto amor o criava, e ainda mais que aos seus proprios filhos. Assim como hia crescendo se fazia mui bello, e formoso, que parecia de maior idade do que era então. Seu exercicio era caçar, sendo nisso tão déstro, que quasi tinha despojada a mór parte da floresta de porcos montezes, e veados que nella havia. Nesta vida continuou até á idade de infancia, e pueril, no fim da qual se recolheo a tratar das armas, e Governo, pelo que sahio tão animoso, que outro nenhum se pode igualar a seus merecimentos, inda que fosse dos nove, que celebrou a antiga fama. Que a todos se adi-

adiantou no animo, e esforço, e na magestade real de sua pessoa, que nenhum dos Mouros mais timidos, e nenhum dos seus mais amados. Pouco he o que de seus louvores se entende pelo muito que deve ser estimado; porque ainda que com hũma voz só nos ouvidos daquelles, que de seu senhorio vivem desviados em comparação de suas gloriosas obras, he hũma sombra de quasi nada. Libertou todo Portugal do poder dos Mouros, vencendo a vinte Reis seus inimigos mui poderosos em batalhas campaes, conquistando nobillissimas Cidades, notaveis Villas, e fortalezas, vencendo o Imperador D. Affonso o setimo Rei de Castella seu primo, ço-irmão, cujos altos louvores amorosamente declara o Principe dos Poetas fallando com o mui esforçado, e mui virtuoso seu descendente El-Rei D. Sebastião (1).

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vêde o Primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria.

C A-

(1) Ludovic. a cam. Lusiad. lib. 1. oct. 13.

CAPITULO XII.

De como parte de Coimbra o Principe D. Affonso, e vence huma batalha das mais famosas que houve no mundo.

SEndo o Alémtejo occupado de Mouros (1), e contando então quarenta e cinco annos de idade o Principe D. Affonso, começou sua conquista com grande matança dos inimigos, e destruição de seus lugares: o que vendo Ismael, Rei da maior parte da Hespanha, veio com hum poderosissimo, e nunca visto Exercito, em que se ajuntou todo o povo Mauritano, por mandado de seu Cassis de Africa, Granada, e Betica, como a causa santa, movidos por sua nefanda Seita contra quem lhe tinha então diminuido sua honra, e quebrantado seu Alcorão.

Nunca os ferteis campos de Hespanha, nem os de Pharsalia, cantados amo-

ro-

(1) Duart. Galv. cap. 12. cron. Alf. primeiro.

rosamente de Luçano, vírão tanta gente de armas (1), como foi o que então se ajuntou contra os Portuguezes, pois passárão de quatrocentos mil combatentes, e outros dizem que novecentos mil, vindo tão confiados já na victoria, que trazião suas mulheres, e filhos com tenção de recuperarem Hespanha.

O que vendo os nossos, requerêrão ao Principe D. Affonso, que escusasse por então a batalha, que visse o grande perigo, em que punha sua real pessoa, e que não arriscasse seu Estado, a fim de hum bom successo.

Ao que respondeo o Principe D. Affonso: *Sempre de vós entendi esta bondade: e se as que vos tenho feitas forão poucas, como confesso, ao menos cuidarei que forão bem empregadas. Este aviso, que me dais, eu o estimo em muito, que de taes vassallos, em cujos peitos ha tanto valor, não se podia es-*

pe-

(1) Luc. lib. 19. Resend. lib. 4. de Antiq. Ped. Mor. Dial. 9. cap. 2. Fr. Bernard. de Brit. liv. 3. cap. 3. Chron. Cist. Idem Eduard. d'Glac. Chron. Reg. Alf. cap. 14.

perar outra lealdade; mas porque cuido que não quereis alcançar o que nas armas se alcança, sem ter por certo quanto se adquire na victoria, que animo, e brio vos move, meus bons vassallos, e amigos a tão nova desconfiança? não pondes diante dos olhos os ardentes desejos, com que partimos para servir a nossa santissima Fé. Agora mingoa será deixar de peleijar, e maior damno se seguirá de fugida, do que entrardes em batalha. Não vedes, meus companheiros, quantas vezes peleijárão nossos pais com esses inimigos, e os vencérão? sendo poucos a muitos; pois não he agora menos a poderosa mão de Deos para nos ajudar, pois militamos por seu nome. Por ventura a terra, que estes barbaros hoje possuem, não foi de vossos antecessores? Não a perdérão elles por seus peccados? Por onde, animosos Cavalleiros, Portuguezes tão celebrados no mundo, dai de mão aos receios, com que alcançareis immortalidade, ficando vossas façanhas escritas em duros bronzes para ser huma contínua, e alta memoria a vossos descendentes.

Com

Com esta falla tomárão alento os nossos, e tanto lhes servio de animo, que cada hum lhes parecia já tarde tomar vingança nos Mouros; que isto tem o valor por officio facilitar as difficuldades em proezas. E quando chegou o nosso Exercito em vespera do Apostolo Sant-Iago, o qual se assentou á vista daquelle admiravel campo de Ismael junto em huma Ermida para se amparar do braço Divino. Dias havia que morava nella hum santo ermitão, chamado Leovigido Pires d'Almeida (1), a quem os Pontifices por sua virtude lhe escrevião, cujo corpo jaz sepultado na Ermida de nossa Senhora de Rodas, Bispado de Viseu, junto a Reiras. Este illustre varão servia a Deos aqui nesta campina entre os Mouros havia setenta e dous annos em mui áspera vida: sobre a tarde veio saudar ao Principe D. Affonso por mandado de Deos, e lhe disse: *Animai-vos, senhor, não tenhais receio, que Deos he comvosco; e para que não duvideis do que vos digo; tanto que ouvir-*

(1) Didac. Pires Din. Vicent. cap. 9.

virdes de noite a minha campainha, sahi fóra de vossa tenda, porque quer Deos fallar comvosco.

Estando o Principe esperando em Oração, na segunda vigia da noite, ouvio a campainha, estando todo armado; e sahindo com sua espada (1), embaraçado com seu escudo, vio subitamente para o Oriente hum resplandecente raio, e veio a romper com mais clara luz que o mesmo Sol, vendo o levantado da terra dez covados, onde parou, abrindo-se com maior luz, e esplendor, que antes tinha, mostrando no meio huma Cruz de admiravel grandeza, e nella hum Christo crucificado, acompanhado de muita multidão de Anjos.

Tanto que o Principe vio esta Divina visão, se prostrou por terra, e com lagrimas disse: *A mim Senhor, quereis accrescentar a vossa sagrada Fé, melhor será, meu bom Jesus da minha alma, que vos vejão esses vossos contrarios, não eu, meu bom Jesus, que vos conheço pela agoa do Baptismo por ver-*

(1) Mag. Emma. Cor. in Lus. lib. 1.

verdadeiro Filho da Santissima Virgem, e do Padre Eterno.

Não te appareci para te accrescentar na minha Lei, lhe disse Deos, senão para fortalecer, e para confirmar em ti a pedra dos principios de Portugal; confia Affonso, confia, que não sómente vencerás esta presente batalha, mas outras muitas. Tua gente acharás já alegre para a guerra, pedindo-te que com nome de Rei entres nesta batalha, e que não duvides; porque he minha vontade edificar sobre ti hum guerreiro Imperio, para que meu nome seja levado a gentes estranhas. E com isto desappareceo.

Antes do dia desta real batalha dividio o Principe D. Affonso seu Exercito, que era de mil Cavalleiros, e dez mil Infantes, em quatro alas: na primeira hia D. Pedro Paes, seu Alferes Mór, e D. Diogo Valente, donde vem a illustrissima Casa do Condado de Villa Nova. A rectaguarda levava D. Lourenço Viegas, e D. Gonçalo de Sousa. A' ala direita hia Martim Moniz, e D. Lourenço Viegas, filhos do grande Egas Moniz.

El-

El-Rei D. Ismael fez de sua innumeravel gente doze grandes batalhões, em que hia El-Rei de Féz (1) com muita Cavallaria, que era homem agigantado; El-Rei de Merida, El-Rei de Sivilha, El-Rei de Badajoz, El-Rei Allathar de Lisboa Benaduf de Algezira. Neste tempo cavalgou o Principe em hum poderoso cavallo cuberto de finissimas, e douradas armas, indo todo armado ricamente, as quaes o afformoseavão mais do que era, por ser homem mui alto de corpo, de barba larga, e crescida; na pessoa grave, no semblante do rosto representava grande magestade: então com a luzente vizeira levantada correo todas as estancias, pondo-as em melhor ordem, animando a todos com palavras alegres, nomeando a cada hum suas obras, e principalmente áquelles que as tinhão taes, que se devião lembrar para com ellas se exercitarem a maiores feitos: além de com isto os obrigar, tinha sua real pessoa tanta authoridade, e era tão aprazivel, que com sua presença parecia que

(1) Fr. Bern. de Brit. liv. 3. cap. 3. Cron. Cist.

que animava os esforçados, e dava forças, e alentos aos cobardes: finalmente nelle estava certo a victoria.

Depois de ter tudo provido, como singular Capitão, se recolheo ao seu Esquadrão; porque ainda neste tempo não se intitulava por Rei o Principe D. Affonso, o primeiro que lho chamou, e lhe beijou a real mão por Rei, foi Godulfe de Paes, mancebo mui esforçado, filho bastardo de Guilherme Rei de França, e de Madama Luiza, Duqueza de Monpilher, como testemunha hum público instrumento, tirado do Cartorio de Santa Cruz, anno de 1587, em huma causa, de que foi o Doutor Rui Brandão Juiz.

O que vendo o nosso Catholico Exercito, com altas vozes disse: *Real, Real*, por D. Affonso Rei de Portugal, o que se fez com huma alegre salva de guerreiras trombetas, pifanos, e tambores, a cujas palavras repetia o Principe: *Não repitais Rei, senão vosso irmão, e companheiro.* Ah valeroso, e santo Principe, que grande campo haveis aberto com essa vossa humildade, para poder hum sub-

subtil engenho, estender todas as vélas de sua eloquencia! Oh quantas virtudes tendes encerrado debaixo de vossas palavras! porque se foreis outro de menos quilates, e de menos sangue, não digo eu Rei, senão Deos da terra vos chamaries com menos victorias, e conquistas. Vêde os que governão com prospera ventura o mundo, e que andão engolfados em sua gloria, como se intitulão, e se appellidão, com que renovão a morte do justo Abel, donde se começou a guerra dos máos contra os bons, sempre se perseguio em todas as idades.

Logo se começou de huma parte, e da outra a peleja cavalleirosamente com total aborrecimento das vidas, onde El-Rei se adiantava a todos no grande animo, e invencivel coração; mas entendendo o Imperador Ismael como prudente (que he prevenir nas causas d'antes (1) para quando são necessarias) como já naquelle dia sua fortuna o não podia favorecer, estimando mais a vida que a honra, quando mais o furor da guerra

F ar-

(1) Xenoph. lib. 1. Hist. Cyr. fol. 14.

ardia, fugio (manha antiga dos Reis Mouros) para hum lugar, onde tinha algumas bandeiras de gente escolhida, de que era Capitão seu Sobrinho o Infante Homar Atagor, neto de El-Rei Hally, que estava ahi para custodia de sua pessoa. E sabendo daqui como seu grande Exercito estava já rendido, e quasi degolado, blasfemando de sua Seita, se foi com grande dôr para Africa, sendo co-réo de sua perdição.

Ficou El-Rei D. Affonso victorioso, e tres dias esteve no campo, como triunfador, dando todo o riquissisimo despojo a seus Soldados, guardando só para si a fama de huma tão notavel victoria, que por certo se tem, que he mais célebre de que se relata, e conta. Estando cercado de dezenove bandeiras, e innumeraveis pendões, que ganhára aos Africanos, dava muitas graças a Deos nosso Senhor, e a elle attribuia a presente façanha. Foi tão grande a cópia de sangue, que sahia dos Mouros, que parecia huma caudalosa fonte, por causa de quatrocentos mil inimigos, que passárão então pelos fios da valerosa espada Portu-

tugueza, manando do lugar, donde estava o arraial, com que se rubricárão as agoas dos rios Terges, e Cobris; e seguindo-se depois grandes chuvas, que lavárão as hervas, e torrões, que de sangue parecião purpuras finissimas; e enchendo mais com a corrente de agoa do monte, vierão ter ao caudoloso Auna, com que tambem por muitos dias se vio ensanguentado com a côr mudada para lembrança de hum tão alto vencimento.

Foi esta famossisima victoria alcançada no campo de Orique (1), com que ficou mui celebrado o dia de Santiago, defensor de Hespanha, no anno do Senhor de 1309, a 25 de Julho, no qual santo Lugar se edificou hum lustroso arco de marmore, para cujo effeito se derribou huma Ermida, onde fora esta milagrosa batalha, cujo sumptuoso, e Romano arco triunfal o mandou levantar aquelle magnanimo Rei D. Sebastião com este epitafio latino, que contém o successo della, que diz:

(1) Res. de Ant. lib. 4. fol. 216.

Hic (1) *contra Ismaelium quatuorque alios Sarracenorum reges, innumeramque barbararum multitudinem pugnaturus felix Alphonsus Henricus ab exercitu primus Lusit. rex adpellatus est, et a Christo qui ei crucifixus adparuit ad fortiter agendum commonitus. Copiis exiguis tantam hostium stragem edidit, ut Corbis ac Tergis Fluviorum confluentes cruore inundarint. Ingentis ac stupandæ rei, ne in loco, ubi gesta est, per infrequentiam absolesceret, Sebastianus I. Lusit. Rex bellicosæ virtutis admirator, et majorum suorum gloriæ propagator, erecto titulo memoria revocavit.*

CA-

(1) A pezar deste Aut. affirmar a existencia deste monumento, Duarte Nunes de Leão, e outros, e eu que estive neste lugar, que he na Villa de Castro, indo para o Reino do Algarve, nada vi, nem ao menos vestigios, ou ruinas; porém hum grande Templo, obra do Senhor Rei D. João V., em cujas paredes pelo interno se vê em azulejo pintada esta batalha. *Caminha.*

CAPITULO XIII.

Com quem casou o magnanimo Rei D. Affonso Henriques, e dos filhos que teve. Das Santissimas Armas que deixou a seus successores, e de como jaz sepultado em Coimbra.

FOi o bellicoso Rei D. Affonso casado com D. Mafalda a mais gentil mulher de seu tempo, filha do grande Amadeo o segundo do nome, e Conde de Moriana da Imperial casa de Carlos Magno, de que teve a D. Affonso, que lhe succedeo no Reino; a Rainha D. Urraca, que casou com D. Fernando o segundo Rei de Leão, e Galliza (1), e D. Teresa, que celebrou Matrimonio com Filippe o primeiro do nome, e decimo setimo Conde de Flandes, cujos grandes Estados chamárão os Latinos *Galliæ Belgica*, que encerra em si dezesete Provincias, póvos valerosissimos, e

(1) Pedr. Mar. Dial. 2. de var. Hist. cap. 3. in fin. Roland. lib. 1.

e celebrados por esforço em todas as idades.

Teve mais hum filho natural por nome Pedro Affonso (1), e huma filha bastarda, que foi casada com Pedro de Valladares, donde vem os Velascos, Condestavel de Castella, e Leão, Camareiro Mór dos Reis Catholicos, e Copeiro Mór, Justiça Maior, Marquez de Borlarga, Duque da Cidade de Frias, Conde de Hara, e de Castel-novo, Presidente de Italia, Senhor da casa de Velasco, e de Sete Infantes de Lara, das Villas de Vivalpando a Pedraça de La sierra, cujo clarissimo senhor tem de renda setenta mil cruzados; foi filho do Condestavel D. Inigo, Prez de Velasco, mui esforçado Principe, descendente de D. Pero Prez de Velasco, o sexto Condestavel de Castella (2), e o primeiro dos Velascos, a quem o Serenissimo Rei de Castella D. Henrique o quarto fez Condestavel, por ser mui valeroso Cavalleiro, e Vice-Rei dos Reinos de Castel-

(1) Comm. D. Petr. in tit. 20. lib. Nobil. Lus.
(2) Garib. lib. 1. Comp. Hist. cap. 53.

tella, e Leão, de quem nasceo D. Bernardino, que lhe succedeo em seu cargo, e dignidade, e por excellencia cognominado o Grão Condestável; que casou com D. Joanna de Aragão, filha bastarda do Catholico Rei D. Fernando.

O Excellentissimo Principe D. Theodosio, Duque de Bragança, em que a virtude claramente resplandeceo, casou com a mui excellente senhora D. Anna de Velasco, filha do grande Condestavel de Castella, João Fernandes de Velasco, de quem nasceo o Duque de Barcellos. O Duque D. Theodosio he filho do Duque D. João, e da Senhora D. Catherina, filha do esclarecido Infante D. Duarte, e neta de El-Rei D. Manoel, de gloriosa memoria, e tia do prudente Monarca D. Filippe o segundo do nome, Rei das Hespanhas.

Depois que o invencivel Rei D. Affonso libertou a Portugal dos Mouros, conquistando-lhes cinco famosas Cidades, Lisboa, Santarém, Evora, Béja, e Badajoz, e quatorze Villas mui grandes, e outros muitos lugares acastellados: veio a adoecer em Coimbra de sua ul-

ultima enfermidade, de que acabou o curso da vida a seis de Dezembro, anno de 1181, sendo de idade de 91 havendo reinado felizmente 46. Seu corpo foi sepultado por humildade em huma sepultura de páo no real Convento de Santa Cruz; e sendo já passados 300 annos de sua morte, foi com real pompa, e magestade trasladado em hum sumptuosissimo mausoleo pelo grande Rei D. Manoel, seu descendente, como se verifica de hum Epigramma Latino, que está em huma taboa em sua magnissima sepultura, que diz:

In laudem Alphonsi primi Portugaliæ Regis, loquitur Epitaphium, carmen scriptum

Aurea me quondam legerunt saculis regis:
Henrici sculptum marmoreo in tumulo.
Deinde Manuelis venit memorabilis ætas:
Qui mausoleum hoc struxit utriunque novum.
Is me possesa submovit sede per annos:
Successitque meo proxima pro se loco.

Hunc

Hunc postlimnio revocatum collocor ecce:
Hac tabula pensat sic mea fata vices.

O bemaventurado, e grande Rei D. Affonso foi o que deixou as armas a seus gloriosos descendentes, dadas a elle por Deos nosso Senhor naquella serena, e clara noite antes do dia da memoravel victoria de Ourique, como conta o Principe dos Poetas, fallando com o bellicoso Rei D. Sebastião.

Vêde-o no vosso escudo (1), que presente
Vos mostra a victoria já passada.
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou.

São estas Santissimas Armas as mais illustres que todas as reaes, por serem as que Deos nosso Senhor tomou para libertar com ellas o genero humano, cuido pelo peccado do velho Adão; pelo que ficão sendo Celestes, Divinas, vencedoras, e triunfadoras. Seus altos louvores tra-

(1) Lud. Cam. lib. 1. out. 7.

tratou em heroico estilo, *Gratia Dei* em seu brazão geral; que dedicou ao invectissimo Rei de Portugal D. João o primeiro, de gloriosa memoria, dizendo que nenhuma das Reaes, e Imperiaes tem orla senão ellas, e por remate dellas lhe pôz huma coroa de espinhos, e no meio della o *Agnus Dei*, affirmando com muita razão que nossos Reis são Alferes das Santissimas Chagas de Christo nosso Senhor.

Mas não faltárão invejosos, que puzerão o labio nellas, cégos de ambição, e por defraudar, e desacreditar hum Reino tão valentissimo, e o mais Christianissimo do mundo; mas como a verdade géra odio, não faltárão nunca de nos roer, e comer nossos merecimentos, mostrando-se nisto estes Historiadores mui zelosos, semelhantes aos arganazes, de quem com razão de outros se queixa o Comico Plauto, dizendo delles, e de si (1): *Quasi mures semper adimus alienum cibum.* Mas como Deos nosso Senhor he tão solicito em acodir pela hon-

(1) Plaut. Act. 1. Scen. 1. capiti.

honra de seu povo, se descobrio no real Convento de Alcobaça huma antiga Certidão jurada, e corroborada com muitas testemunhas (1), cujo traslado authentico foi levado por joia riquissima ao Monarca Filippe o Primeiro, com que ficão semelhantes Authores degollados por sua erronea, e tidos por epochiplas, em contrariar a etymologia verdadeira das nossas Santissimas Armas.

Está este Divino Escudo em campo de prata (2) com cinco escudos azues, posto em cruz, cada hum com cinco dinheiros de prata; e mettendo na conta estes escudos com os dinheiros (3), vem a ser a conta, por que Deos nosso Senhor foi vendido, e por orla tem sete Castelos de ouro em campo vermelho, que he o real brazão do Reino do Algarve. O Santo Rei D. Affonso Henriques trazia o escudo ao modo de coração, mais comprido que largo, dentro com cinco escudos, cheio de pastas da mes-

(1) Pedr. Mar. Dial. pr. cap. 5.
(2) Joan. de Bar. Dec. Prim. cap. 22.
(3) Duart. Galv. Chron. reg. Alf. cap. 18.

mesma feição, com as pontas para dentro, partido em cruz. O sello, com que sellava as Doações, era pendente em fita de seda leonada, e no circuito huma letra, que dizia: *Sigillum Doni Alphonsi.* E da outra parte tinha: *Regis Portugaliæ*, como vi nos Foraes confirmados a S. João da Pesqueira, dados por El-Rei D. Fernando de Castella.

O corpo do Santo Rei D. Affonso, dizem os Religiosos de seu Real Convento, que está inteiro, e he fama pública de todos os Cidadãos de Coimbra, e o tem por tradição antiga, que assim o achárão, quando o trasladou o magnanimo Rei D. Manoel, cujo corpo jaz na Capella Mór de Santa Cruz á parte do Evangelho em hum imperial tumulo de pedra, em extremo rico, e feito de invenção antiga, onde subtilmente estão lavrados, e esculpidos artificiosamente muitos ramos, e parras de vinha, com seus fructos, e tacemos artificiosamente, em humas altas pyramides, onde se vem os Santos Apostolos, imagens mui ao natural, de estatura de hum homem, feitas por cursos de annos por hum grande

de estatuario Francez, que só no dia trabalhava duas horas, a qual fábrica se cobre com hum nobilissimo arco, sobre o qual jaz hum grande escudo com as gloriosas insignias de Portugal, sustentado em mãos de dous Anjos. Em baixo fica hum alvissimo tumulo de finissimo marmore, e sobre elle lançado huma bellissima imagem, e mui ao natural do Santo Rei D. Affonso, quasi gigantado, vestido de armas reaes, com a barba grande, e crescida, a pessoa grave no semblante do rosto, representa grande magestade. Tem seu elmo, e manopla dependurados junto de si, e fica acompanhado de huma parte, e da outra com dous Anjos, que estão na cabeceira. Está com as mãos levantadas para huma devota imagem de nossa Senhora, e a seus pés tem hum forte leão.

Se o grande Alexandre se alegrou tanto, quando entrou triunfando em Troia, e lhe fez grandes honras por estar ahi sepultado o forte Achilles, com maior razão he esta Cidade digna de ser mais festejada, e venerada em ter em suas entranhas o grande, e Santo Rei D. Affonso.

só. E quem he Achilles para se comparar não digo eu ao grande Rei D. Affonso Henriques, mas como hum dos seus valérosos Capitães? E quem será tão barbaro que compare tantas Cidades tomadas, e tantos Senhorios, e Reinos conquistados, tantos Reis vencidos, e prostrados a seus pés, com o desafio que téve Achilles com o Troiano Eitor? Pouco dizem aquelles versos Latinos, que estão talhados em sua real sepultura, que contão delle ser outro Alexandre Julio Cesar, que começão:

Alter Alexander jacet hic, aut Julius alter,
Belliger, invictus, splendidus orbis honor.
Pacis, et armorum cauto moderamine doctus.
Alternare vices, tempore tuta dedit.
Cui pietas Christi, vel quantum debeat isti,
Ad fidei cultum Regna subacta docent.
Post Regni fastus Fidei dulcedine pastus:
In miseros inops enummulavit opes.

Ip-

Quod Crucis hic tutor fuerit necnon
cruce tutus
Ipsius clypeo Crux clipeata docet.
Vivax fama licet tibi tempora longa
reservet,
Digna tuis meritis dicere nemo potest.

C A-

CAPITULO XIV.

Do real Templo de Santa Cruz de Coimbra, que o Senhor Rei D. Affonso edificou, e de como o favoreceo depois de falecido com milagres.

O Sumptuosissimo templo de Santa Cruz (1) se fabricou no anno de 1132 em hum valle nos arrabaldes de Coimbra, lugar onde erão os banhos reaes, por mandado do Santo Rei D. Affonso o primeiro, e por ordem daquelle santo D. Theotonio D. Prior de Viseo, que floreceo muito em todas as virtudes. He hum dos famosos da Christandade assim em seu real edificio, como na magestade, com que se serve, que nenhum dos outros lhe leva vantagem nos Officios Divinos, e na Religião; porque seus Conegos Regrantes, depois dos Cartuxos, não ha na Igreja de Deos Ordem

(1) Breviar. Ebor. in vit. S. Theot. lect. 7. D. Prad. a Sand. Eccles. Tuy. sit. mih. 128.

dem (1), que viva com tanta clausura, nem com tanto rigor como elles.

He senhor de muitos vassallos, Villas, lugares, formosas quintas, fóros, e herdades, por onde fica sendo hum dos mais ricos, e abundantes da Europa, que além de lhe tirarem muitas rendas para a Universidade, e estudos menores, ainda hoje possue de renda vinte mil cruzados. A antiga, e Episcopal Cidade de Leiria foi sua, que lha deo o Santo Rei D. Affonso seu fundador; mas sendo ganhada por Ismar, Rei Mouro poderoso, depois de ganhada, ficou incorporada na coroa real deste Reino (2).

Possue tambem este nobillissimo Convento a Villa de Arrenches, Condeixa a Velha, Egas, Condeixa a Nova, e outras muitas. Os lugares de Ancião, com todos os seus dizimos, Hervedar, Ryverinha, Santa Maria, e Torrezello, que hoje são da Universidade, e aquella senhoral quinta, que está junto á Villa de Matozinhos, assentada sobre as corren-

(1) From. incep. Cath. lib. 1. cap. 60.
(2) Duart. Galv. Chron. Reg. cap. 25.

tes do rio Leça, que lhe dotou seu fundador o grande Rei D. Affonso (1), o qual illustre, e Santo Principe, além de lhe ter deixado muita fazenda, como se manifesta em seus foraes, e cartorios, lhe dotou tambem todo o patrimonio real, que possuia no territorio de Coimbra, como se declara por huma doação, que lhe fez, cujo theor he o seguinte:

In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amen.

Ego Alphonsus, Rex Portugaliæ, filius Comitis Henrici, et Reginæ Teresiæ, et nepos Alphonsi totius Hispaniæ Imperatoris. Decrevi facere Cartam Testamenti, et firmitudinis urbis Canonicis Sanctæ Crucis Colimbricensis Ecclesiæ, de hereditate mea propria, quam habeo in territorio Civitatis Colimbriæ, quæ vocator Alvage, et est in ladeira, cujus isti sunt termini. Ab Oriente per illam cameneam montis, qui est inter vos, et fratres Templi Salamonis, et descendit per illos Casales antiquos, deinde ascendit per cacumen mon-

(1) Ped. Mar. Hist. de Patr. Sel. fol. 19.

montis figuerolæ, et descendit per lumbos montis usque ad grandem subereiram, vaditque ad alios Casales de Fazalmir ust.

Em nosso Portuguez quer dizer:

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. Amen.

Eu D. Affonso, Rei de Portugal, filho do Conde D. Henrique, e da Rainha D. Teresa, e neto do grande Affonso Imperador das Hespanhas, Determinei, e houve por bem de fazer esta Carta de Testamento, e firmeza a vós outros Canonicos de Santa Cruz, de minha propria herança, que tenho no territorio da Cidade de Coimbra, que se chama Alvage, cujos termos são do Oriente, pelo monte, que está entre vôs, e os Monges do templo de Salamon, que corre por aquelles antigos casaes, e dahi vai pela cabeça do monte de Figueiró até á grande Sovereira, e toma pelos casaes de Fazalamir, com que se divide com os Religiosos de S. Jorge.

O D. Prior desta santa, e real casa

nas festas solemnes as celebra com bago, e mitra, e he Bispo em seu triennio, e tem em alguma parte da Cidade jurisdicção Episcopal, por onde tem seu Vigario Geral. El-Rei D. João o terceiro, de gloriosa memoria (1), quando impetrou do Santo Padre, que se annexassem as rendas do Priorado Mór de Santa Cruz á Universidade, o criou por Chancelario della, e que o fossem para sempre seus successores; e elles são os que dão os gráos de Licenciados, de Mestres, e Dousores, e dão os Pontos para as Lições, que se fazem nos Exames privados em todas as Faculdades, tendo o primeiro lugar, e benevolencia primeiro que o Reitor da Universidade. A elle lhe convem mandar, e acabar os Argumentos; e quando está ausente, serve o Vigario do dito magnifico Convento, que he da nossa Universidade Vice-Chancelario.

Inda que a Igreja deste Real Mosteiro está hoje toda cozida em ouro, e mui nobremente acabada, com tudo esteve em outros tempos quasi arruinada, até que

(1) Stat. Univers. Conimb. lib. 2. tit. 22.

que o mui alto Rei D. Manoel a restaurou no anno de M. D. XX., como declara bem hum Epitafio latino de letras de ouro, que está nas sumptuosas grades de seu cruzeiro, que diz:

Hoc templum ab Alphonso Portugaliæ primo Rege instructum, ac tempore pene collapsum, Regno successore, et Actore Emmanuele restauraverit. Anno Natalis Domini. M. D. XX.

Em muitos milagres esclareceo o santo Rei D. Affonso nesta sua real casa, de quem tão devoto foi El-Rei D. João o terceiro, que tratou de o canonizar; e havendo Sua Santidade mandou Bullas para se fazer as diligencias costumadas de sua santa vida, faleceo El-Rei, pelo que não teve effeito sua beatificação, que he muito para condemnar aos Portuguezes, como são pouco zelosos dos santos, que nascêrão em sua Patria, e mui diligentes na observação dos Estrangeiros; pois vemos hum livro mui authentico, que está no thesouro de seu real Templo, cheio de infinitos milagres, entre os quaes porei dous aqui que li nelle, que de outros já tratou o dou-

tis-

tissimo Estevão Alemão, nobilissimo Chronista do glorioso Santo Antonio de Lisboa (1), a que Portugal deve muito, e lhe deo com muita razão a desejada capella de louro, digna bem de seus grandes merecimentos.

Houve em Coimbra hum Bispo tão mal acondicionado, que desejou muito de se metter nas cousas do Real Convento de Santa Cruz, indo pessoalmente a Roma, de que alcançou com falsa informação do Summo Pontifice o que quiz. Vindo este Bispo de Roma disserão logo ao Prior de sua vinda: estava então nas Matinas, quando lhe derão esta nova; deo-lhe tanto que entender isto, que logo sahio do Coro; e passeando pelos claustros para alliviar o que sentia, pedindo a Deos nosso Senhor com muitas lagrimas o soccorresse, quando neste comenos vio encostado a huma columna junto do sepulchro do Santo Rei D. Affonso hum vulto de hum homem alto, que lhe disse: *Não te affijas, eu te darei aquelle remedio que bus-*

(1) Est. Alem. lib. 2.

buscas ; por intercessão minha será meu Mosteiro livre. A' manhã te chamarão, que vás por esse cruel Bispo , e o enterrarás , e com isto desappareceo. Neste mesmo tempo , e hora appareceo em visão o santo Rei ao Bispo mui irado , com huma forte lança na mão , e todo armado lhe fallou desta maneira :

Dize-me como tiveste atrevimento de impetrares contra minha Igreja Bullas , vindo a ella para quebrar os Privilegios , e liberdades , que lhe tenho dado , que tanto sangue , e trabalho me tem custado. E dizendo o santo Rei isto , sentio o Bispo que elle lhe dava crueis lançadas , com que acordou gritando em altas vozes por seus criados. Tanto que amanheceo forão os criados ter com o D. Prior , e lhe contárão o que passava , e que rogasse a Deos pelo Bispo seu senhor , e consentisse que se enterrasse em seu Convento ; e falecendo neste mesmo dia , o enterrárão em huma honrada sepultura na Capella de S. Miguel , que está nos clcustros.

Casando o Infante D. Duarte , Irmão de El-Rei D. João o terceiro , que ca-

sou

sou com huma filha do Duque de Bragança, entre as outras promessas de seu dote lhe deo seu pai a Commenda de Santa Cruz; e querendo tomar mais do que lhe pertencia, quando hum dia a muita pressa mandou chamar a Fr. Miguel de Valença seu Confessor, e lhe disse: *Padre meu, confessai-me, que me matou El-Rei D. Affonso: ide logo, por vida vossa, de minha parte ao Mosteiro de Santa Cruz, a pedir perdão por mim, promettendo de lhe restituir quanto lhe tinha tomado*: E assim o fez o Confessor, e logo o Infante ficou são, e livre.

CA-

CAPITULO XV.

De como S. Theotonio edificou em Coimbra a sagrada Ordem dos Conegos Regrantes.

NAsceo D. Theotonio, varão santissimo (1) em hum lugar chamado Gamfrey, onde hoje está fundado hum Mosteiro de S. Bento, perto da antiquissima Cidade de Tuy, no nobre Reino de Galliza. Seu pai se chamava Oveto, que he o mesmo que Diogo. Era este honrado Fidalgo irmão de D. Cresconio Bispo de Coimbra. O glorioso S. Theotonio depois de visitar duas vezes os lugares santos de Jerusalém, renunciando o Priorado de Viseo em Honorio, não querendo acceitar o Bispado, que lhe offerecia o Conde D. Henrique, se occupou em edificar por ordem do santo Rei D. Affonso o real Convento de Santa Cruz, onde se recolheo com doze varões cla-

(1) Fr. Dom. Prud. a Sand. in Eccles. Tuy fol. 125.

clarissimos na virtude, e na nobreza do mundo em titulo de Conegos Regrantes, debaixo da regra de Santo Agostinho: a razão foi, porque neste tempo florecia em Leão de França hum Bispo chamado D. Rufo, sua santidade foi naquella idade mui grande; e seu principal officio foi prégar a palavra de Deos, e tanta graça alcançou nisto, que bastou para que deixassem muitos o mundo (1), persuadidos de sua doutrina, com que ajuntou muitos Clerigos, e lhes começou a ensinar a Regra de Santo Agostinho, por onde ficou esta sagrada Ordem mui estendida no grande, e guerreiro Reino de França, e em toda a Italia, aos quaes cognominárão os Conegos Regrantes. Forão favorecidos da Princeza Mathildes (que era santissima mulher, e mui devota de S Rufo), ao qual edificou em Italia hum sumptuosissimo Convento.

Esclarecia S. Theotonio como os resplandecentes raios do Sol, entre os vir-

(1) Abb. Joac. Introd. Episc. Rom.Reip.Chr. lib. 6. cap. 10.

virtuosos Conegos, por espaço de trinta annos, nos quaes foi D. Prior, com tão grande luz de virtudes, e milagres, que o Santo Rei D. Affonso, e a Rainha D. Mafalda sua mulher fazião, que se lhe deitavão aos pés, pedindo-lhe humildemente sua mão, attribuindo ás suas orações as grandes victorias, que Deos nosso Senhor lhes dava contra os Mouros.

Descançou este illustre Santo (1) no anno de 1162 aos 8 de Fevereiro. Seu santo corpo está no Capitulo do real Convento de Santa Cruz em huma Capella propria, a qual he mui sumptuosa, sustentada em duas altas columnas cada huma, com o escudo debaixo de hum traçado. Esta nobre casa, e a Capella mór da Igreja, e o magnifico portal de Santa Cruz, a fez á sua custa o Bispo da Guarda D. Pedro, como se vê por suas armas, que são cinco passaros em campo de ouro, cujo escudo tem em seu tumulo na Capella d'Hls', que está nas claustras deste illustre Templo, como verifica o letreiro de sua sepultura, que diz: *Aqui*

(1) Martir. Lus. fol. 6.

Aqui jaz D. Pedro, Bispo da Guarda, e D. Prior que foi deste Convento, e Capellão mór de El-Rei D. Manoel, o qual mandou refazer a Igreja com a Capella mór, e Capitulo desta casa, e outras muitas obras, com que a ennobreceo. Faleceo no anno do Senhor de M. D. X b 1. *aos* 13 *dias de Agosto.*

Hum dos dous claros varões, que elegeo o glorioso S. Theotonio, foi aquelle mui virtuoso D. Tello, Arcediago da Santa Sé de Coimbra, e seu companheiro na edificação do real Mosteiro de Santa Cruz, sendo tambem fundador delle, o qual dormio em paz no anno do Senhor de M. C. XXXXX., e jaz sepultado em hum tumulo de alvissimo marmore junto á porta do Capitulo, mettido na parede, com este letreiro Latino:

IIII. *Idus Septembris obiit Dominus Tello Presbyter, Arcediaconus Colimb Canonicus, et fundat. hujus Monasterii Sanctæ Crucis anno Domini* M. C. XXXXX.

Não

Não deixou S. Theotonio de ser mui valeroso, que tomou por armas a Villa de Arronches aos Mouros, lugar inexpugnavel, e fez grandes matanças nos inimigos em Além-Téjo por lhe terem tomado Leiria, que era sua, como confessa o Principe dos Poetas.

Hum Sacerdote (1) vem brandindo a espada,
Contra Arronches, que toma por vingança
De Liria, que d'antes foi tomada.
Por quem por Mafamede enresta a lança.
He Theotonio Prior.

C A-

(1) Cam. Lus.

CAPITULO XVI.

De como se instituio na Cidade de Coimbra a sagrada Ordem da Cavallaria de Avís.

ENtre as esclarecidas, e heroicas obras, em que floreceo o santo Rei D. Affonso he digna de immortal fama a que fez por instituir nesta Cidade a sagrada Cavallaria de Avís (1) para defensão de seu Reino, e açoute da soberba, e arrogancia Mourisca, que tão desenfreada andava em Hespanha, cuja santa milicia se fez em hum real, e solemne acto, em que o mesmo Rei presidio; e achando-se nelle João Cerita, varão santissimo na vida, Abbade de S. João de Tarouca, com consentimento do Bispo Hostiense, Legado de Latere em Hespanha.

Foi seu primeiro Mestre aquelle grande, e esforçado Senhor D. Pedro Affonso, filho bastardo do Serenissimo Conde D.

(1) Fr. Bern. de Brit. in Chron. Cist. cap. 11. in fin. lib. 5.

D. Henrique (1), e huma nobre donzella, que depois que se assignalou muito nas armas em ajuda de El-Rei seu irmão D. Affonso Henriques, e que fez altas proezas na conquista de Santarém, entrou na Religião do glorioso S. Bernardo, no real Templo de Alcobaça, onde esclareceo em muita santidade, e humildade, porque mereceo alcançar a Gloria, devido premio de seus trabalhos. Jaz sepultado este illustrissimo senhor na Capella mór do insigne Convento de Alcobaça á parte do Evangelho em sepultura rasa, que diz:

Hic requiescit Dominus Petrus Alfonsus, Alcobatiæ Monachus, trat. Dñi. Alfonsy illustr. primi Regis Portugaliæ, cujos labore, et industria locus est Citer. Ordini, videlicet hunc loco Alcobaciæ, fundatus in era 118. *Quo anno cepit Rex Alphonsus Pr. Portug. Sanctarenam. Qui es Dom Petrus Alpho. de claustro Alcobatiæ ub. prius fuerat sepultus, in die S. Joannis Baptist. era Do-*

(1) Perr. Mar. Dial. 2. de var. Hist. cap. 3.

1331. *Dominus Dom Abbas transtulit ad hunc locum.*

Em Portuguez quer dizer:

Aqui descança D. Pedro Affonso, Monge de Alcobaça, irmão do illustre D. Affonso, primeiro Rei do Portugal, com cuja industria este real Mosteiro foi fundado na era de 1181, *no qual anno tomou El-Rei D. Affonso aos Mouros Santarem, o qual D. Pedro Affonso foi trasladado das claustras, donde estava sepultado dia de S. João, anno de* 1331, *pelo D. Abbade, a este lugar.*

Os Cavalleiros, que forão nomeados, e se assentárão nesta sagrada Cavallaria em sua infancia, foi D. Fernando Dianes, Gonçalo Viegas, Fernão Rodrigues Monteiro, Pedro de Sousa, Rodrigo Viegas, e Julião Affonso, e outros mui honrados Fidalgos Portuguezes, mui conhecidos por esforçados, e por mui virtuosos, que quanto de sua nobreza não havia que fallar, pois erão dos principaes de Portugal.

Te-

Teve esta nobilissima, e antiga Cavallaria em seu principio seu Convento na Cidade de Evora, por onde se cognominou de Evora, onde fez grandes serviços nas armas contra os Mouros (1), pelo que mereceo ser huma das insignes, que celebrou a idade. Daqui foi trasladada para a Villa de Avís, onde hoje mora, por o Santo Rei D. Affonso, que lhe deo o Castello, onde muito se assignalárão contra os Mouros com grandes assaltos, e combates, como fazem os Maltezes aos Turcos, sendo então Mestre D. Fernando Dianes, que fundou Avís na festa da Assumpção, era de Cesar M. CC. b. 1., o que se vê em hum marmore latino, que está em cima da porta; e por estar fundada nesta nobre Villa, foi chamada a Ordem de Avís. Tem por armas em suas bandeiras, e escudos huma cruz verde, em campo de ouro, da fórma da de Calatrava, e ao pé della duas aves negras, por allusão do nome de Avís (2).

(1) Pedr. Mar. Dial. 2. de var. Hist. cap. 8.
(2) Pedr. Mar. de var. Hist. Dial. 2. cap. 8.

Teve esta Ordem principio no anno de 1147 ; depois se ajuntou com a de Calatrava por amor de D. Rodrigo Graces de Aça (1), neste tempo ficou libertada, e fóra da successão da Ordem de Calatrava, pelas guerras que teve Portugal em Castella. Florecêrão nella muitos Mestres famosos, e gloriosos nas armas; e entre elles o que mais gloria, e luz lhe deo, foi aquelle martyr Portuguez D. João o Primeiro de gloriosa memoria (2), varão clarissimo nas armas, que ganhou a Coroa Real de Portugal a puras lançadas, cujo valor merece outro engenho igual a seu merecimento. E forão seus antigos Cavalleiros mui notaveis no esforço, e valor, e preço de armas; que des aquelle venturoso tempo, ficárão com titulos, e honras immortaes, dando brio, e animo aos que hoje florecem nella.

Trazião estes nobres Cavalleiros antigamante hum escapulario negro, com hum capello, até que reinando o muito vir-

(1) Arg. de Mol. lib. 1. cap. 32.
(2) Pedr. Mar. Dial. 4. cap. 1. Garib. 4. p.

virtuoso Rei D. Affonso o quarto, pedio ao Summo Pontifice Innocencio o mudasse, como defeito o fez, dando-lhe huma cruz verde á maneira de Calatrava, que trazem no peito.

Esteve mui sujeita á de Calatrava muito tempo, até que D. Gonçalo Nunes de Gusmão a veio visitar: sendo della Mestre D. Fernão Rodrigues de Sequeira, se mandou queixar ao Sacro Concilio Baliense, estando nelle por Embaixador de Portugal D. Affonso Pereira, Marquez de Valença, cujo nobre senhor alcançou do Summo Pontifice Eugenio IV. izenção de Castella, e tambem se conservou na idade do Serenissimo Rei D. Duarte, mas depois aquelle grande Rei D. Manoel, de gloriosa memoria, alcançou dispensa do Papa Alexandre VI., por parte do Cardeal Portuguez, do titulo de Santa Cruz Bispo Albano D. Jorje da Costa. Florecêrão nella vinte e oito Mestres, insignes nos feitos, na nobreza, e na alta Cavallaria, cujo Mestrado se encorporou na Coroa Real de Portugal, sendo os mesmos Reis Mestres della.

CAPITULO XVII.

De hum espantoso, e admiravel caso, que aconteceo em Coimbra.

TEmos agora entre as mãos huma heroica empreza, em que o amor se apurou em mais quilates de sua fortaleza, bem capaz de viva lembrança, com que esta Cidade se ennobroce mais, não sómente ella, mas todos os Reinos de Portugal O caso foi, que morando aqui hum principal senhor de mui alta, e notavel geração, chamado D. Viegas Moniz Coelho, primo do grande Egas Moniz, este honrado Fidalgo servia com alma, e vida a huma illustre Dama de Palacio, mui formosa em excesso, e muito mais na virtude, pelo que ficava sendo maravilha daquella boa idade.

Succedeo neste tempo que se foi D. Viegas para Lisboa, e em vindo a achou casada com hum Fidalgo Castelhano. Foi tanta a paixão do amor que nelle cresceo, que se vio no ultimo da vida; mas alimentando a dor da miseravel queixa,

e

e lento fogo, em hum miseravel, e infeliz estado, polo nojo (que he mui grande para quem o sentio alguma hora) que entre estas amorosas flammas depositou a vida, o que sabendo a formosa Dama D. Violante se igualou com elle; mas mais cruel para si, tomando a morte com sua propria mão, cuja tragi-comedia de amor alcança mais altivo titulo, e honra, do que aquelle lamentavel de Leandro, o qual valeroso, e namorado mancebo passando com ardentes desejos a nado hum claro rio, estando quasi affogado nelle, fallava com suas temerosas agoas amorosamente desta maneira: *Deixai-me passar, cristallinas ondas, a ver minha senhora; em vindo, me mergulhai vós outras, que o terei por felicidade, como trata o Poeta Aragonez, fallando delle* (1).

Cum peteret dulces audax Leandrus amores
Et fessus tumidis jam premeretur aquis,
Sic miser instantes affatus dicitur undas: Par-

(1) Mart. in Amp. Epigr. 25.

Parcite , dum propero , mergite dum redeo.

Cesse de Mancias o famoso namorado, que morreo de huma cruel lançada por seus amores no Castello de Aryonilla , criado do Mestre de Calatrava D. Henrique de Villena, tão celebrado, e contado de João de Mena, Principe dos Poetas Castelhanos (1) em suas Tresentas, e de Garei Sanches em seu Inferno de amor, em cuja nobre sepultura lhe puzerão a sanguentada lança com este lastimoso Epitafio, que assima o celebra.

Aquesta lança sin falla,
Ay coitado,
Non me la dieron del muro,
Ny la prise yo em batalla
Mal peccado.
Mas viniendo a ty seguro
Amor falso, e prejuro
Me ferio, e sin tardança,
E fue tal la muy andança
Sin ventura.

O

(1) Argot. de Mol. in not. And.

O nosso famoso D. Viegas era o mais insigne Poeta de seu tempo, nem em Hespanha se acha mais limado verso que o seu, o qual por ser hum diamante de muito valor para os Portuguezes, se lançou na Torre do Tombo, para se não escurecer tão illustre varão, pois sendo de idade de 20 annos, deo glorioso fim á empreza de seu amor; e com a candêa na mão, e na outra a penna, escreveo esta carta em verso á sua ingrata senhora, que ainda que a lingoagem, por ser antiga, não sóe bem, com tudo o verso he muito sentencioso, e por tal se lançou na Torre do Tombo, onde está para nobreza deste Reino, que começa:

Bem satisfeita ficades
Corpo de ouro.
Alegrade a quem amades
Que eu já morro.

Eu vos rogo, vos lembredes
Que vos quigue.
A que delos não abedes
Que vos figue.

Cam-

Cambastes as bequerenças
Per Castilha:
Abasmades Portugal
Que door me filha.

Gainhasme per Castelhanos
Peste neque
Achantaisme vinte enganos
Que me sequem.

Bedes moyro, bedes moyro
Violante
Longe voa o sestro agouro
Por diante.

Bos bibede
Hum centenario
Muy gervosso.
Que eu me dou para o trintario
Lagrimosso.

A se ouvides na mortalha
Os companheiros.
Retoycado na murmulha
Os meus morteyros.

A quando ouvirdes papear
O Castrion:
Lembrevos que lhe fiz dar ya
O Catom.

A que vos quige arequige
Como ver:
E nunca em cousa vos fige
Despager.

Non vos posso mais fallar
Que folgo yo
Ayaa podeis asmar
Que tal eu seyo.

Tenho todo o arcaboso
Sem feiçom.
Porém eu vos veyo, e oiço
No coraçon.

Bedas me bou descaindo
Nesta hora
Vos amor ficade rindo
Muito embora.

CAPITULO XVIII.

De como o mui grande Rei D. Sancho, o Povoador, nasceo em Coimbra, e nella jaz sepultado.

O Mui guerreiro Rei D. Sancho o Primeiro do nome (1), e na dignidade real o Segundo, cognominado o Povoador, nasceo em Coimbra a 11 de Agosto anno de 1154: seu pai o Santo Rei D. Affonso Henriques sendo Principe, o mandou desta Cidade com hum lustroso campo a guardar as fronteiras de Além-Téjo, e guerrear aos Mouros seus vizinhos (2), onde fez cousas maravilhosas, passando seu nome pelos fins da fama, queimando, e assolando com cruelissima guerra seus fortes lugares, e povoações, com que se tiverão os Mouros por tão injuriados, que os mais velhos com lagrimas dizião huns aos outros, lançando em rosto aos moços: *Já a nossa an-*

(1) Mag. Emm. Corre. in Lusit. cant. 3. oct. 86.
(2) Pedr. Mar. Dial. 2. de var. Hist. cap. 7.

antiga honra, e valor bellico he de todo acabado, e falecido; já não sois filhos daquelles Cavalleiros Andaluzes; porque depois que ganhamos por nossas armas Hespanha, tal nunca se vio por nossos peccados, que até áquelle tempo nenhum dos Reis Catholicos tiverão attrevimento para vir ás nossas terras, salvo esse valeroso mancebo Portuguez, que tão diminuido vos tem vossa antiga fortaleza, e primor. Onde ouvistes vós, que vos corressem os campos largos, e fertiles Sevilhanos, com mão armada, e andassem á vista de vossa famosa, e rica Cidade de Sevilha, que deo alti-vo, e arrogante titulo a este cançado Reino, que vossos pais cavalleirosamente conquistárão, como este anda!

Com estas lamentaveis orações juntárão hum temeroso Exercito, em que vinha por Caudillo o soberbo Rei de Andaluzia. O nosso Principe deo nelle tão animosamente, que inda agora vão vergonhosamente fugindo em busca das portas de Sevilha, com tão cruel matança, que ficou o Guadalquibir hum rubim finissimo com o sangue delles, parecendo

do hum mar roxo. Daqui victorioso, e rico se partio a cercar a Villa de Niebla (1); mas sabendo que estava cercada dos Mouros, Béja levantou o cerco, e lhe foi dar batalha, cuja insigne, e famosa batalha venceo, matando muita Cavallaria, e a seus Principes Abelxomizim, e Albouzil, com que alcançou grandes despojos.

Sendo D. Sancho Rei (que foi levantado nesta Cidade, com todas as solemnidades costumadas a 9 de Dezembro de 1185, tres dias depois do falecimento de El Rei seu pai) ganhou aos Mouros a Cidade de Silves, e d'Elvas, e deo grandes liberdades ás Camaras de seu Reino, e principalmente á Cidade de Lisboa, Emporio do mundo, como se vê de huma antiga Escritura de Privilegio, e Foro, que tem no Cartorio sèu illustre Senado, que diz:

D. Sancho pela graça de Deos Rei de Portugal, a D. Soeiro, Bispo de Lisboa, e ao Alcaide de Lisboa, e aos Al-

(1) Duart. Galv. in vit. reg. Alf. 1, can. 53. in fin.

Alvazis , e Concelho , saude , e amor. Saibão que não ha Rei , nem Principe no mundo , que mais possa amar algum Concelho do que eu vos amo , nem dos quaes o serviço eu mais possa graçer , que eu vos agradeço. Porque bem sei que em todos os lugares , que eu quiz , me servistes , e porque agora eu vos enviei com o Rei de Leão , me servistes até assim como a mim aprovesse , e os vossos vizinhos , que de El-Rei de Leão são tornados por mim , elles mostrárão algumas maneiras que havião , e que em algumas cousas lançavão-vos de vossas cearas , sobre a qual cousa , eu mando , e a vós outorgo que a vossa almotacaria vades , e a ella por vontade desponhades. Mando outrosim que nem a meu Alcaide da Villa , nem o Alcaide dos Navios , nem os Alvazis , nem nenhum outro ousa a forçar nenhum homem do Concelho de seu vinho , nem do seu pão , nem do seu pescado , nem das suas carnes. Ainda mando que os mais Mordomos não vão fóra da Villa a prender homens ; mas se fizerem Coimas , ficai-vos , chamar por Porteiró do Alcaide

pe-

perante o Alcaide, e Alvazis, paguem elles o que fizerem. Assim como mando ao Alcaide, e aos Alvazis, e o Concelho mande seus Alvazis cada anno. Mando de mais que o Padre não pague Ceima por seu filho, mas o filho a peite seu fazer, e se não houver porque pague, pague por seu corpo. Mando outrosim dos Mouros, e dos Judeos feridos que se venhão a queixar ao Alcaide, e Alvazis, assim como foi costume em tempo de meu Padre, e inda mando, que os Mordomos não penhorem nenhum homem, até que o chame ao Concelho perante o Alcaide, e Alvazis. Foi feita esta Carta em Guimarães no mez de Agosto era de M. D. e 42.

El-Rei D. Sancho ennobreceo Portugal com muitos nobres lugares (1), pelo que merece ser chamado o Povoador, dos quaes contão largamente os que escrevem de sua vida, que forão muitos. Elle edificou aquella Torre de formosissima, e alegre vista, que he de cinco quinas, que está nos Paços dos Condes de

(1) Duart. Galv. in ejus vita.

de Portalegre em Coimbra, a qual em todo o cima têm huma pedra de letras Gothicas em Latim, que eu com muita curiosidade trasladei, que diz:

Sanch. illustrissimus Rex Port. filius incliti Regis Alphonsi, et Reginæ Mafaldæ, et illustrissimi Comitis Henrici Christianissimæque Reginæ Taresæ: ipso jubente hæc turris. Et anno Regni ipsius 24, et anno civitatis receptæ à Sarracenis per Regem Ferrandum. C. X2 : LVI: ✠ F:M:CC:X:VIIII.

Quer dizer em nosso Portuguez:

Sancho illustrissimo Rei de Portugal, filho do inclyto Rei Affonso, e da Rainha D. Mafalda, e neto do illustrissimo Conde D. Henriques, e da Christianissima Rainha Teresa, mandou edificar esta Torre no anno de seu Reinado 24, e no anno desta Cidade ganhada, e conquistada dos Sarracenos. C. VI. ✠ F. M. CC : XVIIII.

Foi casado El-Rei D. Sancho com a Rainha D. Aldonça, Princeza de Aragão, filha de D. Reimão, duodecimo Con-

Conde de Barcelona, e de sua mulher a Rainha D. Patronilla, senhora Proprietaria de Aragão, de que teve nove filhos legitimos, entre os quaes forão quatro Princezas, que esclarecêrão muito na virtude, e seis bastardos, todos ainda vivos á hora da sua morte. Foi hum heroico Principe, e mui Christianissimo, floreceo admiravelmente na Cavallaria. Faleceo nesta Cidade anno de 1212, jaz sepultado na Capella Mór de Coimbra, á parte da Epistola, em hum real tumulo, semelhante na traça, e nobreza de El-Rei seu pai, que fica diante delle, onde jaz sua estatua mui ao natural. Foi homem envolto em carnes, como nella se vê, bem de meãa estatura, e está ricamente armado. Sem nenhum letreiro, que declare que jaz ahi em pó, e em terra hum tão famosissimo Rei, que tanto ennobreceo esta Coroa: com tudo não faltou de ser heroicamente cantado do Principe dos Poetas, doce favo da Divina Poesia, que bem lhe póde servir por alto Epitafio de sua real sepultura, que diz:

San-

Sancho forte mancebo, que ficára
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já a experimentára,
Quando Bethis de sangue se tingia:
E o barbaro poder desbaratára
Do Esmaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Béja em vão cercárão
Os golpes de seu braço em si provárão (1).

(1) Luziad, Cam. Cant. 3. Out. 85.

CAPITULO XIX.

Do bemaventurado Padre S. Palaio, o primeiro Fundador, e Prior do antigo Convento de S. Domingos de Coimbra.

NAsceo o bemaventurado Padre S. Palaio em Coimbra, filho de nobres pais; mas muito mais calificados na virtude, com cujo exemplo sahio este valeroso Soldado de Christo varão Santissimo. Foi Monge da Ordem dos Prégadores, em tempo que esclarecia aquelle famoso sol de virtude o grande Patriarca S. Domingos de Gusmão, natural de Cabervega, filho de D. Felis de Gusmão (1). E em sua feliz vida edificou Palaio o nobre Mosteiro de S. Domingos, junto ás saudosas correntes do Mondego, de que foi seu primeiro Prior, onde hoje ha inda algumas ruinas suas, que demostrão seu sitio, e antiguidade.

Foi este animoso Portuguez Coimbrão, grande servo de Deos, pelo que fez

(1) Morales Discurs. S. Dom.

fez em sua angelica vida, e grande fructo em seus dias na Igreja Militante, esclarecendo em muitos milagres, e hum delles digno de se aqui relatar. Que depois de ter alcançado o devido premio de ser Cortezão do cristallino Ceo, mandárão os Religiosos deste antigo Convento fundir hum sino: faltando para elle a terceira parte do metal, hum devoto seu, e da mesma Ordem, se foi correndo á sua sepultura, tirando terra della, alcançou com grande confiança na fundição; subitamente por mercê Divina sobejou o cobre, e em alta memoria de huma tão grande maravilha se vê bem claramente nelle o sinal da terra. Jaz sepultado na Capella mór em huma caixa pequena de marmore toda dourada, á parte do Evangelho no alto da parede, em cima da qual está em vulto com hum sino na mão, symbolo do grande milagre que contámos, a qual se orna, e illustra com este nobre epitafio Latino, que diz:

Primus hujus Conventus Prior, morum sanctitate, ac miraculorum gloria insignis Pelagius H. S. E. obiit circa annum Domini. 1240.

Em Portuguez quer dizer:

Aqui descança Palaio, primeiro Prior deste Convento, insigne na santidade dos costumes, e na gloria dos milagres, passou desta vida no anno do Senhor de mil duzentos e quarenta.

Está esta santa casa em outra parte, donde a edificou o bemaventurado S. Palaio; mas no mesmo sitio, por causa das enchentes do rio que assolou, em cujo lugar se vê hum campanario, e a reedificárão junto á estrada real do porto fóra dos muros, e situada nos arrabaldes desta Cidade, como antigamente estava. Nella esclareceo aquelle Santo Arcebispo de Tolledo D. Vasco de Tolledo, e nella faleceo. Era este illustrissimo senhor irmão de D. Goterres Fernandes de Tolledo, Reposteiro mór do cruel Rei D. Pedro de Castella, que estando dizendo Missa, o lançou o cruel Principe (1) com muita pressa sem comer, nem beber, nem se quer lhe darem hum livro

(1) Gar. lib. 14. cap. 35. Camp. by.

vro seu, confiscando-lhe toda a fazenda. Aqui recolheo passando o curso de sua santa vida com grande paciencia, e recolhimento de sua pessoa.

Os Excellentissimos Principes, Duques de Aveiro, são Padroeiros deste santo Mosteiro o Duque D. João, aquelle famosissimo Cavalleiro, que morreo na triste jornada de Alcacere; e ahi ennobrecendo com hum sumptuoso Templo, que fora hum dos notaveis de Hespanha, se o deixára acabado, que ainda se vê para lembrança, a Capella mór levantada, obra maravilhosa, e de traça, e arquitectura Romana.

Nelle está o doutissimo Collegio de S. Thomás, donde tem sahido muitos Prelados, e Varões illustres nas letras Divinas, dous dos quaes derão grande lume á sagrada Ordem Dominicana, ambos chamados Frei Antonio, ambos Lentes de Prima na sagrada Theologia da Universidade, ambos naturaes de Coimbra, e ambos jazem em huma sepultura no cruzeiro á parte da Epistola, neste mesmo Mosteiro.

CA-

CAPITULO XX.

De quantos Bispos teve Coimbra, e de como florecérão muito nas letras, e nas virtudes.

TEve esta insigne, e antiga Cidade XLIIII. Bispos, com que hoje he Varões famosissimos Pontifices, mui esclarecidos em todo o genero de bondade, e illustres nas letras, e no claro sangue, como foi o doutissimo Lucencio, que esclareceo no primeiro, e segundo Concilio de Braga (1), celebrados em tempo dos Serenissimos Reis Godos Athanagildo, Edevigildo, Ermelpho Renato, Saberto, Gomiro, e Myro, quando reinárão em differentes annos os virtuosos Principes Flavio Ervigio, e Flavio Egica nos Sagrados Concilios, que em seus dias felizmente celebrárão. Tambem lhe deo grande gloria, e nome D. Vermundo, como diz hum breve Epitafio de

(1) Moral. lib. 2. cap. 17. e lib. 12. cap. 19. e cap. 150.

de seu tumulo, que está escrito em hum marmore dourado com hum escudo com quatro bandas de ouro atravessado, que fica debaixo do Coro da Cathedral Sé de Coimbra á parte da Epistola mettido na parede, que diz:

Anno abhinc incarnatione Domini M. C. L. XXXI. obiit donus Vermudus bonæ memoriæ, hujus Civitatis octavus Episcopus ad Nonas Septembris vir incomparabilis scientiæ, et omnium virtutum tunc honestate conspicuus, anno Episcopatus sui quinto requiescat in pace.

Em portuguez quer dizer:

D. Vermundo, de boa memoria, faleceo em Setembro, anno da Encarnação do Senhor de M. C. L. XXXI. oitavo Bispo desta Cidade, varão de incomparavel sciencia, e de todas as virtudes, como mui claro na honestidade, no anno quinto do seu Bispado descançou em paz.

E no Reinado do Santo Rei D. Affonso foi D. João a Naheja, mui grande Prelado, a quem este heroico Principe dei-

deixou por herdeiro de seus bens (1). Não de menos merecimento foi o Bispo D. Egas Fafes (2), que por sua rara virtude foi creado por Arcebispo Metropolitano de Sant-Iago o quarto decimo em Ordem, filho de D. Fafes Godiz, e de D. Sancha Giraldes, que era descendente de D. Fafes Luy, que veio com o Serenissimo Conde D. Henriques, que foi seu Alferes mór, e Rico homem na dignidade, donde hoje descendem os Godinhos, que trazem por armas hum escudo barrado com quatro barras, a primeira vermelha, a segunda de ouro, e a terceira azul, e a quarta de ouro com huma estrella azul no cume della. O qual Arcebispo jaz enterrado em hum alto tumulo, onde tem sua estatua junto ao Altar de S. Martinho no cruzeiro da Sé de Coimbra: defronte della se vê hum marmore dourado, com letras Gothicas, que diz:

Era M.CCVIII. Idus Martii obiit apud mon-

(1) Pedr. Mar. Dial. 2. cap. 5.

(2) Fr. Henn. Oxea Hist. de Saub. cap. 52. Comm. Patr. in nob. insti. de D. Ouri.

montem Persulanum Dominus Egeas Fafes Archip. Compustul.quidam Episcopus Colimbriensis, corpus ductus et honorifice familia sua Civitate Colimbr. hic est sepultus, primi Februari xª. Altare.

Em Portuguez quer dizer:

Na era do Senhor de M.CCC. aos 8 Idus de Março se finou D. Egas Fafes Arcebispo de Sant-Iago no Monte Porsulanum. Hum Bispo de Coimbra lhe mandou trazer o corpo honradamente por sua familia, e o sepultou aqui junto ao Altar ao primeiro de Fevereiro.

CAPITULO XXI.

De como a bemaventurada Infanta D. Sancha fez o Mosteiro de Cellas de Coimbra, e de como a Rainha D. Teresa edificou o de Lorvão de Religiosas de Cister.

DAquelle grande Rei de Portugal D. Sancho, o primeiro do nome (1), nasceo D. Sancha, Infanta famosissima na virtude, clara nos dotes d'alma, e rara na bondade, que desprezou o Thalamo de muitos altos, e nobres Principes para ser virginal Esposa de Christo, com que mereceo o imperial Diadema de alvissimas flores, não nascidas na terra, senão no celeste jardim do Ceo, a qual Infanta fundou em seus proprios Paços de Alémquer, de que era senhora, hum Mosteiro ao Serafico Francisco, sendo ainda vivo; e estando aqui inflammada no amor de seu Divino Esposo, fun-

(1) Duart. Nun. in Chron. Regis San. Mor. Dial. 2. cap. 9.

fundou em huma quinta sua, que fica fóra da Cidade, mas perto della, hum nobillissimo Convento de Religiosos de S. Bernardo.

O lugar, onde está levantado he em hum valle cercado de olivaes, no qual matou El-Rei D. Fruella cruelmente ás punhaladas a seu irmão o Infante Voimarano (1). He dedicada a nossa Senhora, pelo que se cognominou de Santa Maria de Cellas d'Voimarães, sustentando ainda a antiga memoria do mallogrado Infante. A arquitectura de sua Igreja he redonda, á maneira de tenda de campo, e resplandece notavelmente no recolhimento, e Religião, illustrado com a principal Fidalguia deste Reino, que em si tem.

Não he de menos gloria digna sua irmã Rainha de Leão, e bemaventurada Princeza D. Tereja, que celebrou o sagrado matrimonio com El-Rei de Leão D. Affonso, o Novo, de que teve por penhor a D. Fernando, e a D. Sancha, a qual sendo desquite de seu esposo pelo pa-

(1) Fr. Bern. de Brit. M. Lus. 2. p. cap. 8.

parentesco, que havia entre ambos, por mandado do Summo Pontifice Romano, buscou outro mais nobre, e Real, que foi Jesu Christo. Com este Divino Esposo cresceo em tanta alteza, que resplandeceo, como os resplandecentes raios do Sol, com os dourados raios de sua angelica vida em muitas singulares virtudes em seu tempo. Ella foi que instituio em Lorvão a sagrada Religião de Cister, onde pôz por guarda daquellas virgens Bernardas, e por pastora, a Abbadeça a D. Goda sua aia, mulher mui clara no sangue.

Está fundado Lorvão em hum valle, que este seu Real Convento occupa entre duas altissimas serras, por onde corre hum manso ribeiro, e mettido entre huma boa aldeia. Foi antigamente dos Monges de S. Bento: Julião Abbade seu o renunciou a esta Serenissima Princeza; he hoje hum dos principaes que ha na Europa de Religiosas, e o mais rico que se sabe, senhor de vassallos, e villas. A Abbadessa delle tem bago, e cadeira Episcopal, e Senhoria, e em muitos lugares põe os Juizes, e mais Ofifciaes, e

com

com grande solemnidade lhe dá as varas da Justiça, em cujo magnifico Templo está mui calificado com muitas Religiosas, em que a pobreza, e virtude igualmente andão, mas mais illustre com o Divino thesouro que tem de muitas santas reliquias.

Estas gloriosas Princezas ambas florecem em muitos milagres, e de ambas se tirou hum público instrumento para as sanctificarem, por mandado do Cardeal D. Henrique, e de seu sobrinho El-Rei D. Sebastião. Estão sepultadas com as sepulturas unidas huma á outra em Lorvão, e são chamadas vulgarmente as Rainhas santas, e não jazem em Santa Cruz, como escrevem alguns Historiadores nossos; e bem poucos annos ha que achárão seus santos corpos inteiros, com que cresceo mais a devoção de suas Freiras: mas não nos avimos dos Portuguezes para Roma tratarem de sua beatificação, quando andão occupados nas outras a quem devem menos, pois forão estas senhoras Infantas de Portugal, filhas de quem amparou este Reino, e o defendeo ás lançadas por o livrar da mão

de

de Aben Juceeph, terceiro Rei dos Almoades, e Imperador de Marrocos (1), em companhia dos poderosos Reis de Sevilha, e Cordova, que com grande multidão de Mouros de Hespanha, e Africa lhe fazia cruelissima guerra. Além de ser Netas, de quem gloriosamente a conquistou, e que tantas feridas ganhou para o realçar, e celebrar entre os mais florecentes do mundo; mas eu o que digo? pois minha possibilidade não póde mais dar, que estas flores do campo de meu engenho que lhe offereço, as quaes com muita razão posso fallar (ainda que são dignas de outros louvores mais altos por serem felizes moradoras do Ceo) com aquelles pastoris cantares Virgilianos (2), pois a ellas lhe trazem as formosas Sarranas Coimbrãs os plateados cestinhos todos cheios d'aridas roxas flores de puro amor, que com amorosas cantigas Portuguezas as vão colhendo em cores nos bemaventurados prados do Mondego, onde nascem com mui-

(1) Pedr. Mar. Dial. 2. cap. 9.
(2) Virg. Eclog. 2. v. 45.

muita abundancia, sem as semearem, apanhando tambem os suaves lirios, que suas frescas ribeiras alegremente matizão, e estando todos em seu louvor.

..... *Tibi lilia plenis*
Ecce ferunt Nymphæ calathis: tibi candida Naïs
Pallentes violas.....

CA-

CAPITULO XXII.

Do magnifico Templo de Santa Sé de Coimbra, e de como o reedificou o Bispo D. Jorge de Almeida, e o ennobreceo o Bispo D. Affonso de Castello-Branco.

EM hum alto, e quasi no meio da Cidade de Coimbra está edificado o sumptuoso Templo da Sé de Coimbra de arquitectura perfeitissima, e excellente, illustre por seu admiravel retabulo da Capella mór da Assumpção da Virgem Maria Nossa Senhora, e o mais curioso, e subtil, que se sabe haver em Hespanha. Esta real casa reedificou, assim como se vê hoje, aquelle grandioso Prelado o Bispo della D. Jorge de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, primeiro Conde de Abrantes (1), cuja realeza declara sua reedificação. O qual jaz enterrado com campa raza, com o escudo do seu brazão na Capella do Apostolo San-

(1) Tragic. Real. fol. 80.

Santo André no cruzeiro desta Igreja, com este Epigramma latino.

Divini numinis pietati.

Episcopus, et Comes Domin. Georgius Dalmeida, hic situs est, vixit anno d. XXV., obiit 8, Calend. Sextilis anno Domini M. D. XXXX. annis LXXII. utraque dignitate præditus.

Era este claro Pontifice descendente da illustrissima familia dos Almeidas deste Reino (1), a quem deo feliz appellido D. Paio Goterres Almeidão, por ganhar á ponta da espada a Villa de Almeida. Traz por armas em campo de prata seis arroelas de ouro. Della nasceo a nobillissima casa dos Condes de Abrantes, a quem lançou illustre pedra D. Lopo de Almeida, que foi o primeiro Conde della, que casou com D. Beatriz Sanches, irmã do Arcebispo de Braga, D. Fernando: era filho de Diogo Prez de Almeida, Veador da Fazenda, e Fidalgo de muita virtude, que fez a Igreja velha de Santa Maria do Castello de Abrantes, como testemunha hum letreiro

(1) Fr. Bern. de Brit. in Chr. Cist.

Portuguez de sua sepultura, que está na Capella mór á parte do Evangelho, mettido na parede que diz:

Neste monumento jaz o mui nobre Barão, e em extremo Cavalleiro D. Diogo de Almeida, Criado, e Veador, que foi da Fazenda, e dos Conselhos dos Reis D. Duarte, e de El-Rei D. Affonso, quinto filho seu. Foi mui leal servidor aos ditos Senhores, mui virtuoso, devoto, e Catholico, discreto, e de mui virtuosa conversação entre os homens. E seus feitos forão taes, que satisfez sempre mui bem ao que devia á sua nobreza com a Cavallaria. Elle edificou esta Igreja de nossa Senhora por sua devoção, e a ornamentou. Finou-se em mui bom estado com todos os Actos, e Sacramentos, que era obrigado, no mez de Janeiro aos 5 dias delle, da era de nosso Senhor Jesu Christo 1450 *annos, e foi filho de Fernão de Alvares de Almeida, que foi aio do dito Senhor Rei D. Duarte, e dos Infantes D. Pedro, e D. Henrique seus irmãos.*

Muito tambem ennobreceo esta santa

Sé

Sé aquelle generoso Bispo D. Affonso de Castello-Branco, que foi hum dos grandes Principes Ecclesiasticos, que em nossa idade florecêrão, varão insigne nas letras, e na rara bondade, e nobre edificador: pouco he o muito que se póde explicar de suas altas excellencias, que edificou a famosa Sacristia della, que por certo se tem que he huma das melhores que ha, e a enriqueceo com muita prata, e ouro, como são as vinte e cinco tocheiras que lhe dotou, lavradas nellas suas armas. Dous doceis de brocado riquissimos, bordados com suas insignias, e frontaes, e capas de muito valor, e outras de mui notaveis peças. Reedificou, sendo Bispo do Algarve, os Paços de seus Bispos, e os de Coimbra mui sumptuosmente, trazendo com muito custo agoa a elles. Fez o dormitorio de Santa Clara de Cellas, e deo muita ajuda ao de S. Francisco. Realçou esta Cidade com muitas obras públicas, e fontes. Deixou á santa Misericordia juro, e á Camera deo duzentos mil reis de renda para sempre, para as calçadas. Deo quinze mil cruzados á Curia Romana para obras

pias, e em hum dia graciosamente repartio pelas Ordens pobres oito mil cruzados, que erão de ser Vice-Rei de Portugal. Levantou aquelle real edificio do Mosteiro de Santa Anna, que lhe passou de custar cento e vinte mil cruzados, dedicado á gloriosa Santa Anna, cujo edificio não ha outro igual, que tenha melhores officinas, e claustro, porque he de obra Romana, e todo pintado. Esteve antigamente este Mosteiro junto á ponte, onde hoje por memoria sua se vê em hum alto huns cinceyros com duas figueiras, que começou de humas Beatas que ahi vivião favorecidas, e ajudadas da Santa Infanta D. Sancha, que neste tempo professárão a Regra de Santo Agostinho, em que recolheo muitas donzellas, buscando-as mui destras na Musica, e nos instrumentos por todo o Reino, e as passou para elle a 13 de Fevereiro do anno de 1610 de S. Martinho do Bispo, com grande pompa, em que tambem metteo as Freiras de Semide por authoridade Apostolica. E pôz por Padroeiro, e defensor desta sua real casa a seu primo D. Duarte de Castello-

Bran-

Branco, Conde de Sambugal, e aos quẽ delle descenderem, como declara hum letreiro de huma pedra dourada, que está na porta principal, debaixo da Imagem da gloriosa Santa Anna, com seu escudo, e com insignias Episcopaes, com coroa do Conde, que diz:

No anno do Senhor de M. D. C. a 23 de Julho D. Affonso de Castello-Branco Bispo XLII. de Coimbra, mandou fazer este Mosteiro á sua custa, do qual he Padroeiro D. Duarte de Castello-Branco, Conde de Sambugal, e Meirinho Mór destes Reinos, e de seus Successores, do qual o Priorado he confirmado pelo Papa. Faleceo o grande Rei D. Affonso no anno de..... huma terça feira ás 8 horas da manhã, entrando na idade de 90, que era aos 18 de Maio, de huma breve enfermidade. Quando lhe trouxerão o Santissimo Sacramento disse com muitas lagrimas, e altos gemidos ao Sacerdote: Padre meu, peço-vos que vades de vagar com essas divinas palavras, porque estou mui fraco, para as poder melhor repetir.

Depois de Santa Unção, estando no der-

derradeiro acto de sua vida, abrio os olhos para o Crucifixo, que tinha na mão, lembramdo-lhe os Religiosos ao Altissimo, e Divinissimo nome de Jesus, fallou com a voz mui fraca desta maneira: *Bem sei, meu bom Jesus de minha alma, que sois poderoso, para que de grandes males tireis grandes bens.* Foi sepultado com muito sentimento de todo o povo de Coimbra, e dôr da Universidade ao dia seguinte, que era huma quarta feira, ás 11 horas do dia, á parte do Evangelho, no seu Mosteiro de Santa Anna.

Esclareceo este nobilissimo Senhor em todo o genero de virtudes, e na clemencia, sendo hum velho Tobias no dar esmolas, com as quaes sustentou a muitos Fidalgos estudantes, que por sua pobreza não podião estudar: a muitas pobres donzellas de sua fazenda, e á sua custa lhe fez os dotes, e Profissão, mettendo-as em seu Mosteiro de Santa Anna. Era hum dos mais consumados Letrados do seu tempo, e dos célebres pulpitos, que houve em seus dias, e mui devotissimo do Orago da Senhora das Candeas.

Em

Em quanto viveo a celebrou com devotissimos Sermões na Santa Sé de Coimbra, com grande auditorio de Letrados.

Pouco ambicioso era de dignidades, porque sendo-lhe offerecido o Arcebispado de Evora com muita instancia por El-Rei nosso Senhor, que santa Gloria haja, o não quiz acceitar, contentando-se com o que tinha, como varão Apostolico, como assim lhe chamou diante do Summo Pontifice o Cardeal Eugenio. Foi em extremo gracioso na conversação, e mui avisado, e galante, de grande casa de familia, e de nobillissima condição, e Cortezão em grande maneira. Era homem alto, magro, e direito, de côr morena, tinha hum formoso sinal na face, que muito o formoseava. Seu pai se chamou D. Antonio de Castello-Branco, que depois, sendo Clerigo, foi Adaião da Capella de El-Rei, que o houve de huma nobre donzella, natural de Sant-Iago de Cassem, onde nasceo o Bispo Conde D. Affonso, que governou estes Reinos com muita justiça e amor, sendo Vice-Rei delles.

Era por linha masculina da clarissí-

ma

ma familia dos Castellos-Brancos de Portugal, que trazem por armas de sua antiquissima Nobreza hum leão de ouro, em campo celeste, donde manou o illustre Condado da Villa Nova, a quem deo feliz principio o Conde D. Martinho de Castello-Branco, filho de D. Gonçallo de Castello-Branco, Veador da Fazenda de El-Rei, e famosissimo Cavalleiro, cujos grandes louvores diz hum marmore negro, escripto com letras de ouro, que está no Priorado de S. Martinho de Lisboa na Capella Mór á parte do Evangelho, que diz:

Aqui jaz D. Gonçallo de Castello-Branco Valente, senhor da Villa Nova de Portimão, Monteiro Mór, Almotacel Mór, Escrivão da Puridade, Veador da Fazenda de El-Rei D. Affonso o Quinto, e seu Testamenteiro, em cujo serviço, e companhia foi a tomada de Arzilla em Africa; e em Castella com 120 de cavallo rompeo a primeira batalha de Touro, e jaz com elle D. Beatriz Valente sua mulher, e seu filho D. Martinho de Castello-Branco, Conde, e Senhor

nhor da Villa de Portimão, Camareiro Mór de El-Rei D. João o terceiro, e de tres Reis detrás, Veador da Fazenda de El-Rei D. Manoel, e seu Testamenteiro, o qual de idade de 15 annos se achou na batalha de Touro, e de 62 annos levou a Infanta D. Brites a Saboya. Foi casado com D. Micia de Noronha, que aqui tambem jaz. Pai, e filho forão Governadores de Lisboa, viveo o pai 70 annos, e o filho 70 annos.

C A-

CAPITULO XXIII.

De como as reliquias dos Santos Martyres de Marrocos vierão a Coimbra, e de como nella tomou o habito Franciscano o bemaventurado Santo Antonio, e de hum antiquissimo troféo, que tem esta Cidade.

CInco suavissimas flores brotou em sua primeira infancia aquella Serafica arvore Franciscana, que forão Beraldo, Pedro, Adjuto, Acursio, Otto (1), insignes Cavalleiros de Jesu Christo, que no Sacro campo do martyrio ficárão vencedores, indaque mortos cruelmente pelas proprias mãos do barbaro, e insolente Imperador de Africa Miramolim, na Metropolitana Cidade de Marrocos, no anno de 1220, cujos santissimos corpos, por divino thesouro, os mandou de lá o desterrado Infante D. Pedro a esta Cidade, por seu privado Affonso Pires de Ar-

(1) Mor. Dial. 2. cap. 12. Jacob. Rosar. Sec. pr. pro Franc.

Arganil, e forão felizmente collocados no real Templo de Santa Cruz, com hum solemne triunfo em hum riquissimo relicario.

Dous Martyres forão dados por El-Rei D. Affonso o Segundo, no mesmo tempo que vierão, a Lorvão, e muitas partes destes dous Soldados divinos estão no Mosteiro dos Frades de S. Francisco em Gouvea. Os tres companheiros ficárão por defensores, e Padroeiros de Coimbra, cujas cabeças, encastoadas em prata, claramente mostrão as altas, e profundas feridas em seus cascos, do cruel traçado do barbaro Africano Principe Miramolim, e em huma dellas declara mais seu odio, e paixão, que ainda hoje mostra nella o sangue fresco, como finissimo rubor, e folha de rosa entre os cabellos. As mais reliquias estão em huma sumptuosa tumba de finissima prata de huma vara de largo, e outra de comprido, lavrada subtilmente, com os passos de seu martyrio, cujos Martyres florecem em muitos milagres. Os lavradores do campo do Mondego os vem visitar no dia que a Igreja os festeja,

que

que he aos dezeseis de Janeiro, com solemnissima Procissão, todos nús de cinta para cima, e descalços com grande devoção, com vélas accezas na mão, e na outra as contas, soffrendo muitos opprobrios dos moços, com que vão merecendo grandes coroas no Ceo. Hum Vasco Martins foi o primeiro que este voto fez aos Santos Martyres de Marrocos, e deo principio a esta santa Confraria digna de ser mui louvada, e imitada.

Não menos honra, e titulo dá a esta Cidade o Santissimo Padre Santo Antonio varão clarissimo em letras, e sangue, que depois de ter dez annos de Conego em Santa Cruz, tomou o habito de S. Francisco em hum pobre Mosteiro de Santo Antão, que está fóra da Cidade, e da invocação desta casa, se chamou Antonio, porque d'antes se chamava Fernando. Daqui sahio este valorosissimo Capitão, vestido de hum remendado burel, para as grandes conquistas, que fez com suas divinas palavras nos largos Estados de Italia, e no Reino de França contra os hereges. Era fi-

filho de minha amada Patria Lisboa; seu pai se chamava Martim de Bulhões, linhagem deste Reino mui nobre, e antiga, que traz sua origem de França. Usa de armas, de huma Cruz vermelha em campo de prata; sua mãi era mui nobre Fidalga, tinha por nome D. Teresa Taveira, familia antigamente muito nobre, e florentissima, que vem de D. Gonçallo Paes Taveira, e de D. Rui Paes Taveira (1), que forão filhos de D. Sueiro Paes, e de sua mulher D. Sancha Henriques.

Onde este Serafico Doutor Portuguez tomou o habito, he huma pobrissima casinha de Capuchos da Ordem da Piedade, fundada mui pobremente em hum alto, entre Olivaes, fóra desta Cidade, além de Cellas, onde vivem seus Religiosos em muito estreita vida, e admiravel virtude, igualando-se aos Santos da Thebaida na solidão, com que vivem, porque são Anjos na conversação, e na pureza; suas casas de recreação, e frescos prados he huma estreita cerca de

(1) Conc. Petr. in Nob. Lus. D. Ruy Glez.

de pinheiros, e matos, que vem descendo quasi ao umbroso valle, onde está a antiquissima Igreja do Espirito Santo, mettida em huns altos arvoredos; casa mui celebrada por sua devoção dos Reis antigos de Portugal, que lhe corre huma perenne fonte de contínuo no meio della, e tem na porta principal as armas Reaes.

Tem Coimbra huma antiguidade muito para se ennobrecer, a qual tem tanta idade, que diz seu povo, que he da vinda de Christo, vindo isto huns aos outros por tradição. He chamada commummente o arco de Santo Antonio, por ter sua santa Imagem em hum nicho. Está levantado em hum alto junto ás casas do Conde de Portalegre, que quem vem pela ponte logo o vê, e no fim da rua, que se chama da couraça. He de obra perfeitissima Romana, tudo de pedraria, com suas columnas mui bem lavradas, com seus frizos; tem nichos como quem teve antigamente estatuas; remata-se com ameas; está já mui arruinado de idade; faltárão-lhe tres arcos, como se vê por suas ruinas. Este

no-

nobre edificio não he arco Romano, como o povo commummente diz, senão troféo, porque o fazião os Romanos com quatro arcos, como elle era, e o levantavão no lugar mais alto, como fez Pompeio (1), vendendo aos Hespanhoes, que os pôz nos montes Pirineos. Desta maneira o edificou Eneas, Principe Troiano, depois que matou o soberbo Mezencio, e o edificou á morte, pondo debaixo delle hum tronco de hum carvalho, e nelle vestio, e pôz as armas de seu inimigo, pondo o resplandecente elmo, inda com as grandes plumas, banhadas em quente sangue, ahi seu peito de armas, passado doze vezes; á parte esquerda lhe pôz o broquel de finissimo aço, e lhe deitou ao pescoço com hum rico sendal a larga espada, vestida com sua bainha de alvissimo marfim, como escreve o Poeta Latino (2).

In-

(1) Salust.
(2) Virg. Æneid. l. 11. v. 5.

Ingentem quercum decisis undique ramis
Constituit tumulo, fulgentiaque induit arma,
Mezentî ducis exuvias; tibi, magne tropæum,
Bellipotens: aptat rorantes sanguine cristas,
Telaque trunca viri, et bis sex thoraca petitum,
Perfossumque locis: clipeumque ex ære sinistræ
Subligat, atque ensem collo suspendit, eburnum.

CA-

CAPITULO XXIV.

Da heroica façanha, que fez D. Martim de Freitas, Alcaide Mór de Coimbra.

ENtre os muitos varões illustres, que neste Reino florecêrão, tem o primeiro lugar entre elles D. Martim de Freitas, cuja lealdade escurece aos que nella se afinárão mais, quando em Portugal reinava D. Sancho o Capello. Foi filho de Duarte de Paes, senhor das Villas de Penela, Pombal, e de D. Olaia (1). Sendo Alcaide Mór desta Cidade foi mandado por El-Rei por Embaixador a Roma, mui nobremente acompanhado, como convinha ao officio que levava, a quem o Summo Pontifice lhe fez mui largas honras, e mercês, e houve por bem de lhe dar o D. por sua muita virtude. Em vindo, achou El-Rei seu senhor fóra da posse do seu Reino, e que governava o Conde de Bolonha por elle, por authoridade Apostolica, e que man-

L da-

(1) Duart. Nun. in vit. Reg. Alf. tint.

dava aos mais Alcaides que lhe entregassem os Castellos. D. Martim de Freitas nunca lho quiz dar, pelo que o veio cercar o Conde de Bolonha com hum poderoso campo no Castello de Hercules, onde estava, e lhe dava terrivel batalha; mas o Alcaide Mór, pondo o posto á fortuna, se pôz em campo de guerra, e com esta resolução passou palavra aos seus, que se não renderião, sem primeiro depositarem a vida. Durando muitos mezes o cerco, forão grandes os trabalhos que padecerão, tendo seus Soldados inveja ás bestas que pastavão no campo, pela agua, e liberdade que tinhão, os quaes parecião mais mortos que vivos, que muitos delles não podião manear as armas por amor da fraqueza, em que se vião, levantando elles com a necessidade motim, lhes fallou desta maneira:

Deos me he testemunha, filhos da minha alma, que depois de ouvir vossas queixas, se me movêrão as entranhas tanto, que chorei, acompanhando as minhas ás vossas lagrimas. Bem vejo, senhores, a tribulação que padeceis

de

de que a minha parte he mór, pois sintō o meu mal, e o vosso; mas se vos quizerdes lembrar de outros cercados, exemplo vos será para soffredes com maior paciencia o que agora passais, e quererá Deos por sua infinita misericordia, e bondade, que cedo saiamos todos destes trabalhos, e em algum tempo folgareis de contar a vossos filhos os males que agora padeceis, e que não será pouca honra para elles, nem de pouco merecimento para vós. Tambem vos lembro, que se por mulheres o fazeis aqui tenho huma filha donzella mui formosa, para que nella cumpraes vossos desejos, que se por hum pouco de comer, e beber salvais as vidas, essas mesmas vos hão de durar pouco, pois vos hão de servir de deshonra, e infamia, por quanto vos peço que ameis mais o espirito que a carne, e com esta falla acabou com muitas lagrimas.

E vindo-lhe novas que El-Rei D. Sancho era morto em Toledo, se foi á Santa Sé daquella Cidade, onde elle estava sepultado, e o desenterrou diante de muita gente, e lhe metteo com muitas

lagrimas as chaves de seu Castello na mão, tomando de tudo instrumento, approvado com muitas testemunhas da solemnidade que fizera, e se veio a Coimbra; e tanto que o dia seguinte amanheceo, abrio as portas do Castello; e tomando sua mulher, e filhos pela mão, se foi com elles com as chaves na mão lançar aos pés de El-Rei D. Affonso o Terceiro, e lhe fallou desta maneira posto de joelhos:

Pois a Deos approve de El-Rei D. Sancho vosso irmão falecer, tomai Alto, e Senhor meu estas chaves de vosso Castello, que agora vos conheço por meu Rei. Logo lhe mostrou as escrituras, que tirára de sua fidelidade. El-Rei lhe entregava as chaves, o que elle não quiz acceitar, mas antes lançou maldição aos seus descendentes, que nunca tivessem Fortalezas, nem mudassem os apellidos dos Pais; porque se elle não se intitulára da alcunha de sua Mãi, nunca fora lançado de suas Villas, nem padecêra tantos trabalhos. Está este illustre Portuguez sepultado na Santa Sé de Braga, junto ao Altar de S. Giraldo, em huma se-

sepultura alta com hum escudo em campo celeste, e cinco flores de liz de ouro, como testemunha hum público instrumento; de que foi Juiz o Doutor João Brandão.

CAPITULO XXV.

Da gloriosa Rainha Santa Isabel, fundadora do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde jaz sepultada, e de como em nossos dias se achou todo o seu santo corpo inteiro.

FOi a Religiosa Princeza de Portugal Santa Isabel (cognominada commummente a Rainha Santa) (1), de Nação Aragoneza, filha de D. Pedro, o Terceiro do nome, Rei de Aragão, e da Rainha D. Constança, que na humana belleza era tão celebrada, como nas raras virtudes de santidade. Infinitos são os milagres, que em vida, e em morte Deos por

(1) Duart. Num. de Leão in Chron. de Reg. Dion. Pedr. Mar. Dial. var. Hist. l. 5. cap. 1.

por ella obrou, hum dos quaes por ser illustre contarei, que he quando se abrio o Tejo, e se vio a sepultura e corpo da Martyr Portugueza Santa Iria (1), indo com seu marido D. Diniz, Rei de Portugal, como bem se declára em huma notavel, e velha Escritura de Doação, que fez D Beringella, sua Dama, ao Mosteiro de Almoster, na qual lhe deixou ametade do Paul de Alpiaça, que foi dada a 12 de Fevereiro, era de 1363, que diz;

Em nome de Deos. Amen. Conhoscam todos os viventes, cá eu Dona Beringueira, de meu querer, e bom talente, á per serviço de Deos, á de Santa Maria sá Madre, á do bemaventurado S. Bernaldo, á per remimento de meus peccados, a de meus Padres, á de vos, fago doação a traspassamento de ametade daquelle Paul cá eu ei na Alpiarça, ás Donas do Mosteiro de Almoster, pera o corrimento das Donas, que jouverem na enfermaria de geito, cá o arrendimento non si dispendão, em al, sal-

(1) Fr. Izid. in vit. Divæ Ir. cap. 25.

salvo estes cinco annos primeiros, porque em elles se fará partison de tudo quanto guarecer, á se dará aos Crelgos, cá contarem as Missas em Santarém, no dia do refrestello, da bemaventurada Martyr Santa Iria, porque a todos se lhes dará pitança de dinheiro, a se lhes fará bodo.

A tudo o al romaecente se ismouse polos proves lazarados, cá se adregarem no bodo porque assi fiz voto á Santa Martyr, quando diante de El-Rei D. Diniz, á de minha Senhora, a Rainha sua mulher fez Deos a grande maravilha, quando se arrimárão as agoas do Téjo á se vio seccamente o seu Moimento.

Edificou esta Santa Rainha o Convento de Almoster de Religiosas Bernardas, duas legoas de Santarem, e o da Trindade de Lisboa, pela alma de seu marido El-Rei D. Diniz, e o Hospital junto a Santa Clara, que está arruinado em Coimbra, e quasi junto delle o Real Templo de Santa Clara desta Cidade, tão nobre na Religião, como illustre por sua Fidalguia, que em si en-

cer-

cerra, pondo por Abbadeça a mui virtuosa senhora D. Isabel de Cordova sua parenta Aragoneza, que jaz enterrada em huma alta sepultura, entrando pela porta deste Templo á mão esquerda, toda dourada, onde está de vulto, com suas armas, e insignias. E dotou tambem a este seu mimoso Convento com mui boa renda, como testemunha hum marmore negro, escrito com letras de ouro antigas, que está mettido na parede em cima da porta, que vai para o Sacrario, que eu trasladei, que diz:

Era M. CCC. XXXVI. die quarta Julii in Castro d'Estremos, obiit inclita Elisabella Regina Portugalliæ, et fuit sepulta die Dominici dt. mens. in Monasterio S. Claræ. quod ipsa fieri jussit, et dotavit. Fuit. uxor domni Dionisii illustris Regis Portugaliæ, et filia Regis domni Petri Aragoniæ, et Reginæ, et D. Constantiæ atque Mater Domni Alfonsi illustris Regis Portugaliæ, et D. Reginæ Castellæ, cujus anima requiescat in pace.

Quer

Quer dizer.

Na era de M. CCC. XXXVI. aos 4 dias de Julho, faleceo na Villa de Estremoz a inclyta Rainha D. Isabel, que foi sepultada aos 12 do dito mez, em hum Domingo, neste Mosteiro de Santa Clara, que mandou fazer, e o dotou. Foi mulher de D. Diniz, illustrissimo Rei de Portugal, e filha de D. Pedro Rei de Aragão, e da Rainha D. Constança, e mãi de D. Affonso illustrissimo Rei de Portugal, e de D. Constança Rainha de Castella, cuja alma descança em paz.

Está sua Real sepultura no choro de cima que agora serve de Igreja, em entrando pela porta ao comprido, junto ás grades, he grandiosa, e magistosa, sustentada em seis leões ferocissimos, toda de huma pedra, inda que feita de obra antiga, em que se vê em nichos dourados os Santos Apostolos, e muitos passos da Paixão, subtilmente esculpidos, e realçados com formosas rosas, cercado de humas altas grades vermelhas, de que sahe de cada canto hum balaustre, que sustentão hum Anjo com

as

as armas Reaes de Portugal, e Aragão, que são suas, e em cima da qual jaz sua devotissima Imagem tirada ao natural, vestida do habito de S. Francisco; o véo lançado sobre a cabeça, que tem sobre ella a Coroa Real até os braços lançados ao modo de cruz. Era esta santissima Senhora agigantada de corpo, e mais grossa, alvissima, e córada em extremo, de rosto largo, os olhos grandes, serenos, verdes, o nariz algum tanto baixo, com as ventas largas, a testa larga, e formosa; ao circuito de sua real sepultura, em campo de ouro, se lê estes versos latinos.

Elisabella jacet sacro hac Regina sepulchro;
Quæ meritis nitidi fulget in arce poli
Nempe ita dum vixit cæco se gessit in Orbe;
Virtute ut morum vixerit omne genus
Quo fuit ut a Summo, diva hæc selecta tonante
Regnet, et Angelico nos juvet usque choro.

A instancia do mui Catholico Filippe o Segundo Rei de Portugal, que santa Gloria haja, pelo Santissimo Padre Paulo V., se tratou da santificação da nossa Rainha Santa (1), sendo já d'antes celebrada com festa, e reza em seu Mosteiro de Santa Clara até á dourada idade do Serenissimo Rei D. Manoel de feliz memoria, que alcançou de Leão X., Pontifice Romano, que a festejasse todo o Bispado de Coimbra. Depois reinando o clementissimo Rei D. João III. foi por seu mandado beatificada pelo Papa Paulo IV., e escrita na matricula dos Santos, e por todos os Reinos desta Corôa rezada, e por Santa venerada. O acto de sua solemne santificação se celebrava no Priorado de S. João do Bispo, presidindo nelle o Bispo D. Affonso, e sendo seus adjuntos o Bispo de Leiria D. Affonso Mexia, hoje Bispo de Coimbra, e hum dos tres Governadores de Portugal. O Doutor Francisco Vas Pinto, Desembargador do Paço, e Chanceller Mór do Reino, o Doutissimo Padre Francisco Sua-

(1) Doctis. Lus. Res. in Epist. ad Col.

Suares, da Companhia de Jesus, Fr. Isidoro da Fonseca, da Ordem de Santo Agostinho, Lente Jubilado na Sagrada Theologia de Vespora, e outros graves Doutores.

No anno de 1612 a 16 de Maio, huma segunda feira, forão todos huma manhã, que por alegria orvalhou naquelle dia, ao Mosteiro de Santa Clara com grande concurso da principal nobreza deste Reino, que na Universidade estuda, e com os Lentes, e Doutores della, estando a Igreja armada ricamente, e alcatifada com grande pompa, mandou o Bispo D. Affonso de Castello-Branco, com os mais adjuntos, abrir a sepultura da Rainha Santa por authoridade Apostolica.

Aberta a Real sepultura se vio dentro huma taude de madeira, coberto com hum panno pintado de vermelho já gastado. Estava este ataude forrado por fóra de hum couro de boi, inda com cabello, sobre o qual estava o bordão da Santa Rainha, á maneira de muleta, e em cima delle huma bolsa de seda leonada, e lavrada nella huma cruz de fio de ouro.

Aber-

Aberto o ataude achárão o santo corpo embrulhado na primeira facie, em huma colcha branca de algodão, que era grossa, sem corrupção alguma. Desatada esta colcha, appareceo hum panno de linho crú, cozido, são, e inteiro, e mui alvo. Aberto este panno com huma tisoura se vio outra colcha mais fina que a primeira, com a côr botada: debaixo della estavão as mortalhas de panno de linho mui fino, e delgado, tambem com a côr botada por causa do humor do corpo; porém tudo são, rijo, e sem corrupção. Descobertas estas mortalhas se vio com alegria, e lagrimas de todos os circunstantes, o glorioso corpo da Rainha Santa desde a cabeça até aos peitos, o qual milagrosamente se achou todo inteiro mui são, sem nenhuma corrupção, mui alvo, e formoso, que parecia de puro cristal, e que estilava de si hum cheiro mais suave que balsamo, e flores do campo. A cabeça estava com todos os cabellos mui grandes, e louros, que parecião finissimas mealhas de ouro, e tão sãos, que pegando nelles estavão mui fixos. E depois de visto tudo pelas

pessoas de authoridade, Doutores, e Lentes de Medicina, tornárão a cobrir o santo rosto, e peitos da Santa Rainha com hum panno de Hollanda novo, e conchegado ás mais mortalhas, e roupas, lançando em cima hum panno de velludo cramezim, se tornou a fechar o ataude, e o Real sepulcro.

Logo as suas Monjas entoárão com grande musica *Te Deum laudamus*, e com alegres repiques, com que acodio multissima gente a dar graças a Deos, e por dous dias houve muito concurso, festejando-se as noites com a praziveis luminarias. Depois disto lhe fez D. Affonso de Castello-Branco huma riquissima sepultura de finissima prata, que lhe custou quinze mil cruzados, que he huma das notaveis que se sabe, cercada com humas grades mui grossas de fina prata, de altura de dez palmos, além de ter dado trinta mil cruzados para a santificarem. No meio dellas se vê de letras de ouro este Epitafio:

D. Affonso de Castello-Branco, Bispo de Coimbra, fez esta obra em louvor da Rainha Santa. Anno de 1614.

CA-

CAPITULO XXVI.

De como a Infante D. Bataça ganhou aos Mouros a Villa de Sant-Iago de Cassem, e jaz sepultada em Coimbra.

FOi a esclarecida Princeza D. Bataça filha do Infante Lascaro, que era filho de Theodoro Lascaro, filho do Imperador da Grecia, Carlo João Bataço, e da nobre Imperatriz Herene, sua primeira mulher. Depois da morte do Imperador succedeo em seu Imperio Theodoro Lascaro seu filho, e por seu fallecimento deixou seus filhos em guarda do tyranno Paledogo, que barbaramente os mandou matar, e usurpou para aquelle Imperio; por esta causa esta nobre Infante se intitulava filha do Imperador dos Gregos; veio a Aragão reinando El-Rei D. Pedro, nelle trouxe comsigo duas filhas que teve, sendo casada com o Conde de Vintemilia, e deixou hum filho em Genova, chamado João Lascaro que foi Conde de Vintemilia. As filhas se cha-

ma-

mavão D. Violante, D. Beatriz da Grecia, e D. Bataça, que he a de que escrevemos. D. Violante casou com D. Pedro neto de El-Rei D. Jaime, de que houve sucessão, e D. Bataça veio a este Reino de Portugal por aia da Rainha Santa Isabel, e foi com a Rainha D. Constança por sua Camareira Mór a Castella, quando celebrou as bodas em Alcanis com D. Fernando o Quarto Rei de Castella (1), e ficou por Tutora dos Infantes D. Pedro, e D. João, por a mandar a Rainha D. Constança, que falleceo em Sehagum (2).

Depois a Infante D. Bataca (3) fazendo á sua custa huma poderosa armada, e com muitos Soldados navegou para Sines, onde junto della havia huma fortalecida Villa, que naquelles dias era habitada de Mouros. Juntárão-se com ella muitos Cavalleiros Catholicos dos lugares circumvizinhos, cavalleirosamente em hum Domingo a tomou á força de ar-

(1) Gar. liv. 13. del com cap. 27.
(2) Surit. 1. p. liv. 5. in fin.
(3) Res. lib. 4. de ant. Lus.

armas, cujo combate foi animosamente combatido, e houve finezas de Cavallaria; e por esta bellicosa Princeza a ganhar dia do Apostolo Sant-Iago, e matar a Cassé Rei Mouro della, lhe chamárão a este lugar dahi adiante Sant-Iago de Cassem.

Teve esta Infante Grega huma filha, que tambem se chamava D. Bataça, que casou com D. Gonçalo da Fonseca, que foi hum dos valentes homens do seu tempo, senhora dos Morgados de S. Romão, e Torredãos; era mui parente este D. Gonçalo da Fonseca de D. Vasco Coutinho, primeiro Conde de Marialva, de quem nasceo Diogo da Fonseca, donde vem os Fonsecas de Alcacere do Sal, porque era D. Gonçalo da Fonseca, filho de D. Pedro da Fonseca, senhor de Avis, que fez a Capella de Nossa Senhora dos Martyres, onde jaz sepultado em Alcacere, como diz hum instrumento, dado no anno de 1514. São os Fonsecas mui illustres em sangue, trazem sua origem dos Romanos, que se chamavão Fronteyos; o primeiro que em Portugal assim se chamou foi Vasco Mendes da

Fonseca, que tem seu Solar no Mosteiro de Mancellos, duas legoas de Amarante (1), de que são padroeiros, e não como diz Argote de Molina, que era o de Menhelis (2), que não ha em Portugal tal Convento, não entendeo bem o Conde D. Pedro, inda que era varão doutissimo, e o Mór Antiquario de Hespanha (3).

Do nosso Portugal se passou para Castella esta nobilissima familia por hum Portuguez chamado Pedro Rodrigues da Fonseca, que seguio a voz da Rainha D. Beatriz, mulher de El-Rei D. João o Primeiro de Castella, perdendo doze Villas acastelladas, e outros lugares, que foi Guarda Mór de El-Rei D. João de Castella, de que teve amplissima linhagem, e hum filho Cardeal de Roma, chamado D. Pedro da Fonseca. Trazem por armas cinco estrellas roxas, em campo de fino ouro.

D. Bataça, que ganhou aos Mouros Sant-

(1) Dom. Go. Laud. Hisp.
(2) Gomes Petr. in Nobl.
(3) Argot. de Molin. l. 2. cap. 243.

Sant-Iago, deixou muita fazenda, e grossas rendas ao Cabido de Coimbra, com que ficou mui poderoso, e requissimo, quasi todos os dias do anno lhe fazem saimento sobre sua sepultura: está sepultada em hum tumulo alto de pedra, fóra do Cruzeiro, encostada á parede á parte do Evangelho na Sé desta Cidade, onde tem sua estatua, á maneira da Rainha Santa, vestida de habitos Religiosos, cuja sepultura está ornada toda com huns escudos redondos, cada hum com huma aguia real negra, de duas cabeças, com este letreiro em campo de ouro.

Aqui jáz D. Bataça, neta do Imperador da Grecia.

CAPITULO XXVII.

Da fermosissima Princeza D. Ignez de Castro, e de como foi cruelmente morta em Coimbra.

FOi D. Ignez de Castro (1), Princeza de Portugal, dotada de tanta belleza, que sua memoria para todo sempre permanecerá, cognominada por excellencia em seu tempo *Collo de Prata* (2), estando com ella occultamente casado o Principe D. Pedro seu leal esposo. Veio de Monte Mór o Velho seu pai El-Rei D. Affonso o Quarto com muita Cavallaria a Coimbra, e foi cruelmente morta ás estocadas por Diogo Lopes Pacheco, por Alvaro Gonçalves, Meirinho Mór, e por Pedro Coelho, não valendo a esta clarissima Infante vir em pessoa buscar o seu colerico sogro á porta, e lançar-se a seus pés com as mãos levantadas, nem os filhos, que diante lhe offe-

(1) Roder. P. in Chron. vlf. 4. cap. 62.
(2) De Garça *dizem alguns.*

offereceo por netos, nem a multidão das agoas dos formosos olhos, limpados com seus grandes cabellos, que parecião raios do Sol, e meadas de finissimo ouro, nem aquellas amorosas palavras, que com altos gemidos, e suspiros pedião misericordia, para deixar de banhar os campos do claro Mondego com seu real, e innocente sangue. Cuja Tragi-comedia foi onde hoje se vê humas ruinas de huns Paços junto a Santa Clara desta Cidade, que se chamão o *Culgo*, e quasi deitados por terra em lembrança de sua infelicidade, em que está huma aldea de gente pobre. Desta Princeza Portugueza cantou divinamente o Principe dos Poetas, em seus Luziadas, e acabou de a celebrar com estes brandos versos (1).

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida, e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na Capella,
O cheiro traz perdido, a côr murchada;
Tal está morta a pállida donzella,

Sec-

(1) Lud. Cam. Cant. 3. Outav. 134.

Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca, e viva côr e' o a doce vida.

Esta Princeza D. Ignez, filha de D. Pedro Frez de Castro, Mordomo Mór del-Rei de Castella D. Affonso, o ultimo Cavalleiro da Ordem da Banda, Adiantado Mór da Fronteira, e o maior Senhor, que então havia em Hespanha (1), que na batalha de Tarifa contra os Mouros fez cousas mui assignaladas, e de D. Aldonça de Valladares, nobillissima donzella, de que tambem nasceo D. Alvaro Peres de Castro, que foi irmão inteiro desta esclarecida Infante, e o primeiro Condestavel de Portugal, que está sepultado no Convento de S. Domingos de Lisboa no cruzeiro, na Capella de S. Jacinto, á parte do Evangelho, em huma tumba de pedra, em que se recolheo sua ossada, em cima da qual se vêm suas armas em campo de prata, seis aroelas azuis, e por timbre huma roda de navalhas, que tem este letreiro:

Aqui está a ossada de D. Alvaro Fres

(1) Mol. in Nab. lib. 1. cap. 101.

Fres de Castro, o primeiro Condestável deste Reino; e de sua mulher a Condestableza D. Maria Ponce.

O primeiro, que em Hespanha se appellidou de Castro, foi D. Alvaro Fres, por ser Senhor de Castro de Xeres, que era mui grande Cavalleiro em nobreza, e sangue em Portugal, filho de D. Fernão de Layndes, e de D. Ximena Nunes, e tio do invencivel Capitão Rui Dias Cide (1). O primeiro que plantou esta generosa arvore foi Portuguez, que foi o Conde D. Guterres, que teve huma filha, que se chamou D. Gontodere Guterres, que casou com D. Nuno Alvares da Maia; e diz Damião de Goes, Chronista Mór deste Reino, que descendem dos Romanos, e da Familia, que entre elles era já mui illustre, chamados Castronios (2), com tudo hoje he huma dos mayorazgos mais principaes de Hespanha, como escreve o dito Molina (3).

La

(1) Com. Petr. in Nob. 140. 11.
(2) Dam. a G. in ant. Hisp. Nobil.
(3) Mol. Descr. fei de Gal.

La casa y bien ancha que inche a Castilla,
Tambiem Aragon, y allá en Portugal
Es la de Castros, de Casa Real
Que Nuno Layndes fundou sua quadrilla.

Da Princeza D. Ignez de Castro manou a illustrissima descendencia nas casas Reaes de Aragão, Napoles, Sicilia, Navarra, Castella, e Portugal, e a Imperial Familia de Alemanha. Della tambem nasceo o Conde de Villar, no Reino de Jaen, e neste Reino o famosissimo, e insigne Condado de Monsanto, a quem deo principio D. Alvaro de Castro (1), Senhor Dação de S. Lourenço de Bairro, Alcaide Mór da Covilhã, e de Lisboa, Camareiro Mór de El-Rei D. Affonso o Quinto, que casou com D. Isabel filha, e universal herdeira de D. Affonso de Cascaes, e de D. Branca da Cunha, com cujo dote recebeo Cascaes, Lourinhã, e Regengo de Oeiras, o Morgado de S. Mattheus, e S. Trope de Lisboa. Era

D.

(1) Arg. Mol. in Nob. Sind. lib. 1. cap. 101.

D. Affonso de Cascaes neto desta Princeza D. Ignez de Castro, e de El-Rei D. Pedro de Portugal (1).

Depois que reinou El Rei D. Pedro (2), trasladou o corpo da Princeza D. Ignez de Castro, sua mulher, do Mosteiro de Santa Clara, onde estava, e com solemnissima, e funeral pompa, e com a principal Nobreza deste Reino, assim Ecclesiastica, como Secular, passando seu corpo sempre por entre brandões, e tochas acezas, que de huma, e outra parte estavão postas em mãos de muitos mil homens. E foi sepultada em hum famosissimo, e real tumulo de finissimo alabastro (com a sua verdadeira figura subtilmente lavrada, e na cabeça com coroa real) no sumptuoso Templo de Alcobaça, entre o Cruzeiro, para a parte da Epistola.

Nunca houve Principe no mundo, nem amante, que descobrisse mais os quilates de hum puro amor, do que o grande Rei D. Pedro pela sua bella

D.

(1) Era filho do Infante D. João.
(2) Duart. Nun. cert. reg. Dom. Petri.

D. Ignez de Castro. Calle-se lá Petrarcha, com suas altas Poesias consagradas á sua Madama Laura, e as de Florentino Dante com sua Isabel, e antes destes Propercio com sua Cinthia, Tibulo com sua Nemeses, Catulo com sua Corina, que a todos se diantou na fragoa de seus amores, significador inda delles naquella nobre empreza, que tomou de huma resplandecente estrella fixa no Ceo, e hum mar por baixo, no meio com huma Ilha com huma casa, com esta letra latina:

Mostrat iter.

CAPITULO XXVIII.

Da famosissima, e insigne Universidade de Coimbra, a principal da Europa.

A Mui Real (1), e illustre Universidade de Coimbra, mãi carissima minha, foi fundada primeiro em Lisboa, junto a

(1) Cabed. de Patr. cap. 37.

a S. Vicente de Fóra, (onde por causa sua hoje se chamão as Escolas Geraes) por El-Rei D. Diniz. Depois a trasladou para esta Cidade, onde se lia a Sagrada Theologia nos Mosteiros, e as mais Sciencias, e Artes em casas particulares. Dahi a poucos annos se adjuntou toda, onde agora está o Collegio Real, e quasi deste mesmo tempo he hum Epitafio das Claustras da Sé de Coimbra, que está entrando pela Porta junto á Pia de agoa benta, na parede, que diz:

XII. K. Oct. obiit Joannes Presbyter, primus Magister Scholarum. Era M. CC. XXX.

Em Portuguez quer dizer:

Na era de M. CC. XXX. ás doze Calendas de Outubro faleceo o Padre João, primeiro Mestre dos Estudantes.

D. Fernando nosso Rei de Portugal mudou a Universidade outra vez para Lisboa, onde esteve desterrada cem annos, lendo suas Sciencias nas mesmas casas, onde estivera primeiro, que forão da Moeda Velha. Desta idade se vê huma sepultura de hum Doutor, que está

em

em S. Jorge de Lisboa, no corpo da Igreja, que diz:

Sepultura do Doutor Moracothe, do Concelho de El-Rei, Regedor do Civel desta Cidade de Lisboa, que foi mandado por Embaixador ao Concilio de Basilea, o qual deixou toda sua fazenda ao Estudo desta Cidade, para por ella se manterem os Escolares pobres.

Mas D. João o Terceiro, aquelle glorioso, e grande Rei de Portugal, á restaurou em Coimbra, movido do zelo, que tinha á Fé Catholica, mandando vir de Castella, Aragão, França, Italia, Alemanha, Inglaterra os mais jubilados, e doutissimos Lentes de suas Universidades, com que ficou huma nova Athenas a nossa Academia, que se adiantou a todas as mais do mundo, dotando-a o mesmo valeroso Rei D. João com mui grossas rendas, com que se levantou sobre as mais em sua nobreza, estado, e letras, dando-lhe as dez Igrejas unidas á Capella de Santa Catharina de Lamego, e a de Bouces, por consentimento de D. Affonso o Infante Cardeal, por Bulla do mui Santo Padre Paulo o ter-

terceiro, anno de 1342. Adiantando-lhe tambem muita parte da renda de Santa Cruz, por onde he riquissima, e poderosa senhora pelas muitas rendas, herdades, casaes, prazos, fóros, e quintas que possue.

Não deixarei aqui de fazer menção de hum daquelles Doutores, que o famoso Rei D. João mandou vir de França, que foi Diogo de Govea, natural de Coimbra, que leo nella o Curso de Artes (1), que depois foi Conego de Lisboa, Deputado da Meza da Consciencia, D. Prior de Palmella, que viveo com vida santissima, e nella felizmente acabou. Jaz enterrado na Sé de Lisboa no Cruzeiro, e em sahindo da Capella Mór, no campo do qual se lê este Letreiro.

Aqui jaz Diogo de Govea, Doutor em Sacra Theologia, Reitor, que foi da Universidade de París, e Conego desta Sé. Alcançou, e servio cinco Reis de Portugal; e com quatro de França tratou, e negociou para bem desta Coroa;

(1) Mar. Dial. 5. de var. Hist. cap. 2.

roa, e Reino. Faleceo a 8 de Dezembro de 1557.

CAPITULO XXIX.

Da Ordem que tem a Universidade no dia que abre suas Escolas, e das Reaes Exequias, que fez a El-Rei D. João o Terceiro.

FIca a Universidade realçada no mais formoso sitio de Coimbra, em hum lugar alto, onde estavão os paços Reaes, que por serem velhos os reedificou El-Rei D. Manoel, de feliz memoria. e nelles se lem com muito applauso todas as Sciencias; cujo nobillissimo edificio bem mostra a magestade, e alteza de suas altas, e grandes salas, que servem de Geraes, e principalmente huma dellas, que he das mais principaes que ha em Hespanha, onde se fazem os Actos. Tem para ornamento hum grande terreiro com suas guardas de ferro, que afermosea muito, e huma fermosissima Capella, que vulgarmente se chama de El-

Rei,

Rei, por ser sua, que he huma curiosa Igreja, em que assistem de continuo treze Capellães; cada hum tem de renda vinte e quatro mil reis (1), todos são Sacerdotes, e Estudantes sem raça alguma, virtuosos, e pobres: os nove são da Universidade, e os quatro de El-Rei. He esta Capella da invocação de S. Miguel, tem Chantre, e Thesoureiro, que tem cada hum de renda setenta mil reis.

O primeiro dia de Outubro pela manhã sahe o Reitor, que sempre he Pessoa Ecclesiastica, e illustre, de hum quarto dos Paços da Universidade, em que mora, acompanhado com seus Officios, e com os Lentes, e se ajuntão na Capella de El-Rei, e toda a mais Universidade á Missa solemne do Espirito Santo, a qual diz o Cathedratico de Vespora de Theologia, pedindo a nosso Senhor nella bom principio do anno seguinte. Todos os Lentes, assim de propriedade, como de substituição, fazem profissão da Fé, e por esta Ordem. O Reitor está assentado em huma cadeira al-

(1) L. 1. Estat. de Univer.

alta de veludo preto, com as costas para o Altar: tendo na mão hum Missal aberto no regaço, o mais antigo Lente da Theologia se põem de joelhos diante delle com a cabeça descoberta; logo faz profissão da Fé, pondo no fim as mãos no Missal, dizendo: *Sic me Deus adjuvet, et hæc sancta Dei Evangelia*; e assim fazem os mais Lentes. E logo sahe o Reitor com grande acompanhamento dos Doutores, com muita solemnidade, levando diante de si charamellas, trombetas, e atabales, caminhando com grande alegria para a sala dos Actos. Subindo logo na cadeira o Cathedratico de Prima, faz huma eloquente Oração em Latim em louvor das Sciencias, e exhortação dos ouvintes. No fim pede a todos os presentes hum Padre Nosso, e huma Ave Maria pela alma do Infante D. Henrique, Mestre da Sagrada Ordem de Christo, por deixar este mui virtuoso Infante de Portugal doze marcos de prata á nossa insigne Universidade, pagos nos Dizimos da Ilha da Madeira, e humas nobres casas em Lisboa.

Dia de S. Barnabé vai a Universidade

ao

ao Real Templo de Santa Cruz, que he aos doze de Julho, a celebrar as funeraes Exequias ao glorioso Rei D. João o Terceiro, seu Padroeiro, Amplificador, e Restaurador, que foi o dia, em que este heroico, e Christianissimo Principe faleceo, em cujo solemnissimo Acto se acha presente o Chancellario, e nobre Senado da Camara, e todos os Officiaes da Justiça. Neste dia primeiro o Lente da Escritura lembra no Sermão a todos as grandes virtudes do nosso clementissimo Rei D. João. Ordena-se para estas Reaes Exequias hum magnifico tumulo no meio da Capella Mór de Santa Cruz, sobre hum grande estrado, com cincoenta degráos, de cinco palmos de alto, e treze de comprido, e oito de largo, com huma tumba em cima, e a redor desta tumba se lançáo quatro alcatifas finissimas. O tumulo se cobre todo com hum riquissimo panno, de nove covados de comprimento, e sete de largo, de tela de ouro, e negro, com huma bordadura em circuito, e cruz no meio mui larga, que toma todo o panno de finissimo brocado alto.

Ao redor deste tumulo ardem doze tochas em huns fermosos castiçaes de bronze de seis palmos de alto, e no Responso das Exequias se dão tochas aos Lentes da Universidade, e ao Conservador, e Juiz da Cidade.

Foi o mui esclarecido Rei D. João o Terceiro do nome, filho do grande Rei D. Manoel, de feliz memoria: faleceo em Lisboa na mesma casa, em que nasceo, anno de 1557, de idade de 55 annos. Foi casado com a Serenissima Rainha D. Catherina, filha de D. Filippe, o primeiro do nome, Rei de Castella, e Archiduque de Austria, Conde de Flandres, e Duque de Borgonha, de que teve amplissima successão: jaz sepultado no Real Templo de Belém, em huma urna de finissimo alabastro ao Romano, na Capella Mór, no primeiro arco, da parte da Epistola, com estes versos.

Pace domi, belloq. foris, moderamine mir:
Auxit Joannes Tertius Imperium.
Divina excoluit, Regno importavit Athenas:
Hic tandem situs est, Rex, patriæq. parens.

CA-

CAPITULO XXX.

De como se fazem os Doutores em Coimbra, e do principio do Real Collegio de S. Paulo.

OS Actos dos Doutores desta insigne Universidade se fazem sempre aos dias Santos. Sahe o Reitor acompanhado da Universidade, da Capella de El-Rei, com o que ha de tomar o gráo, com grande, e triunfal pompa, com os Lentes, Doutores, e Mestres em Artes, todos a cavallo, levando atabales, e trombetas diante. Vão dous a dous em compasso, e ordem, seguindo-se os Mestres em Artes, com seus capellos de setim azul; os Doutores, e Lentes de Medicina, com seus capellos de velludo amarello, forrado do mesmo; os Legistas com capello de velludo carmezim, forrados de seda roxa; os Canonistas com capello de velludo verde, forrados de setim da mesma côr; os Theologos com capello de velludo branco, com seus barretes, com borlas brancas. O Doutor,

que ha de ser, vai descarapuçado; á mão direita leva o Reitor, da outra parte o Padrinho, diante vão os Bedeis com suas maças de prata ao hombro, diante hum grão vestido de seda, em cima de hum famoso cavallo, em corpo, e descarapuçado, com huma salva de prata na mão, em que leva o barrete. Detrás vem o Conservador, e o Mestre das Ceremonias, com hum bordão de prata na mão. Na Igreja de Santa Cruz está hum theatro de tres degráos; neste Tabernaculo se assenta o Chancellario; no meio á sua mão direita o Reitor; junto delle está huma meza bem ornada, com duas cadeiras altas, em que se assentão os que hão de orar. Logo se diz Missa ao Espirito Santo; depois o que ha de tomar o gráo pede com huma breve Oração ao Chancellario que o faça Doutor, então elle lhe manda tomar o juramento, o que faz em joelhos, em hum Missal aberto: fazendo a Profissão da Fé, lhe dá o Chancellario o gráo por authoridade Apostolica com certas palavras. Logo eloquentemente se faz huma elegante Oração em louvor do novo Doutor; e acabadas

es-

estas ceremonias, o Bedel distribue as propinas, e o recente Doutor dá graças a Deos, e aos presentes, que o honrárão, e daqui se torna para sua casa com o mesmo acompanhamento: com tudo, se he Doutor em Leis, ou Canonista, toma o gráo na sala dos Actos com as mesmas ceremonias.

O Collegio Real de Coimbra de S. Paulo foi fundado no anno de 1565, reinando El Rei D. Sebastião, governando em seu nome o Cardeal Infante seu tio, aos dous de Maio, em hum Domingo, sendo então Reitor da Universidade D. Jorge de Almeida Aires da Silva; foi o primeiro Reitor deste Collegio, que era filho de Rui Pereira. Forão seus primeiros Collegiaes Ignacio Dias, Theologo, natural de Coimbra, o Doutor Lourenço Mourão, o Doutor Rui de Sousa, o Mestre Rui Brandão, o Bacharel Rodrigo Aires Monteiro, o Licenciado Antonio Salema, o Licenciado Antonio de Castilho, o Mestre Manoel Cardim, Pedro Lourenço de Tavora, D. Affonso de Castello-Branco. Estando muitos Fidalgos, e Cidadãos pre-

presentes, assentados todos por suas precedencias, gráos, e antiguidades, na Capella do dito Collegio, se disse Missa cantada ao Espirito Santo, prégou o Doutor Paulo de Palacios, Lente de Escriptura da Universidade, como se vê em hum livro authentico, que está no mesmo Collegio, do qual tem sahido doutissimos varões, illustres em letras, e na virtude, que governárão Portugal, em grande nome, e fama.

Os Reitores desta Universidade são pessoas as mais illustres em sangue, e nobreza, e respeitados dos Estudantes, como seu Principe, e assim o confessão todas as mais Universidades (1); daqui sahem logo por Presidente da Meza da Consciencia: em nosso tempo ha em Portugal dous Arcebispos, que forão Reitores, como são o Arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, e o Arcebispo de Braga, e Primaz D. Affonso Fortado, e dous Bispos D. Francisco de Castro, Bispo da Guarda, e D. João Coutinho, Bispo do Algarve, e outros muitos gran-

(1) Fr. Rom. in su. Rep.

grandes Principes Ecclesiasticos, que ennobrecêrão, como tambem muitos Lentes, que nelle florecêrão, que forão por suas Sciencias os mais famosos da Christandade, entre elles bem digno de contar aquelle mui celebrado Jurisconsulto o grande Doutor Pero Barbosa, tão doutissimo nas Letras, como na virtude, que por certo se tem que morreo virgem, descendente da antiquissima, e nobilissima familia dos Barbosas de Vianna, que vem de D. Sancho Nunes (1) filho segundo do Conde D. Nuno de Cella Nova, que casou com D. Sancha Gomes de Sousa. Jaz sepultado este illustre varão Portuguez no Cruzeiro de S. Roque de Lisboa, em huma sepultura com este letreiro:

Aqui jaz Pero Barbosa, Lente Jubilado na Universidade de Coimbra, e do Conselho de Sua Magestade na Corte de Madrid, e Chanceller Mór deste Reino. Faleceo a 19 de Julho de 606.

C A-

(1) Com. Petr. in Nobil. tit. 22. Idem in t. 33.

CAPITULO XXXI.

De como se fundou o nobilissimo, e illustre Collegio da Companhia de Jesus, de Coimbra, onde florecêrão muitos Santos Varões.

ENtre as heroicas obras, que em seus dias aquelle grande Rei de Portugal D. João o Terceiro fez, foi em edificar o doutissimo, e famoso Collegio das onze mil Virgens da Companhia de Jesus, huma das mais ricas, e célebres casas, que ha em Hespanha, a quem dotou de mui grossas rendas, e lhe entregou por sua grande virtude, e letras as Escolas Menores, que são por todas dez cadeiras, fóra quatro Cursos de Artes, que ensina, e huma Cadeira de Grego, outra de Hebraico, duas cadeiras de ler, e escrever; porque as Sciencias se lêm, como Theologia, Canones, Leis, Medicina, Mathematica, e Musica na Universidade. Em seu principio se mettêrão nelle D. Rodrigo de Menezes, D. Leão Henriques, Luiz Gonçalves da Camera, e ou-

outros muitos bons Fidalgos deste Reino, e entre elles foi o bemaventurado Padre D. Gonçallo da Silveira, que no rico Imperio do Monamotapa padeceo martyrio por mandado de seu cruel Imperador D. Sebastião ao quarto Domingo da Quaresma no anno de 1561 (1). E antes de ser Religioso da Companhia, foi estudante da nossa Universidade, de que ella tanto se glorêa, e honra em ter tão angelico filho. Era este illustre martyr Portuguez filho de D. Luiz da Silveira, o primeiro Conde de Sotella, Chanceller Mór, e Guarda Mór de El-Rei, e Embaixador em Castella, e de D. Beatriz de Noronha, filha do Marechal D. Fernando Coutinho, e neto de D. Nuno Martins da Silveira, que se achou na batalha de Touro, bisneto de Diogo da Silveira, Embaixador em Roma, que morreo na batalha da Serra de Benacafu contra grande número de Mouros. E tresneto do mui esforçado, e valente Nuno Martins da Silveira, que na tomada da Cidade de Ceuta servio com qua-

(1) Bernald. de Siefueg. in ejus vita.

quatrocentos Soldados, que foi Escrivão da Puridade, Presidente da Fazenda de Africa, e aio dos filhos de El-Rei D. Duarte. Trazem estes illustrissimos, e antiquissimos Senhores por armas hum escudo em campo de prata, com seis bandas vermelhas, e cercado pelo meio de huma silva verde; e além de serem Condes de Silveira, chefe, e cabeça desta illustre familia, são Senhores das Villas de Goes, Oliveira do Conde, Correlos, Salavis, S. Gião, e Penella. Diz o gravissimo, e illustre Poeta João Rodrigues de Sá, que são descendentes dos Silvas, e a assim o affirma nestes versos.

Em hum campo plateado
Bandas de sanguina côr,
Com huma tea ao redor
De que o escudo he cercado.

São armas de grão valia
Em pendões, e em bandeiras
Os póde trazer Silveiras.

Silveiras de Silvas vim,
O nome o diz tambem
Historias mui verdadeiras.

Não

Não menos gloria, e valor lhe dá o bemaventurado Padre, e glorioso Santo, José de Anchieta (1), natural de Grão Canaria, e esta Universidade, onde estudou, que floreceo em muitos milagres no Brazil, e faleceo de idade de 64 annos, a 29 de Julho de 1597. A mesma nobreza lhe dá o mui virtuoso, e bemaventurado Padre Ignacio Alves, cuja vida foi santissima, que faleceo neste santo Collegio no mez de Fevereiro com todos os Sacramentos no anno de 1598. Tendo as suas Exequias gloriosa fama de santidade, sendo estranho todo o concurso da Universidade, e multidão de povo, tanto que os Padres o não poderão enterrar, e recolhérão para dentro de casa, e o enterrárão de noite com as portas fechadas. Tão grande era de sua rara santidade o conceito, que com tisouras, como se forão pedras preciosas, lhe cortavão os habitos, e os que isto fazião erão Religiosos de varias Ordens, e Doutores. Não menos lustre, e resplendor lhe deo tambem aquelle admiravel

(1) Sebast. Ber. in ejus vit.

vel penitente, e mui douto Padre Sebastião de Barradas, illustre na virtude, e na santidade, que sendo de mui larga idade esclareceo nesta Cidade, como bello Sol. Faleceo no anno de 1615 em huma terça feira, e foi sepultado em huma quarta feira da Semana Santa ás doze horas do dia, á parte da Epistola, no Cruzeiro deste insigne Collegio, a cuja bem-aventurada morte acudio todo o povo com muitas lagrimas, nascidas das saudades de sua santa Doutrina, e quasi o despirão, tendo por felizes aquelles que levárão os pedaços de seus vestidos.

Pois que direi daquelle famosissimo raio da Sacra Theologia o grande Doutor Francisco Soares, Lente de Prima, e jubilado na Universidade, que acabou santissimamente na casa da Companhia de Jesus de Lisboa a 15 de Setembro no anno de 1617. Foi natural do Reino de Granada, e raro homem em todas as Sciencias, compôz 20 livros, que todos andão hoje impressos. Era tão illustre nas letras, como na virtude, e santidade, lia nas escolas de repente, e em todos os Geraes se repetia seu nome a cada

ho-

hora; a quatro Escrivães dictava em hum tempo, passeando, em differentes materias, era de idade, quando faleceo de 76 annos, foi de meia estatura, mui magro, o rosto comprido, e olhos azues.

CAPITULO XXXII.

De como os moços de Coimbra levantárão a El-Rei D. João o Primeiro, de feliz memoria, e de como foi famoso Cavalleiro Domingos Joanne, natural da Comarca desta Cidade.

POr morte de El-Rei D. Fernando, os moços de Coimbra forão huma legoa fóra desta Cidade receber ao Mestre de Avís, que depois felizmente reinou neste Reino com suas bandeiras, ao modo de milicia, com grandes vivas, e gritos, e altas vozes, bradando Portugal por El-Rei D. João nosso Senhor, que em nome de Deos agora vem triunfando, vinha multidão delles, e entrárão com elles pela fonte com grande animo, e ousadia, onde depois o levantárão por

Rei

Rei nas Cortes, que se celebrárão em S. Francisco de Coimbra, e de cada hum em particular: foi aqui alegremente recebido, e aclamado por Rei, e Senhor (1).

Foi o antigo Mosteiro de S. Francisco dos Templarios, e feito pelos Castros, como escreve o Conde D. Pedro: eu vi nelle as armas delle, com tres aroellas, foi consagrado com tres Bispos, como declarava hum antigo pergaminho, que estava na Capella Mór; depois o restaurou aquella mui honrada Senhora D. Constança Sanches, filha bastarda de El-Rei D. Sancho, o primeiro de Portugal, e da fermosissima Maria Paes Ribeira, senhora de Villa de Conde, e o consagrou, sendo ainda vivo, ao glorioso Patriarca S. Francisco (2). Nas claustras deste Mosteiro achei esta sepultura junto á parede de hum Pedro Affonso, mestre que fora de Grammatica, que diz:

In nomine Domini amen: anno Domini M. XXIIII. sit gloria sanctis cœli, obiit Petrus Affonsus, Magister Grammaticæ indignus. Mas

(1) Duart. Falc. in ejus vit.
(2) Mar. dial. 2. de var. Hist. cap. 9.

Mas como este Convento estivesse junto ao Mondego, suas enchentes o assolárão, por causa do qual se trasladou ao pé de nossa Senhora da Esperança, e se lançou a primeira pedra deste nobre edificio a dous de Maio de 602.

Bom será que contemos aqui brevemente a vida do mui esforçado Portuguez Domingos Joanne, varão esclarecido nas armas, natural da Comarca de Coimbra, nascido em Olivira do Hospital de S. João, o qual sendo hum pobre Ferreiro, veio ter com elle de Sampaio hum lavrador a concertar o ferro de seu arado; e cuidando que lhe trazia ferro para o calçar, lhe deo huns pedaços de finissimo ouro. Então lhe perguntou o nosso Ferreiro se tinha mais daquelle ferro, que compraria, ao que disse o ignorante lavrador que inda tinha boa quantidade delle escondido em huma deveza, entre matos, onde andando lavrando achára muito; mas sendo sabido da justiça de como achára hum thesouro Domingos Joanne, querendo lançar mão nelle, fugio para o Reino de França, onde se mostrou tão claro nas armas, e

tão

tão famoso Soldado, que por suas grandes Cavallarias, e proezas foi grande Condestavel naquelle Reino, em cujo real officio venceo muitas batalhas campaes, e alcançando insignes victorias: com tudo vindo á sua Patria acabou nella Cavalleiro de huma lança, fazendo nella huma Capella, que inda hoje se chama dos *Ferreiros*. He toda de abobeda de boa altura, de comprimento de trinta e dous palmos, e dezeseis de largo; todos os dias tem por sua alma huma Missa, tendo hum Capellão para isso. A qual Capella hoje rende cento e trinta mil reis, e dizem os herdeiros deste grão Cavalleiro, que a empenhárão seus descendentes aos Amoraes de Vidões, que hoje a possuem. Nella estão dous moimentos, com seus vultos, hum de homem, e outro de mulher, cada hum de dez palmos de comprido, e quatro de largo, sobre huns leões de pedra. Está Domingos Joanne armado, com huma larga espada na mão, sobre sua nobre sepultura, com hum letreiro, quediz:

Aqui jaz Domingos Joanne.

A outra he de sua mulher Domingas Sabechaes; que estão com humas contas nas mãos, e com os braços cruzados. A' cabeceira delle estão suas armas esculpidas em hum escudo de pedra, com quatro flores de liz douradas, e huma cruz verde atravessada por entre ellas. Em cima da parede debaixo de huma tenda de pedra se vê Domingos Joanne sobre hum cavallo todo armado, com huma maça na mão sobre o hombro direito. Da parte de fóra da Capella está este letreiro em huma pedra d'encá:

No nome de Deos, e da Virgem Santa Maria sua Madre, Domingos Joanne, Cavalleiro de Oliveira, fez esta Capella para si, e para sua mulher na era de 1279 *annos.*

Tambem dá muita nobreza aquelle real aqueducto, que o Serenissimo, e Valerosissimo Rei de Portugal D. Sebastião edificou em Coimbra, fóra das portas do Castello, com hum bom notavel, e sumptuoso arco esquinado, onde pôz a imagem do glorioso S. Sebastião, no qual se lê este epitafio latino, que diz:

Anno salutis humanæ 1570 *invictissimus Lusitaniæ Rex Sebastianus primus... hunc aquæductum, qui multis ante sæculis, partim vetustate corruerat, partim exciso per forato urbes monte longe hominum oblivione diruerat, primis fundamentis, iterum nobiliusque ædificatum posuit, Conimbricensi restituit: atque dilapsas aquas in communem Civium, totusque Academiæ usum reduxit.*

CAPITULO XXXIII.

De alguns varões illustres da Cidade de Coimbra.

ENtre os muitos, que nesta Cidade florecêrão em letras, foi o doutissimo Bispo D. João Soares, que foi á Terra Santa a pé, com doze Sacerdotes, e se achou no Sagrado Concilio Tridentino, e fez a santa casa da Inquisição, e huma illustre Capella no cruzeiro da Sé de Coimbra, á parte da Epistola, ao Romano, onde está o Santissimo Sacramen-

mento, e jaz por humildade fóra desta Capella, junto ao degráo della, debaixo de huma Capella raza, sem armas, foi Religioso de Santo Agostinho.

Admiravel em letras foi aquelle insigne varão, Lente de Prima dos Sagrados Canones, o bemaventurado Doutor Martins de Aspicueta, tão illustre nas letras como na santidade, e sangue, nascido em Navarra, da nobillissima casa de Xavier, e Aspicueta, mui parente do glorioso Santo Francisco Xavier, da Companhia de Jesus. Foi este virtuoso Doutor de profissão Legista, depois de ter lido quatorze annos em Salamanca (1) por mandado do Senhor Imperador Carlos V., deo fama, principio á nossa Universidade, onde resplandeceo tanto na sciencia, como nas raras virtudes, e santidade. Duas riquissimas joias de muito alto preço trouxe para Portugal, como forão duas suas sobrinhas Anna de Aspicueta, e Maria de Aspicueta, que forão Monjas do Mosteiro de Cellas de

(1) Julius Ros. in ejus vita.

Coimbra (1). Faleceo em Roma tido por todos por Santo, jaz sepultado na Igreja de Santo Antonio em Roma, no campo Marzo, cujo Templo edificou D. Guimar, natural de Lisboa, anno de 1360, depois do Cardeal Portuguez de S. Chrysogono. Antonio Martins de Chaves o ennobreceo, até que no anno de 1586 o restaurou o Cardeal Portuguez de Santa Maria D. Jorge da Costa, sendo Pontifice Innocencio oitavo (2).*

Aquelle grande Doutor, e mui virtuoso, e illustre varão Portuguez Diogo de Paiva, no Collegio de Santo Agostinho de Coimbra estudou as Artes, e nesta Universidade a Sagrada Theologia, que era natural de Lisboa, que foi mandado por El-Rei D. Sebastião ao Sagrado Concilio Tridentino, sendo de trinta e dous annos. Bem se vírão suas grandes letras, e christandade pelos livros, que escreveo contra os hereges, com que deixou alta fama. Foi filho de Fernão Al-

(1) Navar. in cap. quand. de com. in Epist.
(2) Octavi Panc. de M. Chisodi Rom. fol. 221.
* Não podia ser vivo neste tempo.

Alvares de Andrade, do Conselho de El-Rei D. João, faleceo de idade de quarenta e sete annos, ao primeiro de Dezembro de 1507. Era descendente este famoso Letrado da nobillissima, e antiga familia dos Andrades, que trazem sua origem de Roma, que tiverão seu Solar em Galliza, que são descendentes de D. Fernando Pires de Andrade (1), vassallo de El-Rei D. Henrique. Trazem por armas hum escudo, em campo verde, atravessado com huma banda de ouro, com cabeças de serpe, e por orla em campo de prata a Ave Maria de letras negras: desta linhagem escreve Gracia Dei.

Vi los valientes Templarios
Batalhar em claro dia,
Ja los Freiles sus contrarios,
De sus bienes proprietarios,
E traer Ave Maria.
Su sena verde serrada,
A quem su vanda dourada,
El-Rei com tres Villas dió
Que la victoria ganó,
D. Fernando Peres de Andrade.

Dif-

(1) Arg. de Molin. 1. cap. 111.

Differençáo-se as insignias dos Andrades de Castella, dos de Portugal, por ter seu brazão em campo verde, atravessado em banda vermelha, perfilhada de ouro, com as cabeças das serpentes de ouro, e duas caldeiras. Jaz sepultado este illustre varão Portuguez em nossa Senhora da Graça de Lisboa, na Capella de S. Nicoláo Tolentino, no qual se vê em hum fino marmore estes versos latinos.

Coudiderat Paivam marmor tellure sub ima,
Paivam munifice munera rara Dei.
Augustinus ait: nostra sub sede latebit
Paiva, cui hæc sedis lumina prima dedit:
Tum vocat æs gratosque viri sub lumina vultus:
Restituit gremio, pignora grata fovens.
Ergo si terris umbram Augustine tueris;
Quem teneat cœlo te duce Paiva locum?

Tambem nesta Cidade esclareceo em muitas letras o grande Jurisconsulto Ma-

Manoel da Costa, Lente, que foi de Prima de Leis em sua Universidade, como bem testemunhão suas obras. Não menos digno de louvor he aquelle insigne Oraculo dos Sagrados Canones o grande Christovão João, que foi hum dos maiores Letrados que houve no mundo, natural de Coimbra, que faleceo de 52 annos, e está sepultado nas claustras desta Cidade. E o grande Pero Maris tão illustre nas historias, e antiguidades deste Reino, que nella nasceo, e que faleceo em Lisboa no anno de 1615 a 24 de Novembro, e outros muitos claros varões, que a nobrecêrão muito assim nas armas, como nas letras, pelo que ficou esta famosissima Cidade celebrada em todo o Universo, em louvor da qual se póde exclamar com o que Ozias, Principe do povo de Deos, dizia á venturosa Judith: *Quia hodie nomen tuum ita magnificavit, ut non recedat laus tua de ore hominum* (1).

IN-

(1) Jud. cap. 13.

INDICE

DE TODOS OS CAPITULOS, QUE CONTE'M ESTA OBRA.

Ordenado por A L C. copiador da mesma.

CAP. I. *De quem era filho El-Rei D. Fernando o Magno, e de como os Monges de Lorvão o persuadem a vir sobre Coimbra.* Pag. 1

CAP. II. *Como El-Rei D. Fernando ganhou Coimbra, e o que mais nella lhe succedeo.* 5

CAP. III. *Arma El-Rei a muitos Cavalleiros depois da victoria: declara-se a verdadeira etymologia de Coimbra.* 10

CAP. IV. *De como os Reis de Leão ganhárão Coimbra, antes do Imperador D. Fernando, e de como se sustentou na Fé.* 15

CAP. V. *De como Coimbra se governou por Condes em tempo de Mouros, e de como junto della foi laureada com martyr-*

tyrio Santa Comba, Virgem Portugueza. 19
CAP. VI. *Onde estão as reliquias da Martyr Santa Comba, e de como o glorioso Palaio foi natural da Cidade de Coimbra.* 25
CAP. VII. *De como os Nobres de Portugal usárão muito deste nome* Palaio, *e donde estão as reliquias de S. Palaio Martyr Portuguez.* 29
CAP. VIII. *De como Elusinda se livrou de hum adulterio em Coimbra; padece nella pela Fé Eugenio, Abbade de Lorvão, e florece em muitas virtudes Randuphina.* 35
CAP. IX. *De como El-Rei Ataces fez sua Corte em Coimbra, de como lhe deo armas., e insignias.* 42
CAP. X. *De como D. Rodrigo Frojás desbaratou hum grande Exercito de El-Rei de Castella D. Sancho o Segundo.* 48
CAP. XI. *Do magnanimo, e invencivel Rei D. Affonso Henriques, Primeiro em o nome, e na dignidade Real.* 57
CAP. XII. *De como parte para Coimbra o Principe D. Affonso, e vence hu-*

huma batalha das mais famosas que houve no mundo. 65
CAP. XIII. *Com quem casou o magnanimo Rei D. Affonso Henriques, e dos filhos que teve. Das Santissimas Armas que deixou a seus successores, e de como jaz sepultado em Coimbra.* 77
CAP. XIV. *Do Real Templo de Santa Cruz de Coimbra, que o Santo Rei D. Affonso edificou, e de como o favoreceo depois de falecido com milagres.* 88
CAP. XV. *De como S. Theotonio edificou em Coimbra a sagrada Ordem dos Conegos Regrantes.* 97
CAP. XVI. *De como se instituio na Cidade de Coimbra a sagrada Ordem da Cavallaria de Avís.* 102
CAP. XVII. *De hum espantoso, e admiravel caso, que aconteceo em Coimbra.* 108
CAP. XVIII. *De como o mui grande Rei D. Sancho, o Povoador, nasceo em Coimbra, e nella jaz sepultado.* 114
CAP. XIX. *Do bemaventurado Padre S. Palaio, o primeiro Fundador, e Pri-*

Prior do antigo Convento de S. Domingos de Coimbra. 122
CAP. XX. *De quantos Bispos teve Coimbra, e de como florecérão muito nas letras, e na virtude.* 126
CAP. XXI. *De como a bemaventurada Infanta D. Sancha fez o Mosteiro de Cellas de Coimbra, e de como a Rainha D. Teresa edificou o de Lorvão de Religiosas de Cister.* 130
CAP. XXII. *Do magnifico Templo de Santa Sé de Coimbra, e de como o reedificou o Bispo D. Jorge de Almeida, e o ennobreceo o Bispo D. Affonso de Castello-Branco.* 136
CAP. XXIII. *De como as reliquias dos Santos Martyres de Marrocos vierão a Coimbra, e de como nella tomou o habito Franciscano o bemaventurado Santo Antonio, e de hum antiquissimo trofeo, que tem esta Cidade.* 146
CAP. XXIV. *Da heroica façanha, que fez D. Martim de Freitas, Alcaide Mór de Coimbra.* 153
CAP. XXV. *Da gloriosa Rainha Santa Isabel, fundadora do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde jaz se-*

sepultada, e de como em nossos dias se achou todo o seu santo corpo inteiro. 157
CAP. XXVI. *De como a Infante D. Bataça ganhou aos Mouros a Villa de Sant-Iago de Cassem, e jaz sepultada em Coimbra.* 167
CAP. XXVII. *Da fermosissima Prinzeza D. Ignez de Castro, e de como foi cruelmente morta em Coimbra.* 172
CAP. XXVIII. *Da famosissima, e insigne Universidade de Coimbra, a principal de Europa.* 178
CAP. XXIX. *Da Ordem que tem a Universidade no dia que abre suas Escolas, e das Reaes Exequias, que faz a El-Rei D. João o Terceiro.* 182
CAP. XXX. *De como se fazem os Doutores em Coimbra, e do principio do Real Collegio de S. Paulo.* 187
CAP. XXXI. *De como se fundou o nobilissimo, e illustre Collegio da Companhia de Jesus, de Coimbra, onde florecêrão muitos Santos Varões.* 192
CAP. XXXII. *De como os moços de Coimbra levantárão a El-Rei D. João o Primeiro, de feliz memoria, e de*

co-

como foi famoso Cavalleiro Domingos Joanne, natural da Commarca desta Cidade. 197
CAP. XXXIII. *De alguns varões illustres da Cidade de Coimbra.* 202

OBRAS INEDITAS

DE

ANTONIO DE ABREU

AMIGO, E COMPANHEIRO

DE

LUIZ DE CAMÕES

NO ESTADO DA INDIA.

FIELMENTE EXTRAHIDAS DO SEU ANTIGO MANUSCRIPTO, QUE POSSUIMOS EM PAPEL ASIATICO.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

Anno 1807.

Com Licença de Sua Alteza Real.

VIDA
DE
ANTONIO DE ABREU,
EXTRAHIDA DA BIBLIOTECA LUSITANA
DE
DIOGO BARBOSA MACHADO.

Tom. I. pag. 195.

ANTONIO DE ABREU, chamado por Antonomasia o *Engenhoso*, pela excellencia do seu talento, prompta agudeza nas respostas serias, e jocosas, e summa facilidade em compôr versos de varios metros, teve particular amizade com o nosso Principe dos Poetas de Hespanha, o grande Luiz de Camões, assim em Portugal, como na India, onde viveo com elle muitos annos, de quem foi sempre fiel imitador, como testemunhão as pessoas mais eruditas daquelle seculo, e o poderião testificar as do presente, se seu irmão Fr. Bartholomeu de Santo Agostinho, antes de morrer, publicasse huma grande Collecção, que tinha feito dos seus versos sagrados, e profanos.

SONETO

Ao Leitor.

I.

O' Vós, que ouvis o som dos nossos versos,
E minha antiga Rithma conhecestes,
Applaudi a quem fez diffrentes estes
Conceitos, dos antigos meus preversos;

E dos sentidos meus já a Deos conversos,
Que pera o seu louvor sempre estão prestes,
S'escandalo alguma hora merecestes,
Mudai-o agora em pensamentos tersos.

Rendei graças comigo da mudança
Deste estado sublime, e venturoso,
A'quella, que he de nós doce esperança:

Da qual s'ouvido chego a ser, ditoso
Meus dias passarei na confiança
De vir a ter hum eternal reposo.

SONETO

A S. Chrysogno Martyr.

II.

DO carcere do corpo, onde a alma solta
Da terra, já dos Céos sentia a gloria,
E bem tinha purgada a torpe escória,
Em que a fraqueza humana a teve envólta;

Chrysogno, á batalha o Máo te sólta,
Na qual delle ganhaste grão victoria,
Pois nem prompta vontade, e alta memoria,
Nem teu constante entendimento volta.

Acezo em fé constante, e verdadeira,
Tu lh' ensinas a ter do Ceo lembrança,
E a seguir dos Santos a carreira:

O corpo elle te offende, e no mar lança
Obstinado na infernal cegueira,
Mas tua alma nos Ceos feliz descança.

SONETO

A' Sepultura de Affonso de Albuquerque.

III.

O Corpo jáz aqui, que o grão thesoiro
De fé, de caridade, e de esperança,
Saber, justiça, esforço, e temperança
Guardou, qu'hora os Ceos tem já divino oiro.

Venerou, e tremeo Gentio, e Moiro
Seu grave, e santo aspeito, e a fiel lança
Sempre ante elle venceo; tu que olhas, lança
Flores, versos, na Tumba, palma, loiro.

De Reis vem, a Reis serve, e a Reis sugiga,
Tres sempre, e Reinos tres duas vezes toma,
E a Ormus sugiga a cervis imiga:

Em que barbara lingoa, em que idioma,
Igual Heroe se vio na Grecia antiga,
Na grão Carthago, na illustre Roma?

SONETO ALLEGORICO

Ao Padre Antonio de Quadros, defunto.

IV.

PEdra viva, e quadrada, pelo eterno,
Senhor, feita para o Edificio santo
D'alta Herusalem, tão justa, quanto
He sublimado o seu saber superno.

Pallida base do feliz governo,
Que sendo experimentada, com espanto
Deixaste o almo dia, e o negro manto,
Em que envolvido jaz o escuro averno.

Quadros, que quadros mil d'altas virtudes
Ao Ceo voando, cá na terra deixas,
Capazes d'acender mil peitos rudes:

Tu qu'as portas do averno ás almas feixas
Sê tu lá donde estás quem nos escudes,
E quem benino attenda ás nossas queixas.

SONETO

A S. Boaventura.

DOutor das almas, qu'inflamado, e ardente,
Qual Serafim trouxeste a alta doutrina
De fazer Anjos cá dos homens dina
Tão celeste, tão pura, e tão fervente!

A qual nos mostra qu' a tua alta mente
Nos Céos tomou, quanto de Deos ensina,
Quando porque s'abaixa humilde, indina
De mais perto o converta, encherga, e sente:

Daquelle odio, e desprezo que ensinaste
A ter de nós c'o escrito, e c'o exemplo,
Nos alcança que enchamos nossas almas:

C'o qual guardando a Deos em nós seu Templo,
Vencendo dos Dominios o contraste,
De mil victorias lh' offreçamos palmas.

SONETO ALLEGORICO

De Diogo Soares de Alvergaria a Antonio de Abreu.

VOsso divino Coito, Abreu, o dia
Me mostrou quasi em meyo á minha noite
Com cuja viva luz, vi como a noite
Estava des do meu primeiro dia.

O' poderosa luz, ó claro dia,
Que do error, em qu' envolto era de noite
Me tiras antes de vir a ultima noite,
Tras a qual discorrer não póde o dia.

Vós fostes a alva deste claro dia,
Que avorrecer me fez a escura noite,
Que m'encobria o meu sereno dia.

Alumiado da qual á infernal noite
Fujo, e contemplo o verdadeiro dia,
Que só póde dar luz á nossa noite.

SONETO

Segunda resposta.

A Carne, o Mundo, o inimigo assi inquieta
A alma, Simão, na vida, que não sei
D'algum que não quebrante a santa lei,
Ou qu'a má tentação não acometa.

Culpa não he de fado, ou de Planeta
Os Decretos manchar do Eterno Rei,
Mas sim do nosso natural, onde hei
Receo, e medo de vencer a meta.

Por isso só queria ser exemplo
Que imigo tal assi vencer procuro,
Contra o qual este só Senhor nos val:

Os olhos alça, ó alma, ao sacro Templo,
D'enganos, e embaraços bem seguro,
Que triunfante serás do eterno mal!

SONETO

Terceira resposta.

QUe alguem, caro Simão, vida quieta
Neste vil mundo tenha, não achei,
Por mais que peregrino o rodeei
Por terra, e mar da fria á ardente meta;

Senão quem vista, e amor deixa, e quieta
Eterna luz, e amor que a humana grei
Veo a salvar, do que isto foi crerei,
Qu' as nuvens más a fogo tal derreta.

Só co a alma nos Ceos, no santo exemplo
Os olhos pondo, os lava, e limpo, e puro
O raio manda a ver misterio tal:

Donde tras pera a alma que fez Templo
Do eterno Deos compunção, que o duro
Peito da contrição mostra o sinal.

SONETO

A' Santa Cruz.

ARvore triunfal, victoriosa,
Que co a raiz no Ceo, ramos na terra,
A' morada infernal fulminas guerra,
Do passado triunfo inda pomposa.

Tu hes a via, por que á glorioſa
Corte se vai sómente cá da terra,
Quem purga do erro a alma que s' enterra,
Quando contrita a ti corre, e chorosa.

A ti, Senhora, a ti vou confiado
De ver seus doces ramos estendidos
C' o fruto da salvação ledo, e prezado:

Sê minha in:ercessora, e teus ouvidos
Benigna m' offerece neste estado,
Em que sómente ao Ceo dou meus gemidos.

SONETO

A' Madalena.

COm Alabastro de precioso unguento
Na casa de Simão Maria entrou,
E sobre Jesu todo o derramou,
Lagrimas aos pés seus chorando cento.

O' engano do humano entendimento!
Toda a casa a santa obra mal julgou,
Só Christo a defendeo, só a louvou
Por Exequias do seu enterramento.

O' Porfetiza rára, em cujo espirito
O amor do Christo entrou de tal maneira,
Que firme te fez ser, como era escrito!

Tu foste a immortal pedra, e verdadeira,
Aonde o nome seu ficou escrito,
Tu quem o viste ao Ceo subir primeira.

SONETO

Ao cerco de Chaul.

Manda, alto Deos, nos Portuguezes peitos
Hum impávido esforço, como o antigo,
Qu' a frente abata ao cruel imigo,
Ousado a destruir teus santos Feitos:

Plantada fique a Fé, e os seus Preceitos,
Qu' a Filho teu nos deo com peito amigo,
E elle sofra o exemplar castigo
Devido aos seus, e mais aos nossos feitos:

Nos olhos seus, que já olhar te sabem,
Tal luz lhe póe, que os Mouros vendo-a ceguem,
E com tua gloria a suas máos acabem:

Como ovelhas perdidas se congreguem,
E envoltos no proprio sangue acabem,
Depois qu' o Portuguez braço s'entreguem.

SONETO

Ao mesmo Asumpto.

MAnda ora, alto Senhor, sobre a ousadia
Do cruel Mouro, esforço em teus Soldados;
Porque possão vencendo denodados,
Troncos mil esparzir na terra fria:

Nos peitos seus lhes põe tal valentia
Qu' os fortes Esquadrões deixem prostrados,
E só de os ver atonitos, pasmados,
Tremão ao soccorro, que tua mão lhe envia:

E desta rara maravilha, e gloria
Bem claramente tua, a ti se cante,
Acorde canto de eternal memoria:

O Lusitano povo te levante,
Padrão perenne sobre a sua historia,
Qu' os Polos ambos d' esplendor espante.

SONETO

DElle mie gravi colpe anchora carco
Volto al sommo fattor battendo l' petto;
Et a colei che' n se li diè ricetto
Chieggio pietate, et a n' essere scarco.

Accioche poi quando m' accada al varco,
Giunger di morte speri puro, e netto;
D' amor del mio Signor servo, e soggetto
Del cieco non eh'anchor minaccia l' arco.

Ascoltai, tremando a naquella voce
Che mi dica: Felice, e diletta alma
Entra meco a goder la gloria mia:

Or' mentre 'l vieta la corporea salma
Togliendo alle mie spalle la sua croce,
Per lei spero nel Ciel far mi la via.

SONETO

L'Ostinato furor de'i gravi errori
Ove poe' anzi stette' l'mio core 'nvolto
L'alto Padre feri si ch'o mai sciolto
Di lor n'andro temendoli ancor fuori.

E bem convien ch'i li dia gratie, e adori
La virtu di sua destra, che lo stolto,
Voler cangió si ch' lui gia rinvolto
Arde l' desir dietro a suoi santi amori.

Cosi sempre tu alor dolce n'vescato,
Lo sprito ardito andra nell' alto cielo
Con l' ale di pensieri n' terra santi:

S' io ne farò si con divoti pianti
Che 'l core acceso d' almo ardente zelo,
(Mercè de Dio) la merti esser levato!

SONETO

A' Sepultura de Belchior da Cunha.

GUarda esta humilde Pedra a cinza santa,
Que já vestio Belchior, cujo alto Esprito
Dado he foi por Deos, c'o exemplo escrito
O qual da terra ao Ceo hoje o levanta.

De raios mil vestido ledo o encanta
Na eterna Gloria a luz do Alto, e Infinito,
Onde a voz, que o som fórma, alçando o grito,
Por se ir a Deos, já gloria e honra lhe canta.

A seus caros Irmãos, e ao fiel povo,
Deixar-lhe soube verdadeiro exemplo
Da vida sua, que cantando louvo:

E da terra voando ao sacro Templo
Este Espiriro feliz, este Anjo novo,
D' eternos bens gozar ledo o contemplo.

SONETO

A S. Lourenço Martyr.

Envolto em vivas brazas, e na chama,
Posto no Sacrificio alegre estava
Lourenço, e só aos Ceos alevantava
Os olhos, querendo ver a Deos que o chama.

Táo forte he o ardor com que a Deos ama,
Que o coração no peito lh'abrazava,
E o fogo, em que arde vivo, desprezava:
Tanto o dos Ceos o arrebata, e inflamma!

Benigno recebe o ardor do fogo,
No qual encontra doce refrigerio,
Da Gloria certo, a quem dirige o rogo:

Coroas mil de triunfo em seu Imperio
Tecer lhe manda o Ente eterno logo,
Apenas vê sua alma outro Esmiferio.

SONETO

A Jesu Christo.

Chamei, Senhor, por ti, regando o estrado
Com lagrimas de minha consciencia,
Bem sei que não mereço achar clemencia,
Nem, sem tua graça, ser justificado.

Mas do esprito contrito o puro brado
Na Ara da bondade da sua Essencia,
C'o coração provado em paciencia
A' tua vontade offerecido, e dado:

Elles m' alcancem teu amor immenso,
E minha alma abrazada em vivo fogo
De desejos, t' offreça o puro incenso:

Desta arte poderei alçando o rogo,
Tua morada ver ledo, e suspenso,
E do Mundo sahir com desafogo.

SONETO

A' inconstancia, e volubilidade do Mundo.

Riquezas, e honras vans, que, ó vario Mundo,
Dentro do céo tem vossa cabal hora,
Inda primeiro que a luzente Aurora
Banha de luz o Globo alvo, e rotundo:

Delles fugindo vou ledo, e jucundo
A' solidão, aonde o prazer mora,
Pois temo, e tremo que qualquer demora
Me não soterre neste val profundo.

Deixai-me viver já, sem o triste engano,
Em que errante vagava esta pousada,
Feita para o mortal, por Deos Sob'rano:

E izento da carne tão pezada,
Izento huma vez de todo o damno,
Da terra suba á immortal morada.

SONETO.

Ao dia de todos os Santos.

A Os que acabárão em teu serviço santo,
Livres em vida do mundano enleio,
Por terem de teu amor seu espirito cheio,
Da gloria tua veste o eterno manto.

Benigno Pai, aos outros, que inda tanto
Bem não merecem, e a que convem por meio
Do fogo ser purgados, abre o seio
Da clemencia ao desterro, á pena, ou pranto!

E neste santo dia, que á memoria
De todos encommendas, celebra a Esposa,
Que o Céo dotou de Graças tão notoria:

Seus ais ouve na Patria venturosa,
E manda aos Anjos desta eterna gloria,
Que nos alcem de estancia tão penosa!

SONETO

Ou invectiva contra Chaul no tempo do cerco.

MÃi dos deleites, da cubiça, e onzena,
Perversa escola, e só de roubos cova,
Que ós vicios todos torpe altar renova,
E o Matrimonio de infiel acena.

Chaul dormente entre a frescura amena
Dos teus jardins, acorda a vida nova,
E s'o pouco temor de Deos to estorva,
Dos malvados recea a justa pena.

Coberta de pezar, d'entre a ruina
Dos Edificios teus, alçando as palmas
A Deos pede segura medicina:

E do pó da dor vestindo as tristes almas,
Aplaca d'huma vez a ira divina,
E do Ceo a tormenta enfrea, e encalma.

A D. Hieronimo Osorio Bispo do Algarve no primeiro dia de Janeiro.

O D E.

ONte acabou hum anno,
Outro se começa hoje,
Depressa passará como o passado;
O tempo voa, e foge,
E d'um em outro engano
Leva a vida apôs si, leva o cuidado.

Pelo que já passou,
Pelo que passa agora
Quasi o que póde vir póde julgar-se,
Ditoso a quem huma hora
Ditosa não faltou,
Em que podesse bem desenganar-se.

Ditoso a que a lembrança
Tem sempre no que vio
Que já não vê, e no que ainda está diante,
E pelo que sentio
Por vã julga a esperança
Que outros tem por seguros, e por constante.

Despreza vãos desejos
Da terra, e com espritos
Altos aspira ao bem que sempre dura,
E com secretos gritos
Nunca a este fim sobejos,
Traz o Céo a sua alma limpa, e pura.

Este tem paz comigo,
Este de máos enganos
Vive seguro, e livre, e em si seguro;
Começão, acabão os annos,
Vem hum, e outro perigo,
Esconde-se em si mesmo em ocio puro.

Em si tem seu descanço,
Consigo se contenta,
Como quem só de Deos em tudo pende;
Ora brava a tormenta,
Ora o mar veja manso,
Igualmente a fortuna se defende.

Mas ah quão raramente
Hum destes ha na terra!
Que louvores merece o que assi ouvesse,
Quantos tem dura guerra
Em si continuamente
Que sem este mal vivesse, ou não vivesse!

Do que viveo esquecidos,
Do que vê descuidados
O que inda podem ver á vista escondem,
De vá esperança guiados,
Vão tras ella embebidos,
Surdos, que nem nos ouvem, nem respondem.

Comsigo sempre inquietos,
Que embaraçáo sempre a alma, e a vida enleáo,
Hum anno, e outro corre,
Hum tempo, e outro voa,
Nenhum anno, ou tempo ao bem os leva,
Nelles nunca o bem soa,
Tudo em vida lhes morre,
Nelles tudo lhe gea, e tudo neva.

Tu rarissimo esprito
De nossa idade gloria,
Clarissimo, prudente, grande Osorio,
De cuja alta memoria
Levanta a fama hum grito
Té o Ceo que da terra em ti deo grão thesouro.

Quão longe nós do cego
Vulgo, que ou não s'atreve,
Se bem, ora o não entende, ora s'engana,
Que segue a que mais deve

Fugir, que o bom socego
Foge, e tem só por gloria, gloria humana
Com letras nos ensinas,
Com virtudes nos moves,
E com santos costumes nos reprendes,
Em nossas almas choves
Certas, e altas doutrinas,
Que o bem do Ceo, e o mal da terra entendes.

Em ti agora revive
Gosto de antiguidade
Com espanto se lê, s'ouve, se conta;
Longa, e ditosa idade
Osorio vive, vive,
E viva em ti quanto o Mundo espanta:
A mil Janeiros vejas,
Dado o primeiro dia,
A mil Dezembros ledo o derradeiro;
Com tua prudencia, guia
Clara, e certa, nos vejas
Com tua virtude, e exemplo verdadeiro.

SEXTINA ALLEGORICA.

AQuella minha cega, e errada conta,
Que apoz si me gastou mal tantos annos
Da soberba, e ambição, movendo o vento,
Que alçava da cubiça a inchada véla,
Senti, já quando do naufragio a força
C'o embate c'o a náo me cercou d'ondas.

Nadando então por entre as bravas ondas,
Chorando as culpas da passada conta,
Pedi temendo á morte crua força,
Com que sahindo á praia, os longos annos,
Que navegára com tão torpe véla,
E visse que se forão como vento.

E novamente a minha vida no vento
Do vário Mundo, e alteradas ondas
Dei, c'o a melhor náo, Piloto, e véla,
E fique c'huma náo, e longa conta,
Cujo fim não temesse o andar dos annos,
Nem pudesse mudálla a sorte fraca.

Para a fazer então firme, e não fraca
Fiz da virtude o que do fumo, e vento;
Longos annos alcei a novos annos,
Lancei delles hum mar d'ardentes ondas,
Do passado tomei estreita conta,
E dei ao vento do desprezo a véla.

Quanto mais fui largando a humilde véla,
Fez-me o contrario vento menos força,
Fiz de viagem mais segura conta,

Sen-

Sentindo perto ver prospero vento,
O mar tranquillo, e com mansas ondas
Que esquece da tormenta os negros annos,
Provemos a viagem eternos annos,
E o eterno Senhor a náo, e a véla
Me deo, para passar do mundo as ondas,
De que elle m'abrandou a furia, e força
De graça soa ao suave vento,
E cedo espero o premio á nova conta
Da errada conta, em que perdi meus annos,
Ao vento dei, olhando aos Ceos, a véla,
Onde espero ir rompendo força d'ondas.

DESCRIPÇÃO GEOGRAFICA
DE MALACA,
CHAMADA DOS ANTIGOS
AUREA CHERSONESSO.

I.

O Sabio Homero, o Livio, o Mantuano,
E os mais do Parnaso laureados,
Que escrevèrão o ficto, e o profano,
E os feitos dos Antigos sinalados:
Mil louros dão ao nome Lusitano:
E a seus heroicos feitos sublimados
A fama pelo mundo os apregoa
Da fundação de Ulysses até Goa.

II.

Grandes os conta a terra, e os mesmos Ceos
A gloria immortal tendo por Chronista
De toda a Europa, e Asia c'os troféos,
Onde tem dilatado a grão conquista:
O seu louvor izento de labéos,
Já no mundo não ha quem lhe resista:
O mesmo tempo delles s'amedrenta,
E de seu braço regido os izenta.

Em-

III.

Empreza he de Minerva, e de seu Coro
De todo o raro engenho, e peregrino,
E até de Plectro d'Anfiam canoro
O Lusitano esforço, e o seu destino:
Elle conta de si seu proprio foro,
Que não há mister forja este ouro fino,
Por todo o mundo contão seus louvores
Os Gregos e Latinos Escritores.

IV.

Traçar sómente quero a Inscripção
Da Gentana, Malaio Chresonesso;
Da terra, e mar da gente a condição,
De regime, do trato, e de riqueza:
Do astuto imigo nosso a pertenção,
Com que o esforça a gente Portugueza:
Da usança da paz, e mais da guerra,
E do regime, que em si tem a terra.

V.

Passando o Oriental mar por Taprobana,
E colhendo nas ondas espumosas
O celebrado Canges, que a profana
Gente lava, em sorte desditosa:
Dalli correndo a terra Mortavana
De Bramas gentes fera, e viciosa
Despede hum longo braço c'o preceito,
De nunca Eolo ter nelle direito.

Obrou

VI.

Obrou a natureza por tal arte
Por bem duzentas legoas que o estende,
Tendo Aurea Chersonesso d'huma parte,
E da outra o grão Malaio que o defende:
As bocas lh'estreitou mais no remate,
Com que Neptuno humilde se lhe rende
Cruzar, e a pôr este grão thesouro,
A droga, a pedraria, a prata, o ouro.

VII.

Este braço Oriental tão affamado
Gentilico Imperio, e inhumano
Mahometico todo nomeado
Por muitos annos foi de Rei profano:
Propicio vendo o barbaro seu fado,
Presume mais de si que ser humano;
Mas desta presumpção o desengana
A invencivel gente Lusitana.

VIII.

Neste rico Arquipelago do Oriente
Para a parte do Artico assentada,
Jaz n'uma estancia fertil, e eminente,
De Malaca a Cidade memorada:
De povos Orientaes, e do Occidente
Por causa do Commercio frequentada,
Querida dos amigos por preceitos,
Temida dos imigos por seus feitos.

Pe-

IX.

Pelo centro hum formoso, e caudal rio
Bem como o Tibre a Roma afermosenta,
Formoso, cristallino, e mui sombrio
De mil Nações por pontes se frequenta:
D'uma parte, e da outra o vil gentio
Se recolhe ao Luso em torre izenta,
Reparo algum não tem firme, e seguro,
Que o Luso braço não consente muro.

X.

O monancabo a vizita, e enche d'ouro
Das riquissimas minas, e caudaes
De safiras, rubis o Pegu Mouro,
De perolas sem preço Orientaes:
Os braços tem já puros de thesouro
Da roca velha, e todos desejais
O branco de Camfora acompanhado,
E de Ambar outros muitos mais prezado.

XI.

Do subido ouro o astuto, destro Chim
De fina seda, almiscar, porcelana,
O Samatra de suave beljoim,
E tudo em que se seva a sede humana:
O rico Siam já dado ao Bremim,
O Cochim de Calemba que deo mana
De Sapam, chumbo, salitre, e vitualhes
Lh'apercebem celeiros, e muralhas.

***

Os

XII.

Os Sundes, e Malaios com pimenta,
Com massa, e nós os ricos Bandanezes,
Com ropa, e droga Cambaia a opulenta,
E com cravo os longinquos Maloquezes:
Bengala com mil panos a frequenta,
Nem falta São Thomé com seus tres mezes,
Esta de mantimentos a fornece,
Java de cavallos a guarnece.

XIII.

Alli a subtil obra do Japão
Precede inda á materia d'ouro, e prata,
O tecido, e o lavrado d'invenção,
E o mais de que a Musa aqui não trata:
Avaros peitos fartos ficarão,
Almas não, que a cubiça não se farta,
Aqui jaz o Thesouro Oriental,
Que s'espalha por todo o Universal.

XIV.

Mas s'isto em muito tendes, tende em mais
O que tanto procede ao recontado,
A virtude dos proprios animaes,
Que nelle vi, e tenho experimentado:
O Unicornio que tanto decantais,
Por outro nome Abada nomeado,
Não ha cousa em seu corpo sem proveito,
E contra todo o mal, nenhum exceito.

Com

XV.

Com grandeza não chega á sua altura,
Mas sendo quasi igual ao Elefante
Nos pés, pois não possue nelles juntura,
Nem se póde deitar que se levante:
De mula tem o rosto, e em tromba dura
O curto, e grosso corno de diamante,
A boca mui rasgada, os peitos grossos,
Em cada pé tres unhas, fortes ossos.

XVI.

As pedras de sevar tão celebradas
Pelo mundo por usos excellentes,
De buxos de Bugios são tiradas
Nestes Malaios matos florecentes:
E as de porco espim tambem dotadas
Aqui vi de virtudes eminentes,
E o cornicho que a cabra tem sómente,
Desfaz a dura pedra em continente.

XVII.

A estas deo o Ceo virtudes taes,
Que ao mal de qualquer sorte tem respeito,
Dellas usão os Reis Orientaes
Do fysico mofando, e seu preceito:
Contra o que he frio, e quente, e contra o mais
Que dana o humano ser, fazem proveito,
E só contra a peçonha racional
Do iniquo peito humano, nada val.

XVIII.

Aqui o Capro Signo he temperado,
E o Leo contra a antiga Geografia,
De boninas matiza o verde prado,
E a ribeira jaz sempre sombria:
O bosque todo o anno está occupado,
Que feios animaes estranhos cria,
Tal que Venus, e Marte de viçoso
O escolhem para o seu furto amoroso.

XIX.

Aqui na mata espessa, e brando feno,
Ambos doces effeitos concluirão,
E ora em verde outeiro, ora em ameno,
As armas, e o amor almas unirão:
Aqui o dourado pomo, que o veneno
Esconde dentro em si, ambos fruirão,
O Satyro d' inveja desatina,
E o Fauno que os vê d' amor se fina.

XX.

Cinthia, Cinthia famosa affeiçoada
A terra que lhe deo contentamentos,
A destina á Nação mais estimada,
E traz a Lusitania a seus assentos:
A gente ao seu Moverte assemelhada,
E que possue d' amor seus movimentos;
Já d' uma, e d' outra cousa a preeminencia
O tem mostrado a longa experiencia.

XXI.

A forja onde o fino amor s' apura
Dos vassallos, he do Rei a gratidão,
Esta dilata o Imperio, e a ventura,
E não desarma seu poder em vão:
Esta cria o esforço, a chaga cura,
E torna Heroe ao minimo Varão,
Esta dilata sempre ao Luso Estado
Por mar, e terra além do imaginado.

XXII.

Este criou aquelle Heroe valente
Affonso d' Albuquerque, que famosos
Feitos obrando, ganha no Oriente
A mór parte de Reis mui bellicosos:
Pois me falta o estilo competente,
E os versos d' Homero sonorosos,
Só direi, que seus feitos bem mostrárão,
Que pela Patria, e Reis s' executárão.

XXIII.

A tudo vence amor, ou tarde, ou logo,
Que o peito que he leal, e amoroso
Traspassa pelo forro, agoa, e fogo,
Constante, firme, ledo, e amoroso:
Creado este Heroe foi no Marcio jogo,
Aonde o espirito seu fez bellicoso
Por seu Rei concluio heroicos feitos,
Altos muros deixando alli desfeitos.

De-

XXIV.

Decanta tu, Caliope, o que obrou
O impavido Almeida memorado,
A quem da morte a fama libertou
D'immortal palma, e louro coroado:
Este foi quem a Patria sublimou
Com nome illustre, e feito signalado,
Aquelle que aquirio tanta honra, e gloria,
Que d'Asia, e Europa assumpto foi da historia.

XXV.

Amor que tornou sangue este potente
Das Turquesquas Nações, e das Sultanas,
A Zona torrida, e Bachina gente
Mahometica, gentias, e profanas:
Decantem deste Heroe tão sabiamente
Quanto amou Leis Divinas, e as humanas
Ditosa Lusitania, e o Outeiro,
D'Abrantes, que criou tal Cavalleiro.

XXVI.

Recontem os Annaes mais verdadeiros
Da Lusitania historia Oriental
O quanto illustres forão taes luzeiros
Da sua feliz Patria Occidental:
Como forão Heroes, e Cavalleiros
Em ganhar este Imperio alto, e Real;
Em defender a Patria, e ao Rei servir,
E seus rivaes imigos destruir.

Go-

XXVII.

Governa com poder, e mando izento
Todo este Sul do Norte separado,
Tendo posto por obra o fundamento
De abrir o Commercio desejado:
Sulcar por nova via o salso argento
No lenho Canori abalizado,
E pôr em fim o Sul em grande conta,
Que a seu Deos, e Monarca tanto monta.

XXVIII.

Ao Malabar dar intenta, e ao Dachem
A perda tanto delles receada,
Que no Commercio aberto claro vem
Pela agoa, pelo fogo, e pela espada:
Meio abre ao Luso Estado qual convem
A fim da honra, e fé ser dilatada,
A náo já s' apercebe d' util gente,
Argonauta animoso, e diligente.

XXIX.

Prestes estava já a sabia gente,
Odiosa por robos, e affamada,
Trabalha cada hum com furia ardente
Para a empreza em seu damno designada:
Em vão a Costa s' arma deligente
De bellicosa furia, e máo armada,
Porque chegando Almeida denodado,
Desfeito deixa todo aquelle Estado.

Ajun-

XXX.

Ajuntão com presteza os Samatrinos
Galeotas, e Galés a mais de cento,
Não lhe faltão canhões, e columbrinas,
E bellicosa gente a seu intento:
Cem mil homens em guerras mui continos
Com Capitão d'esforço, e ardimento,
E não pertendem mais da cavalgada
Que a Cidade, e a não deixar queimada.

XXXI.

Sobre a tarde apparece a ribeira
Com soberba, e confiada presumpção
A Chersonessa Armada mui guerreira
Com Bandeiras, e Estendartes d'invenção:
Do levante a ordem guardão, e a maneira
Em cerrado, e aberto o Esquadrão,
O mar enchem de vélas infinitas,
E o ar de instrumentos, e de gritos.

XXXII.

Commettem a grão não em noite escura,
Fazendo o fogo hum dia luminoso,
D'esforço estando cheia, e da ventura,
E do Luso valor sempre animoso:
Cada hum dos Argonautas bem procura
Nesta empreza ganhar hum nome honroso;
Vencem animos altos em peleja
Toda a cousa por ardua que ella seja.

Os

XXXIII.

Os barbaros com huivos desmedidos
(Presagio verdadeiro de seus males)
Com estrondo que turbão os ouvidos,
Atroão de Neptuno os fundos valles:
Ostentão-se soberbos, e ardidos,
Antes que ó valor Luso abales, talles!
Oh que espantosa scena parecia,
O ver que tudo em fogo, e grito ardia.

XXXIV.

Pega o fogo por vezes, Deos o apaga,
Tudo tenta o brutal commettimento,
Cada hum com desprezo a vida estraga;
Porque nenhum a quer sem vencimento:
Tentão com furia huma, e outra ilharga,
Mortes atalhão com subtil intento,
Só lembra ao Luso, Mouro aqui vencer,
Nada deixando de por temor fazer.

XXXV.

Com oleo, e cal, penedos, e pontões
Com artificios mil, e surriadas
Os convida Caranja, mas montões
D'almas sahem dos corpos desatadas:
Perdem vidas, Galés, e munições
Em menos de tres horas desastradas;
De sangue o mar, e terra s'alagou,
E o Luso Estendarte s'arvorou.

De

XXXVI.

De supito no mar, e terra logo,
E na Cidade dando o Ariplena
Com animoso assalto acende fogo,
Porém nas chamas soportou a pena:
Ceos, que incendio! mas o justo rógo
Movendo ao Summo Bem, depressa ordena
Que o cristallino pólo se turbasse,
E que hum diluvio d'agoa o apagasse.

XXXVII.

Tudo perdem no mar, e na Cidade,
Os que ousão entrar nella enfurecidos:
Mil delles sobrevem em quantidade,
Porém logo se vem arrependidos;
Muito mór lhe parece a mortandade,
Do que he a ingente copia dos feridos,
Deixando o campo em fim as costas derão,
E as armas largando s'acolhêrão.

XXXVIII.

Trabalha então da perda por forrar-se,
E em outro mór combate refazer-se,
Porém peiora, em vez de melhorar-se,
E acaba no affinco de perder-se:
Ousado, e temerario quer chegar-se,
Mas o temor o faz arrepender-se,
Retira-o por fim o grave damno,
Avisando-o já tarde o desengano.

XXXIX.

Os elementos quatro lhe impedirão
Por Divino favor o que esperavão,
No mar a agoa, e vento lhe affundirão
Galés, e Galiotas que estimavão:
Contra elles terra, e fogo assi conspirão
Que os vivos com os mortos s'ajuntárão,
Vendo-se conjurados n'um momento
Contra elles o mar, terra, fogo, e vento.

XL.

O' poderosa mão de Deos armada
Contra o infido Mouro, e sementido,
Sejais na terra, e Ceo sempre exalçada
Com terno peito, e coração rendido:
Pois tendes a soberba derribada,
Não só deste rival torpe, e descrido,
Mas doutros, igualando com o chão,
O poder de Melique, e de Hidalcão.

XLI.

Não fica em pé o iniquo Malabar
Imigo fero, audaz, e bellicoso,
Contra quem mais que o esforço a manha val,
Sendo o menos dos quatro poderoso:
Unidos bem poderão conquistar
O Mundo, e não lhe ser difficultoso,
Vêde o poder de Deos, que n'um só anno,
Os desfez pelo braço Lusitano.

Mil

XLII.

Mil graças rende Almeida da victoria
A quem dellas Author he conhecido,
Já que por seu serviço, honra, e gloria
De lha dar tão felice foi servido:
Pede-lhe o que trazia na memoria,
Que he ver-se de Malaca despedido,
A Coge s' apercebe, embarca a gente
Na não s' embarca o Costa deligente.

XLIII.

Entregando o Governo de Malaca,
Já senhor do despojo Oriental,
No dia dos tres Reis feliz s'embarca
Co a nova pertenção Occidental:
Alli a cruel Parca audaz o ataca,
Mas nada se Deos quer a Parca val;
Abrio a não tal agoa dando á véla,
Que pouca esperança ouve de vencella.

XLIV.

Vencida quasi esteve a não por agoa,
Que vencer nunca póde ferro, e fogo,
Sem ter remedio algum, mais do que a mágoa
Neste aso da fortuna, e de seu jogo:
Mas Deos que foi a guia desta taboa
Ouvio do Luso peito o justo rógo,
E a viagem faz seguir perigosa
Com titulo mais justo, e milagrosa.

Sem-

XLV.

Sempre Deos favorece o bom respeito,
E sempre os Heroes tem de sua mão,
Passa o mar, e dos ventos a despeito
Victorias mil alcança ao Hidalcão:
Com esforçado brio, e Luso peito
O fim vence de sua pertençáo,
A' Patria chega, e do Rei he recebido
Com pública honra, e peito agradecido.

XLVI.

Da viagem lhe deo, e dos perigos,
Das guerras, e do encontro Samatrino,
De seu poder, estado, e dos amigos;
Das Armas, da Milicia, e culto indino:
Do meio d' extinguir estes imigos,
Que tanto anhela com favor Divino,
Estas palavras a bom Rei dizia,
E deste geito Almeida respondia.

XLVII.

Poderoso, e alto Rei, a occasião,
Que Deos off'rece agora d' extirpar
O Samatrino Imperio, em nossa mão
Por certo está, e a fé sua dilatar:
Náo percas pois, Senhor, esta sezáo,
Que ao diante será de danos mar
Olha que o tempo és disto avisado,
Olha bem o que importa a teu Estado.

XLVIII.

Da aurea Taprobana até Japão
S'estende hum largo, rico, e vasto Estado,
O qual com poucas forças, e invenção
Poderá ser por ti senhoreado:
De tudo verás presto a conclusão,
S'o Samatrino fôr dalli lançado,
Debaixo estando tudo d'uma chave
D'uma porta, que feche este conclave.

XLIX.

São terras de Nações á razão dadas,
Que se podem domar, e converter,
De todas as riquezas semeadas,
Que a mortal gente sôe em muito ter:
Sãdias, e de bens mil abastadas,
De tudo quanto pende o humano ser,
Não deixes pois, Senhor, tão nobre empreza,
Aonde ganharás honra, e riqueza.

L.

Entrão no Adachem cem náos cada anno
De bellicosos Turcos, prenhes d'ouro,
Das quaes tirão proveito, e fazem dano,
Pois dão engenho, e arte ao forte Mouro:
Mil, e vinte quintaes, que não me engano
De pimenta retorna a seu thesouro,
S'isto pois atalhar se não procura,
A possuir virão a mór ventura.

Sua

LI.

Sua guerra he já guerra guerreada,
Seu desenho até aqui foi differente,
Negocea com ouro, e Embaixada
A outros Reis envia do Oriente:
Determina atalhar com sua Armada
Os bens, que vem do Sul tão facilmente,
Cercar já mais Malaca não pertende,
Pois he por outro modo que a offende.

LII.

Dá ao Turco infido Samatrim
Aviso deste estado, e esperança,
Este incita com ouro ao Çamorim,
Com Hidalcão, e Melique faz liança:
Porque fulminem guerra ao nosso fim,
E fique seu Estado em segurança,
A todos peita, e pondera a obrigação,
Que tem de devastar todo o Christão.

LIII.

Os nervos principaes são os direitos,
Que sustentão no Oriente ao teu Estado,
E este vem do Sul por dous Estreitos,
Bem como ao Mundo todo está mostrado:
Salecu, e Sincapura bem acceitos,
Pelo sab'roso fruito, e desejado;
Destas duas gargantas tudo pende,
Que este imigo atalhar tanto pertende.

LIV.

Ao teu General do Oriente,
Tão importante empreza só compete,
Que o mandares lá a outrem do Ponente
Divisões, e incommodos promette:
Ventar Sul contra o Norte de repente
O mar atravessado logo mette,
Porque o jardim do Norte he só regado,
Com as agoas do Sul, e aproveitado.

LV.

O Turco, o grão Mugol, o Hidalcão,
Zimaluco contiguo, e Malabar
Alçada sempre tem a forte mão,
Tempo guardando fixo, e bom lugar:
Daqui resulta ao Norte a occasião
Para todo o favor ao Sul negar,
Pois estando a seu cargo, e provimento,
Não podem faltar meios ao portento.

LVI.

Procede d' alma, e honra amor levado
A seu Rei nas lembranças proveitosas,
Mas quem obviar póde o destinado
E o giro das estrellas luminosas!
Intentar commetter he de ousado,
Do grande o pertender cousas honrosas;
Vencer quizera logo o animoso,
Mas foi-lhe o fado avaro, e invejoso.

As

LVII.

As nove Irmãs que no Parnaso habitão,
E se banhão nas agoas Cabalinas,
Me aconselhão, pedem, e ainda evitão
Não prosiga nas cousas Samatrinas:
Hum novo Canto a começar m' incitão
Em altas cousas de memoria dinas,
S' intentallas cantar o estilo rudo
Desculpa obedecer ás Musas tudo.

LVIII.

Descançar quéro um pouco, pois m' obrigo
D' hir cantar outro assumpto dos portentos,
Da fortuna, e Neptuno duro imigo
Como de Eólo os rijos movimentos:
Os successos, os casos, e o perigo,
A que homens derão causa, e elementos,
E por fim o que o nosso bom destino
Alcançou por hum meio tão divino.

QUARTETOS

Ao Senhor Rei D. Sebastião, em os quaes o Poeta lamenta a perda da preciosa vida deste Monarca, e da Lusitana gloria nos campos de Alcacer Quiver.

I.

AQuella hembra embidioza
Que trae rueda ligera
Que já mas parò em coza
Dulce, amarga, blenda y fiera.

II.

Inconstante concubina
De los prosperos Estados,
Que los dexa y arruina
Quando estan mas properados.

III.

Com razon dicha fortuna
Importuna, e cariable,
Valuntaria y detestable
Con efetos de la luna.

O resto está em o manuscrito de Luiz de Camões, e de Antonio de Abreu.

FIM.